

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**DIFERENTES VOZES, DIFERENTES OLHARES:
REPRESENTAÇÕES PARA AS MULHERES NA
PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL NOS
EVANGELHOS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Angela Maria Rossi

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**DIFERENTES VOZES, DIFERENTES OLHARES:
REPRESENTAÇÕES PARA AS MULHERES NA
PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL NOS
EVANGELHOS**

Angela Maria Rossi

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de PósGraduação
em Letras, Área de concentração em Estudos Linguísticos,
da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Letras

Orientadora: Profa. Dr. Cristiane Fuzer

Santa Maria, RS, Brasil

2015

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Angela Maria Rossi. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: angelarossim@gmail.com

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**DIFERENTES VOZES, DIFERENTES OLHARES:
REPRESENTAÇÕES PARA AS MULHERES NA PERSPECTIVA
SISTÊMICO-FUNCIONAL NOS EVANGELHOS**

elaborada por
Angela Maria Rossi

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:



Cristiane Fuzer, DR. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Edna Cristina Muniz da Silva, DR. (UnB)



Sara Regina Scotta Cabral, DR. (UFSM)

Santa Maria, 26 de fevereiro de 2015

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

DIFERENTES VOZES, DIFERENTES OLHARES: REPRESENTAÇÕES PARA AS MULHERES NA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL NOS EVANGELHOS

AUTORA: ANGELA MARIA ROSSI

ORIENTADORA: DR. CRISTIANE FUZER

Data e local da defesa: Santa Maria, 26 de fevereiro de 2015.

A Bíblia é o livro mais traduzido do mundo. T tamanha popularidade e importância tornaram-na perene, fazendo com que as histórias contadas em seus livros perpetuem-se nas relações sociais, interajam com seus leitores e até mesmo os guiem na forma de agir e/ou pensar em relação aos valores da vida, às coisas e às pessoas. Partindo disso e considerando que a linguagem, além de apresentar a função de socialização dos indivíduos, possibilita fazer representações acerca do mundo, de nós mesmos e dos outros, este estudo apresenta a análise de 21 textos que compõem os quatro Evangelhos do Novo Testamento. A linguagem desses textos é estudada com o objetivo de evidenciar representações para as mulheres por meio da análise do sistema de transitividade e do subsistema de atitude. Para isso, os pressupostos teóricos fundamentais utilizados são as noções de gênero e registro de Martin e Rose (2012), as variáveis contextuais de Halliday (1989), categorias léxico-gramaticais do sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) e categorias semânticas do Sistema da Avaliatividade de Martin e White (2005). Os resultados evidenciam que, no que tange ao gênero, os Evangelhos podem ser considerados relatos biográficos, pois são testemunhos sobre episódios da vida de Jesus Cristo no século I. Em relação às variáveis contextuais, a análise apresentou semelhanças e diferenças no que se refere às situações sociais de produção dos Evangelhos no contexto de cada autor. No que diz respeito à análise linguística, as funções léxico-gramaticais desempenhadas e as marcas de afeto e julgamento apontam oito representações para as mulheres. Nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas, as mulheres são representadas como posses, pecadoras, adúlteras e discriminadas. Nas vozes dos evangelistas e de Jesus Cristo, foram evidenciadas representações de companheiras, humildes, devotas e corajosas.

Palavras-chave: Linguística sistêmico-funcional. Representações. Mulheres. Evangelhos.

ABSTRACT

Master's dissertation
Graduate Program in Languages
Federal University of Santa Maria

DIFFERENT VOICES, DIFFERENT VIEWS: REPRESENTATIONS FOR WOMEN IN SYSTEMIC FUNCTIONAL PERSPECTIVE IN THE GOSPELS

AUTHOR: ANGELA MARIA ROSSI

ADVISOR: DR. CRISTIANE FUZER

Date and place of defense: Santa Maria, February 26, 2015.

The Bible is the most translated book in the world. Such popularity and importance conquered by the Bible became perennial, making the stories told in its books perpetuate on social relations, interact with its readers and even guide them in the way of acting and/or thinking in relation to the values of life, to things and people. From this point and considering that language, besides having the socialization function, allows representing the world, ourselves and others, this study presents the analysis of 21 texts that make up the four Gospels of the New Testament. The language of these texts is studied in order to highlight representations for women by the transitivity system and the attitude subsystem. Therefore, the fundamental theoretical assumptions used are the notion of genre and register by Martin and Rose (2012), the concept of contextual variables by Halliday (1989), the lexico-grammatical categories of the transitivity system of Systemic Functional Grammar by Halliday and Matthiessen (2004), the semantic categories of Appraisal System by Martin and White (2005). The results show that concerning gender the Gospels can be considered biographical accounts, since they are testimonies of episodes from the life of Jesus Christ in the first century. In relation to the contextual variables, the analysis showed similarities and differences with regard to social situations of production of the Gospels in the context of each author. With regard to the linguistic analysis, the lexico-grammatical functions and the affection and judgment marks point to eight representations for women. In the voices of the Pharisees, scribes, Sadducees and Evangelists, women are represented as properties, sinful, adulterous and discriminated. In the voices of the Evangelists and Jesus Christ, we noticed representations of them as partners, humble, devoted and courageous women.

Keywords: Systemic functional linguistics. Women. Representations. Gospels.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Organização do Evangelho de Mateus com base em CNBB (2010, p.1200).....	30
Quadro 2 - Organização do Evangelho de Marcos com base em CNBB (2010, p.1241).	31
Quadro 3 - Organização do Evangelho de Lucas com base em CNBB (2010, p. 1267).....	32
Quadro 4 - Organização do Evangelho de João com base em CNBB (2010, p.1309).....	33
Quadro 5 - Gêneros e etapa de família das histórias (traduzidos por Gouveia, 2013, a partir de Rose e Martin, 2012).	45
Quadro 6 - Demonstração das etapas do um texto do Evangelho de Mateus, com base em Rose e Martin (2012).....	46
Quadro 7 - Resumo dos tipos de processos, traduzidos de Thompson (2004, p. 108).....	55
Quadro 8 - Dar e receber bens e serviços ou informações (adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004, p. 107).	56
Quadro 9 - Textos que constituem o <i>corpus</i> de análise.	68
Quadro 10 - Exemplificação dos códigos de referência a excertos do <i>corpus</i> e recursos de destaque utilizados para identificação de categorias linguísticas.....	72
Quadro 11 - Exemplificação do gênero relato biográfico no Evangelho de Mateus.....	79
Quadro 12 - Exemplo de narrativa no Evangelho de Mateus.	80
Quadro 13 - Exemplo de relato no Evangelho de Mateus.	80
Quadro 14 - Exemplo de exposição no Evangelho de Mateus.	81
Quadro 15 - Episódios que demonstram a participação de mulheres no Evangelho de Mateus.	83
Quadro 16 - Episódio que demonstra a participação de mulheres no Evangelho de Marcos.	86
Quadro 17 - Episódios que demonstram a participação de mulheres no Evangelho de Lucas.	88
Quadro 18 - Episódios que demonstram a participação de mulheres no Evangelho de João.....	90
Quadro 19 - Verbos que realizam processos verbais para introduzir vozes não autorais.	92

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Organização dos livros bíblicos.	27
Figura 2 -	Texto em contextos (Fuzer e Cabral, 2010, p. 15).	41
Figura 3 -	Visão geral das relações entre gêneros e realização léxico-gramatical (traduzido de Martin e Rose, 2008, p. 12).	43
Figura 4 -	Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração (adaptados de Halliday e Matthiessen, 2004, p. 176).	49
Figura 5 -	Tipos de processos nas orações (traduzidos por Fuzer e Cabral, 2010, a partir de Halliday, 1994).	50
Figura 6 -	Tipos de modalidade (adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004, p. 150).	58
Figura 7 -	Figura representativa do sistema de Avaliatividade (com base em Martin e White, 2005, p. 38).	60
Figura 8 -	Julgamento e Apreciação como Afeto institucionalizado (adaptado de Martin e White, 2005, p. 45).	62
Figura 9 -	Vozes autorais e não autorais presentes no <i>corpus</i>	70
Figura 10 -	Exemplo da tipografia bíblica: Mateus, capítulo 21, versículos 1-4 em CNBB, 2010.	85
Figura 11 -	Representações manifestadas para as mulheres nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas.	101
Figura 12 -	Frequência das funções léxico-gramaticais desempenhadas pela mulher nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas.	101
Figura 13 -	Representações manifestadas para as mulheres nas vozes de Jesus Cristo e Evangelistas.	118
Figura 14 -	Frequência das funções léxico-gramaticais desempenhadas pelas mulheres nas vozes de Jesus e dos Evangelistas.	118
Figura 15 -	Representações manifestadas para as mulheres nos Evangelhos.	125

LISTA DE ABREVIATURAS

a. C	- Antes de Cristo
A.T	- Antigo Testamento
AEC	- Antes da Era Comum
CNBB	- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
d.C	- Depois de Cristo
GSF	- Gramática Sistêmico-Funcional
LSF	- Linguística Sistêmico-Funcional
N.T	- Novo Testamento
TGR	- Teoria de Gêneros e Registros

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – PARA CONHECER E ENTENDER A BÍBLIA	25
1.1. A Bíblia ainda vive	25
1.2 A história do Novo Testamento	28
1.2.1 O Evangelho de Mateus	29
1.2.2 O Evangelho de Marcos	30
1.2.3 O Evangelho de Lucas	31
1.2.4 O Evangelho de João.....	32
1.3 Discurso religioso.....	34
CAPÍTULO 2 – ALICERCES SISTÊMICO-FUNCIONAIS.....	39
2.1 Perspectiva hallidayana de linguagem, texto e contexto.....	40
2.2 Panorama sobre gênero textual.....	42
2.3 A Gramática Sistêmico-Funcional	47
2.3.1 Oração como representação: sistema de transitividade	48
2.3.2 Oração como troca: sistemas de MODO e modalidade.....	56
2.4 Sistema de Avaliatividade: subsistema de Atitude	59
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	66
3.1 Universo de análise	66
3.2 O <i>corpus</i>: passagens dos Evangelhos que contêm referências à mulher	67
3.3 Procedimentos de análise	69
3.3.1 Análise contextual.....	69
3.3.2 Análise Linguística.....	70
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	73
4.1 Análise Contextual	73
4.1.1 Contexto de cultura – o Evangelho como gênero.....	74
4.1.2 Variáveis de registro	81
4.1.2.1 Contexto do Evangelho de Mateus	82
4.1.2.2 Contexto do Evangelho de Marcos.....	85
4.1.2.3 Contexto do Evangelho de Lucas	87
4.1.2.4 Contexto do Evangelho de João	89
4.2 Análise textual: representações para a mulher com base em evidências linguísticas.....	91
4.2.1 Análise dos textos dos Evangelhos	91
4.2.2 Representações para a mulher evidenciadas nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas	93

4.2.3 Representações para a mulher evidenciadas nas vozes de Jesus Cristo e dos evangelistas	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127
APÊNDICES	139

INTRODUÇÃO

Traduzida do Grego βίβλια, que significa “os livros”, a Bíblia é assim denominada por ser constituída não por uma história, mas por uma compilação de diferentes histórias que refletem o modo de vida das populações do mundo antigo, especificamente da Suméria, da Mesopotâmia, do Egito, da Pérsia, da Grécia e de Roma, registrado em diferentes livros, (LAVRADOR, 2010). Essa coletânea de livros representada pela Bíblia, de acordo com Lavrador (2010), destaca-se pela importância que exerce na cultura ocidental – judaico-cristã – e pelos conhecimentos antropológicos, culturais, históricos, sacerdotais e proféticos entrelaçados em suas páginas.

Essa riqueza de conhecimentos faz com que a Bíblia seja uma fonte de informações. Por conseguinte, segundo Lavrador (2010), seu propósito maior é apresentar a relação do homem com Deus, desde o início da criação até o fim dos tempos, de modo a trazê-la ao conhecimento de seus leitores, cristãos ou não. Ao fazê-lo, a Bíblia torna-se um livro “aberto” a interpretações do homem, que não a idealiza como um livro científico, mas que busca respostas sobre a vida, a morte e as relações/convivências humanas. Talvez seja esse um dos motivos que faz da Bíblia o livro mais traduzido, vendido e lido de todos os tempos.

Dentre os seus maiores consumidores e leitores, estão os brasileiros. Segundo a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), além de o Brasil ser considerado o maior “comprador” e editor da Bíblia, no ano de 2000, conforme dados da pesquisa da Câmara Brasileira do Livro, ao menos 18% da população brasileira revelaram que leem a Bíblia rotineiramente.

Tamanha popularidade e importância conquistadas pela Bíblia tornaram-na perene, fazendo com que as histórias contadas em seus livros perpetuem-se nas relações sociais, interajam com seus leitores e até mesmo os guiem na forma de agir e/ou pensar em relação aos valores da vida, às coisas e às pessoas.

Em meio às orientações ofertadas pela Bíblia em suas escritas e nela buscadas pelos crentes, estão as destinadas às mulheres. Enfocando, por exemplo, o modo de se portarem diante de seus maridos, da sociedade ou de Deus, a mulher é, muitas vezes, o mote central de cartas, epístolas e Evangelhos. Diante disso, neste trabalho, detemo-nos na linguagem empregada em Evangelhos do Novo Testamento para investigarmos, a partir de orientações ou prescrições, representações construídas para as mulheres, considerando, quando possível, aspectos do contexto de produção dos textos.

Orientada por esse propósito, esta pesquisa de mestrado vincula-se à Linha de Pesquisa “Linguagem no Contexto Social”, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, cuja preocupação está em estudar a linguagem em diversos contextos, considerando as práticas sociais e culturas distintas, a fim de compreender a inter-relação existente entre a linguagem e a sociedade. Integrando essa Linha de Pesquisa, está o projeto da orientadora desta pesquisa, intitulado *Gramática Sistêmico-Funcional para análise de representações sociais* (FUZER, 2009) (registro GAP/CAL nº 025406), e, conseqüentemente, o presente trabalho, que focaliza representações, intitulado *Representações sobre a mulher por meio da linguagem em textos Bíblicos do Novo Testamento* (registro GAP/CAL nº 034525). Este estudo ainda está articulado ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa – NELP (CABRAL, 2010), que tem por objetivo reunir pesquisas sobre teoria e aplicação de conceitos teóricos em Língua Portuguesa.

Na linha de pesquisa “Linguagem no Contexto Social”, estudos da linguagem em distintos contextos têm sido realizados. Tendo como base teórica e metodológica a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (HALLIDAY, 1989 e 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), destacam-se os trabalhos de Cabral (2007), que se preocupou com o contexto midiático, Fuzer (2008), que se dedicou ao contexto jurídico, e Ticks (2008), que se direcionou ao contexto educacional. Com relação à linguagem usada para construir representações, citamos, entre outros, Farencena (2011), que investigou representações para personagens em fábulas de Esopo e de Millôr Fernandes; Olmos (2011), que averiguou representações para adolescentes em editoriais da revista *Capricho*; Silva (2012), que pesquisou representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático; Cargnin (2014), que explorou representações de professores em discursos de formatura. Em nosso estudo, centramo-nos em representações para a mulher no contexto bíblico e restringimos nosso foco ao Novo Testamento, especificamente aos Evangelhos.

Por esta pesquisa abordar temas de cunho social, é adequado percorrermos estudos prévios em diferentes áreas da ciência, a fim de considerarmos como a questão pesquisada tem sido apresentada. Hoerlle (2009) acentua que a Bíblia sagrada é o livro mais traduzido, distribuído e lido em todos os tempos. Para o autor, poucos são os textos que permanecem vivos e populares como os da Bíblia. Embora em seus primórdios sua composição tenha sido oral, ainda hoje ultrapassa o tempo, permanecendo na sociedade por muitos séculos, atraindo fiéis que buscam na religião ensinamentos para a vida por meio dessa escritura.

Na área da Antropologia, Rosado (2001) utiliza textos bíblicos para analisar como os processos feministas nas religiões desenvolveram-se para além da teologia. Sob uma

perspectiva do Direito, Canezin (2004) analisa o capítulo Gênesis da Bíblia, a fim de mostrar que o casamento tornava a mulher submissa e que essa ideia está associada ao fato de a mulher ter surgido historicamente da matéria-prima do homem, o que sedimentou a noção de inferioridade da mulher.

Em números significativos, há trabalhos no campo da Teologia que buscam nos textos bíblicos ferramentas analíticas para promover a reflexão e o desenvolvimento do conhecimento religioso e ampliar os estudos sobre temas relacionados à mulher, como é o caso do trabalho de Deifelt (1992), que apresenta a *Bíblia das Mulheres*, um projeto de interpretação bíblica coordenado por Elisabeth Cady Stanton. Foi a primeira tentativa de releitura da Bíblia efetuada sob o ponto de vista específico das mulheres: foram analisados criticamente os textos bíblicos usados para discriminar as mulheres, e apropriaram-se positivamente daqueles que afirmam sua dignidade. Também Machado (1999) aborda questões de análise sobre os acontecimentos que permitiram às mulheres se expressarem de forma contundente quanto à sua condição subalterna nas igrejas cristãs e na sociedade. Ainda, Alexius (2010) faz uma investigação sobre qual foi a atitude de Jesus Cristo diante da violência contra a mulher demonstrada na passagem de João 7:53 – 8:11, tendo essa pesquisadora o intuito de refletir sobre essa temática nos dias atuais.

No campo literário, destacamos Braga (2007) que faz uma análise, por meio de abordagem socioliterária, da caracterização que a Bíblia Hebraica faz de três mulheres – personagens de suas narrativas –, buscando entender o comportamento sexual e de moralidade em contraste com as exigências feitas sobre a mulher em partes da Bíblia. Drummond (2012) investiga os poemas de autoria de Sophia de Mello Breyner Andresen relacionados com passagens bíblicas, buscando sentido e aprofundamento da obra dessa poetisa.

Na área da linguística, destacamos alguns estudos sobre representações para a mulher. Um é o de Oliveira (2007), que trata da representação feminina em músicas *funk* popularizadas a partir de 2004. Uma de suas conclusões indica que os processos verbais são usados para criar um espaço social de inferiorização feminina, devido ao fato de que a voz masculina é sempre representada como superior à feminina. Também analisa representações em letras de música Rodrigues (2010), que buscou compreender como a mulher é representada no forró eletrônico, evidenciando que a mulher é representada como objeto de prazer sexual masculino. Outro estudo é o de Assumpção (2008), que em sua análise, identifica as representações que a mídia impressa constrói para a mulher profissional em revistas brasileiras e norte-americanas. Em uma de suas conclusões, a autora esclarece que as mulheres são representadas por meio de processos materiais que constroem a representação de

uma mulher que atua em termos de avanços profissionais. Em outro contexto, na política, Moraes (2008) evidencia que as mulheres são representadas por meio de suas características femininas e não por sua competência profissional.

Dentre os trabalhos que usam a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, que para abordar a temática Bíblia ou mulher, citamos uma pesquisa desenvolvida por Graber (2001), que usa como suporte teórico a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) na análise do texto a Parábola do Semeador. Esse trabalho se concentrou em análises léxico-gramaticais com intenção de chegar às variáveis contextuais. A análise dos significados experienciais possibilitou ao autor compreender que a parábola é sobre a semente e não sobre o semeador, uma vez que as sementes são o Ator ou a Meta de quase todos os processos materiais da parábola. Na análise dos significados interpessoais, destaca-se a função de fala demanda de informação, que explica a diferença entre o modo como Jesus se relacionava com os discípulos e com a multidão. Os significados textuais revelaram a progressão temática ao longo da seção, indicando um significado pragmático dentro do Evangelho de Mateus, salientando-se que essas seções paralelas não ocorrem em Marcos ou Lucas, por exemplo.

Nessa mesma linha de análise textual, em estudo preliminar, analisamos orações que constituem o capítulo 5 - Carta de Paulo aos Efésios, conhecida como a Epístola aos Efésios, pertence ao Novo Testamento da Bíblia Sagrada, traduzida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 2010. Usando os pressupostos da GSF, especificamente a transitividade, as funções de fala e os recursos de polaridade, a análise dos elementos léxico-gramaticais evidenciou que a mulher desempenha os papéis de Portador em orações relacionais, representada como submissa, e de Beneficiário em orações materiais, representada passivamente na constituição da família, como se não fosse apta a ações no meio social. As condutas a serem seguidas aparecem em forma de comandos, realizadas pelo uso do modo imperativo e de recursos de modalidade com alto grau de assertividade e obrigatoriedade. Essa configuração léxico-gramatical, de certo modo, mantém, de geração a geração, a representação de Deus e do homem como detentores do poder, e a representação da mulher como submissa a Deus no plano espiritual e ao homem no meio social (ROSSI e FUZER, 2012).

A partir dos estudos mencionados, entendemos que os textos bíblicos podem ser fonte de identidade cultural de determinado povo (LAVRADOR, 2010). Deste modo, faz-se necessário especificar qual Bíblia conduz os estudos deste trabalho. Borg (2001) esclarece que as diferenças entre as Bíblias restringem-se ao número de livros presentes no Antigo

Testamento; quanto ao Novo Testamento não há diferenças entre as Bíblias católicas, protestantes ou ortodoxas.

A Bíblia católica, foco deste trabalho, refere-se ao Cristianismo – religião dos Cristãos. De acordo com Caldas (2004, p. 03), o Cristianismo está compreendido em três fases:

a) a primeira fase está situada entre época da vida de Jesus até o ano 100, data em que a maioria dos contemporâneos de Jesus já havia falecido; b) a segunda fase vai do ano 100 ao ano de 250, no momento em que o Cristianismo se propagava fora da Palestina, principalmente nas províncias romanas mais antigas (Síria, Ásia Menor, Egito e, é claro, pela Itália, especialmente em Roma), sem, no entanto, constituir uma religião universal; c) o terceiro momento abrange a época em que o Cristianismo foi mais intensamente perseguido pelo Estado romano (entre 250 e 311) até sua aceitação como religião do Estado imperial romano a partir de 391.

De acordo com uma pesquisa realizada pela *Pew Research Center*, em fevereiro de 2013, o catolicismo representa 50% dos cristãos em todo o mundo. A pesquisa ainda mostra que o Brasil é o segundo país da América Latina que concentra o maior número de católicos (65% da população). A partir desses dados, neste trabalho optamos como fonte a *Bíblia Sagrada*, tradução da CNBB¹, em língua portuguesa, que tem aceitação pelo público especializado.

Nessa Bíblia, interessam-nos os Evangelhos, pois são textos que relatam a vida de Cristo na terra e que podem auxiliar na compreensão de muitos aspectos relacionados ao papel da mulher na sociedade da época. Considerando que é por meio da linguagem que as crenças se perpetuam, as tradições são compartilhadas e servem à sociedade como uma forma de estruturação da sua cultura. As crenças religiosas são uma das principais influências na maneira de pensar e agir de muitas pessoas, orientando-as. Dessa forma, os Evangelhos podem revelar informações e representações para a mulher e sua condição social, uma vez que se relacionam diretamente com a sociedade, com o contexto e com a cultura.

Essas condutas e valores que permeiam as relações sociais em contextos variados são questões que nos estimulam a estudar os Evangelhos bíblicos em busca de respostas a indagações como: Que representações de mulher são reveladas pela linguagem nos Evangelhos? O que essas representações revelam sobre o contexto social em que os textos foram produzidos? Com base nessas questões, temos o seguinte problema de pesquisa: **quais representações são manifestadas para as mulheres nos Evangelhos por meio de escolhas**

¹ Instituição permanente que congrega os Bispos da Igreja católica no país.

léxico-gramaticais e semântico-discursivas na oitava edição brasileira da *Bíblia Sagrada* (CNBB)?

Isso posto, analisamos exemplares dos Evangelhos do Novo Testamento pertencentes à Bíblia Sagrada, traduzidos em língua portuguesa pela CNBB, com publicação no ano de 2010, disponíveis no site <http://www.bibliacatolica.com.br/>. Nessa análise, a discussão que nos instiga diz respeito, de modo especial, ao fato de que os textos bíblicos tenham se perpetuado ao longo do período histórico. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é **evidenciar representações para a mulher nos quatro Evangelhos do Novo Testamento por meio da análise do sistema de transitividade e do subsistema de atitude.**

Esse objetivo se desdobra em seis **objetivos específicos**, que são:

- 1) descrever a configuração contextual dos textos que constituem o *corpus*;
- 2) analisar as funções léxico-gramaticais desempenhadas pelo item lexical “mulher”, “mulheres” e seus referentes a partir da descrição do sistema de transitividade;
- 3) verificar ocorrências de avaliações atitudinais nas passagens que façam referência a mulher(es) e categorizá-las quanto à sua natureza;
- 4) apresentar evidências linguísticas das representações, a partir do sistema de transitividade, e das avaliações, a partir do subsistema de atitude, para mulheres nos Evangelhos;
- 5) verificar quais representações são construídas na voz autoral e na não autoral²;
- 6) sistematizar as representações encontradas para as mulheres nos textos que compõem o *corpus*.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, além desta introdução. No Capítulo 1, apresentamos a contextualização dos textos bíblicos referentes aos autores dos Evangelhos, uma vez que é fundamental compreender as relações entre texto e contexto.

No Capítulo 2, destacamos os pressupostos teóricos que usamos na análise linguística. Em princípio, abordamos a noção de gênero na perspectiva da escola de Sydney (2008/2012) e sistematizamos conhecimentos sobre as variáveis contextuais com base em Halliday (1989). Em seguida, evidenciamos os subsídios para a pesquisa encontrados na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004; 2014), abordando o sistema de transitividade, que realiza a metafunção ideacional, e elementos interpessoais, que realizam a metafunção interpessoal. Ainda utilizamos os pressupostos do Sistema de Avaliatividade (*Appraisal*) de

² Neste trabalho, utilizamos, com base em Martin e White (2005), as noções de voz autoral (entendida como a voz do produtor do texto, do escritor/falante) e voz não autoral (definida como a voz externa trazida ao texto pela voz autoral).

Martin e White (2005), enfatizando o subsistema de atitude e de engajamento. Consideramos que, por meio da análise das funções léxico-gramaticais evidenciadas, da análise das manifestações de afeto, apreciação e julgamento e por meio do reconhecimento das vozes presentes no *corpus*, podemos investigar como as representações para a mulher são avaliadas nos textos bíblicos.

No Capítulo 3, descrevemos a metodologia adotada neste estudo. Esse capítulo comporta o universo de análise, os critérios de seleção do *corpus* e os procedimentos de análise dos textos.

No Capítulo 4, fazemos a descrição e análise da Configuração Contextual dos textos bíblicos que constituem o *corpus*. Em seguida, na análise linguística, discutimos o sistema de transitividade e o Sistema de Avaliatividade. Para tanto, contemplamos quais as funções léxico-gramaticais são desempenhadas e quais atitudes são expressas nos textos, de modo a averiguar representações construídas para a mulher por vozes autorais e não autorais do *corpus*. Dessa forma, relacionamos os dados contextuais aos resultados da análise linguística, a fim de delinear representações manifestadas nos Evangelhos.

Por fim, expomos algumas considerações finais acerca dos resultados obtidos nas análises e o que eles nos revelam em relação aos objetivos da pesquisa. Além disso, apresentamos nossas possíveis contribuições para trabalhos futuros de pesquisa.

CAPÍTULO 1 – PARA CONHECER E ENTENDER A BÍBLIA

Neste capítulo, apresentamos informações para compreendermos o contexto em que os Evangelhos foram produzidos. A Linguística Sistêmico-Funcional, teoria que norteia este trabalho, considera o estudo do texto atrelado ao seu contexto, pois ambos se influenciam reciprocamente. Halliday e Matthiessen (2004) esclarecem que a linguagem é vista não como um conjunto de regras, mas sim como recursos para construir significados que são resultantes de escolhas realizadas pelos usuários da língua. Os significados estão vinculados, em um plano mais amplo, ao contexto de cultura e, em um plano mais específico, ao contexto de situação.

Tendo em vista que, com este trabalho, objetivamos analisar a linguagem nos Evangelhos do Novo Testamento que trazem a palavra-chave “mulher” e demais itens lexicais referentes a esse campo semântico, na seção 1.1, apresentamos dados sobre a origem da Bíblia, situando-a historicamente. Na seção 1.2, subdividida em quatro subseções, trazemos dados sobre a estrutura da Bíblia e destacamos suas principais características. Além disso, discorreremos sobre os evangelistas (Mateus, Marcos, Lucas e João) para entendermos sobre o contexto de produção de seus textos. Os estudiosos usados para subsidiar as informações bíblicas são Rogerson (2003), professor Doutor, pela Universidade de Manchester, em estudos bíblicos e línguas semíticas, e Borg (2001), professor Ph.D pela Universidade do Estado de Oregon, pesquisadores nos assuntos de religião e de cultura. Na seção 1.3, problematizamos a situação da mulher na sociedade, destacando os principais movimentos no decorrer da luta feminista, a fim de buscarmos subsídios para localizá-la na história.

1.1. A Bíblia ainda vive

O estudo bíblico como cunho científico, segundo Rogerson (2003), é reconhecido há pelo menos 1500 anos, embora ainda esteja intrínseco nas relações sociais apenas como aspecto religioso. Um fator que disseminou a associação da Bíblia apenas ao religioso surgiu há cerca de 500 anos. Borg (2001) esclarece que a Bíblia era lida apenas por pessoas que conheciam as línguas latina, grega e hebraica. Entretanto em torno de 1400, os estudiosos bíblicos iniciaram a tradução bíblica de uma língua clássica para uma linguagem

contemporânea. Nesse sentido, a acessibilidade à leitura dos textos, segundo Borg (2001), acarretou pontos positivos e negativos. Positivamente, disseminou o cristianismo e possibilitou que a leitura deixasse de ser privilégio da classe elitizada. Negativamente, tornou-se possível interpretação individual, nomeada por Borg (2001) de “literalismo natural”, ou seja, os leitores aceitavam as escritas bíblicas sem questionamentos.

Segundo Comfort (1998), a palavra Bíblia vem do grego βίβλια, que significa livros, ou seja, um conjunto de textos escritos por pessoas que viveram em diferentes épocas históricas. Segundo Alves (2013), João Ferreira d'Almeida foi o primeiro tradutor da Bíblia para a língua portuguesa, no séc. XVII. Ao longo do período, várias versões foram traduzidas, conforme dados extraídos da Sociedade Bíblica do Brasil (n. 215, p.28), a Bíblia “está disponível pelo menos em parte em 2.426 línguas, o que equivale a 95% da população mundial”, comprovando sua importância social.

Para além da vasta quantidade de traduções, a importância da Bíblia se verifica também no campo teórico, uma vez que é responsável pelo surgimento ou fomento de muitos estudos ao longo do século. De acordo com Botelho (2008), destaca-se o surgimento do judaísmo, do cristianismo, noções de direito e a concepção de livre-arbítrio. Ademais, influenciou a história da arte, com os afrescos de Michelangelo e Leonardo da Vinci.

Muitas especulações cercam o universo da Bíblia, dado que há contradições sobre os autores que a escreveram. Para Rogerson (2003), o judaísmo e o cristianismo acreditam na ideia de que escritores comuns tinham escrito os textos. O protestantismo – pós-Reforma – considera que Deus, através do Espírito Santo, comandou os pensamentos dos autores; assim, Deus era o próprio escritor da Bíblia.

Esse princípio de os escritos serem inspirados pelo divino, segundo Rogerson (2003, p.47), começou a ser questionado no século XVIII, “como uma profissão”, ou seja, estudado criticamente. O autor sugere que

a ideia, proposta pelos pesquisadores bíblicos modernos, de que a Bíblia foi composta por vários processos de absorção de fontes originalmente distintas, ou pela suplementação de fontes originais, e que tudo isto foi feito por várias, se não muitas, mãos, talvez durante um longo período, é estranha à experiência de leitores modernos e precisa ser explicada e justificada (ROGERSON, 2003, p. 48).

Por esse motivo, Rogerson (2003) justifica que a aceitação de que os textos bíblicos são de fontes originalmente separadas explica algumas partes bíblicas repetidas em algumas narrativas. Além disso, explica o fato de alguns trechos bíblicos serem mal encadeados e, muitas vezes, de difícil compreensão.

Tendo em vista a organização da Bíblia, os capítulos são distribuídos em duas partes que, juntas, constituem a Bíblia: o Antigo Testamento (AT) e o Novo Testamento (NT). A Figura 1 traz resumidamente a organização dos capítulos em cada uma dessas partes.

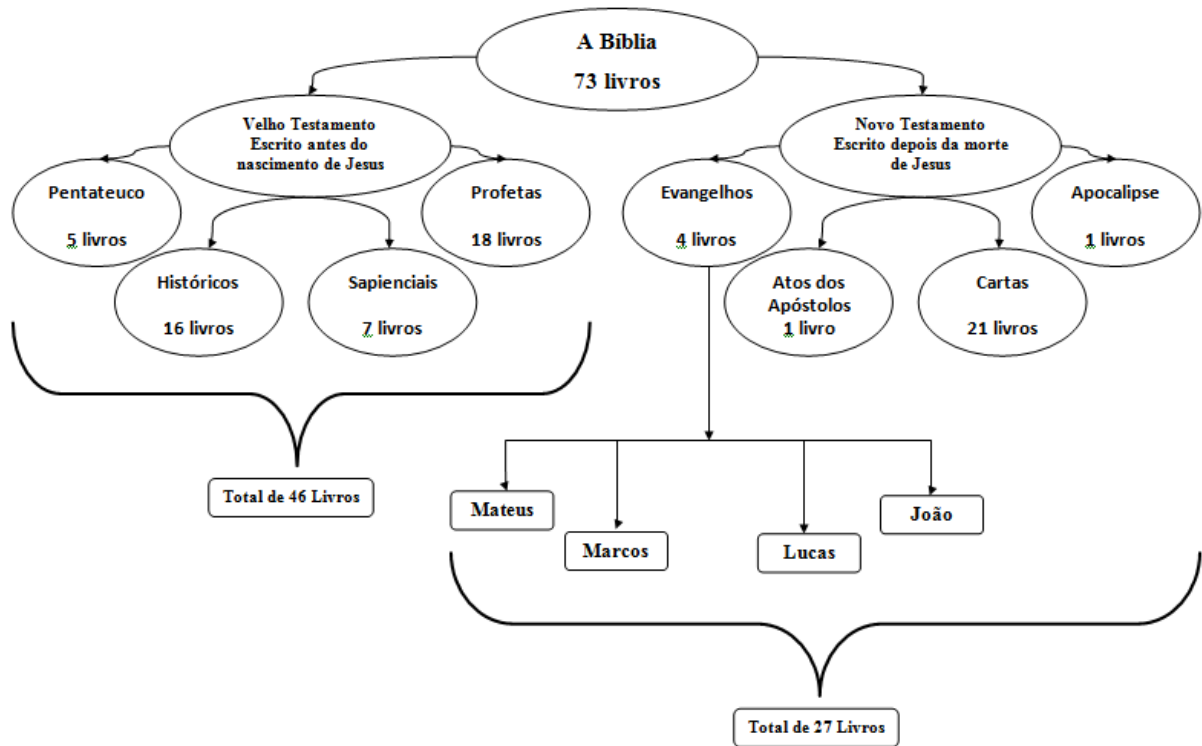


Figura 1– Organização dos livros bíblicos.

Quanto ao conteúdo, segundo Rogerson (2003), no AT, mais da metade dos livros são históricos, ou seja, contam a “história da antiga Israel desde os tempos de Abraão até Esdras e Neemias (século V AEC)” (p. 73). No NT, por sua vez, as histórias são sobre o movimento cristão primitivo, enfatizando a vida de Jesus, livro sobre o qual apresentamos as principais características na seção seguinte.

1.2 A história do Novo Testamento

Durante muito tempo, homens religiosos (sacerdotes, profetas) foram instigados a manterem a história de Jesus Cristo por meio da contação de acontecimentos que o envolviam. Esses fatos foram narrados e passados de geração em geração, muitos escritos em Evangelhos. Os relatos, conforme Chagas (2010), foram compilados

reunidos em coleções conhecidas por A Lei, Os Profetas e As Escrituras. Esses três grandes conjuntos de livros, em especial o terceiro, não foram finalizados antes do Concílio Judaico de Jamnia, que ocorreu por volta de 95 d.C. Os primeiros manuscritos do Novo Testamento que chegaram até nós são algumas das cartas do Apóstolo Paulo destinadas a pequenos grupos de pessoas de diversos povoados que acreditavam no Evangelho por ele pregado (CHAGAS, 2010, p.27).

Também Cullmann (2001) esclarece que a palavra Evangelho vem do grego profano *euaggélion*, que significa “em Homero e Plutarco, a recompensa dada ao mensageiro por sua mensagem” (p. 15), ou seja, é a mensagem (boas novas) anunciada. Segundo Borg (2001), os Evangelhos são fundamentais, porque eles contam a história de Jesus Cristo, com detalhes sobre o seu nascimento, sua adolescência, suas pregações, sua morte e sua ressurreição. Cullmann (2001) salienta que os Evangelhos são relatórios factuais sobre acontecimentos do passado, que tratavam da forma de governo e da maneira como o povo vivia em comunidade.

Os Evangelhos foram escritos em diferentes comunidades. Por esse motivo, Borg (2001) justifica que “são construções temáticas, cada uma com suas próprias características exclusivas, propósito e ênfase” (p. 60). O tempo de escritura das obras do Novo Testamento, tal como reporta Rogerson (2003), teria sido relativamente curto, em torno de 70 anos, e seu propósito residiria em “uma disputa fundamental sobre o significado de Jesus com relação ao judaísmo de sua época” (p. 150).

Embora haja um período estimado da escrita desses Evangelhos, ainda há uma grande discussão em relação aos verdadeiros escritores. Para Borg (2001), não há certeza de quem são os autores dos escritos, já que são documentos anônimos, embora presumivelmente os seus autores fossem conhecidos nas comunidades. Em tese, conforme o autor, o Evangelho mais antigo seria o de Marcos, e o mais recente o de João.

Em síntese, os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são considerados sinóticos, conforme destaca Borg (2001), devido à similaridade nos conjuntos dessas escritas. Por sua vez, o de João é o mais distante no aspecto de conteúdo entre eles.

Nas subseções, apresentamos as histórias dos evangelistas. Começamos tratando de Mateus, do primeiro Evangelho.

1.2.1 O Evangelho de Mateus

O Evangelho de Mateus é o primeiro livro do Novo Testamento. Estima-se que foi escrito entre 80-90 d.C. No entendimento de Rogerson (2003), Mateus, conhecido pelo nome de Levi, apresenta em sua escrita dependência de outras fontes. Segundo o teórico, calcula-se que, dos 1070 versículos de Mateus, em torno de 600 têm relação com o Evangelho de Marcos.

Rogerson (2003) comenta que o fato de a base de Mateus ser outras fontes não prejudicaria a originalidade de sua composição. O estudioso acrescenta que Mateus traz em sua escrita a peculiaridade de ser o único dentre os evangelistas a apresentar as parábolas das cabras e das ovelhas, o que torna seu Evangelho o preferido na Igreja primitiva.

Nos textos de Mateus, “o ambiente e propósito do Evangelho podem ser deduzidos do seu conteúdo” (ROGERSON, 2003, p.181), uma vez que foram escritos em um ambiente de disputas entre a igreja e comunidade judaica local em constante defesa de críticas, conforme justifica o referido autor. Um exemplo disso é a história de Jesus ser gerado por uma virgem, o que poderia ser uma resposta às alegações judaicas de que Jesus Cristo seria um filho ilegítimo.

Mateus, conforme Borg (2001), é considerado o evangelista mais judeu e o mais hostil ao judaísmo, sendo tais características refletidas no Evangelho pela intensidade dos conflitos com o judaísmo em relação à situação da comunidade. Após a reconquista de Roma, explica o autor, os judeus sobreviventes procuraram preservar a identidade judaica, embora tivessem perdido o templo, que representava essa identidade. Com a destruição do templo, os próprios judeus começaram a eliminar os que seguiam Jesus, usando o argumento de que não eram verdadeiros judeus. Assim, Mateus buscava esclarecer “que a sua comunidade de judeus cristãos é fiel às tradições de Israel” (BORG, 2001, p.64). A fidelidade de Mateus às tradições, segundo Borg (2001), pode ser comprovada no decorrer do Evangelho, considerando que cita, estima-se, mais de 40 vezes as expressões “a tradição” e “está escrito”.

De acordo com a CNBB (2010), o Evangelho de Mateus está organizado da seguinte maneira:

1-2 ³ : O nascimento do Messias					
3-13: A proclamação do Reino em palavras e ações			14-28: O conflito e o caminho da cruz		
3-4: Abertura da atividade de Jesus	8-9: Milagres e curas	11-12: Atividade na Galileia	13, ⁴ 53 -17,29: Constituindo comunidades	19-23: Controvérsias em Jerusalém	26-28: Paixão, morte e ressurreição
5 Montanha	10 Sermão da Missa	13 Sermão das Parábolas	18 Sermão da comunidade	24-25 Sermão escatológico	

Quadro 1 – Organização do Evangelho de Mateus (com base em CNBB, 2010, p.1200).

Se o Evangelho de Mateus é marcado pelas disputas judaicas perante a comunidade, o Evangelho de Marcos, por outro lado, preocupou-se em apresentar a forma de seguir Jesus Cristo, conforme veremos na próxima subseção.

1.2.2 O Evangelho de Marcos

O Evangelho de Marcos, tradicionalmente, tem sua origem em Roma e, conforme Rogerson (2003), representa uma fonte de informações sobre a vida de Jesus Cristo. Envolvidos por uma grande inquietação e muitas dúvidas sobre a autoria, os escritos atribuídos a Marcos são datados por volta de 70-80 d.C, depois da destruição de Jerusalém.

Essa inquietação “deixa em aberto a questão do propósito e das fontes” (ROGERSON, 2003.p. 171), pois, segundo o autor, Marcos não escreveu uma biografia de Jesus Cristo, mas relatou seus ensinamentos a partir de uma comunidade que acreditava na sua ressurreição e na sua autoridade.

Os itens lexicais presentes no Evangelho, para Borg (2001), reafirmam o período de destruição presente na sociedade, em que são recorrentes as palavras “destruição do templo.” Entretanto, esse não é o principal conteúdo abordado por Marcos, mas sim a forma de seguir Jesus Cristo, sua maior preocupação.

O Evangelho de Marcos está organizado em 16 capítulos, a partir de CNBB (2010), conforme o Quadro 2.

³ O sinal do hífen indica os capítulos que são abrangidos – neste caso, do capítulo 1 ao capítulo 2.

⁴ A vírgula indica o versículo – neste caso, capítulo 13, versículo 53.

Abertura	Quem é este? Que Reino é esse que ele anuncia?			Profissão de fé: O Messias (8,29)	O Messias diferente: Filho do Homem, Servo e Filho de Deus	
1,1 -13 ⁵	1,14 -3,6	3,7 -5-43	6,1 -8,26	8,27 -10,52	11,1 -13-37	14,1 -16-20
João Batista, Batismo de Jesus	O início da Galiléia	Gestos e palavras do Reino	Pão para Todos	Instruções do caminho e seguimento	Atividade em Jerusalém	Paixão, morte e ressurreição

Quadro 2 – Organização do Evangelho de Marcos (com base em CNBB, 2010, p.1241).

O Evangelho de Marcos é o menos extenso dentre os Evangelhos. Rogerson (2003) assegura que Marcos é fonte comum em Mateus e Lucas. Na próxima apresentamos o Evangelho de Lucas.

1.2.3 O Evangelho de Lucas

O Evangelho de Lucas é composto por 24 capítulos e é considerado o primeiro de uma obra de dois volumes. No segundo capítulo, estão Atos dos Apóstolos (BORG, 2001). Segundo Borg (2001), há uma relação intrínseca entre os dois volumes, pois são complementares em informações. Embora os volumes apresentem muitos dados, Rogerson (2003) indica que não são encontradas evidências sobre a autoria em ambos os escritos.

A história do Evangelho começa e termina em Jerusalém e narra “a missão de Jesus para o povo Judeu na pátria judaica” (BORG, 2001, p. 67). Na escrita desse Evangelho, segundo Rogerson (2003), Lucas teria usado o Evangelho de Marcos como fonte, embora na passagem sobre a Paixão não exista relação ao evangelista referido. O fato é que ainda não há consenso se houve ou não acesso a outra fonte que não fosse Marcos.

Em meio a tantas discussões sobre autoria, Rogerson (2003) aponta que o “Evangelho de Lucas é especialmente sensível aos pobres e às mulheres, e que ele enfatiza que seguir Jesus acarreta sofrimentos.” (p. 186). Por essas ações, Borg (2001, p. 70) qualifica Lucas como o “profeta social”.

Os capítulos de Lucas são organizados da seguinte maneira, consoante a CNBB (2010), conforme o Quadro 3.

⁵ O sinal do hífen indica os capítulos que são abrangidos, e a vírgula indica o versículo – neste caso, do capítulo 1, versículo 1, até o capítulo 13.

Promessa [Ant. Test: Lei e Profetas]	A mudança dos tempos	Cumprimento em Jesus, Deus visita o seu povo			Anúncio [Atos dos Ap: A igreja, na força do Espírito]
	1-2 Anúncio e nascimento de João e Jesus	4,14 – 9,50 Pregação na Galiléia	9,51 – 19,27 Percorrendo a terra de judeus e samaritanos	19,28 – 24, 53 Jerusalém: paixão, morte e ressurreição	
	⁶ 3,1-20 Pregação e fim de João				
3,21 - 4,13 Batismo e início de Jesus					

Quadro 3 – Organização do Evangelho de Lucas com base em CNBB (2010, p. 1267).

Se entre os três primeiros Evangelhos há muita semelhança entre os conteúdos, não podemos dizer o mesmo de João, como verificamos a seguir.

1.2.4 O Evangelho de João

Na concepção de Borg (2001), os primeiros estudiosos, por exemplo, Clemente de Alexandria, um escritor teólogo primitivo, já salientava a diferença existente nas escritas de João em relação aos demais evangelistas. Por volta do ano 200, distinguiu João dos outros Evangelhos e chamou-o “o Evangelho espiritual” (p.70).

Dentre as diferenças encontradas em João, Borg (2001) aponta quatro. A primeira delas corresponde à cronologia, podendo ser verificada na passagem em que Jesus é preso. Enquanto em Mateus, Marcos e Lucas isso ocorre na última semana de vida de Jesus Cristo, em João, Cristo morre no início de suas atividades públicas. A segunda diferença reside na questão geográfica: nos três primeiros Evangelhos, a maioria dos acontecimentos ocorre na Galiléia, ao passo que, em João, ocorrem com frequência na Judéia e em Jerusalém. A terceira diferenciação refere-se às discrepâncias nas mensagens de Jesus: em Mateus, Marcos e Lucas, a mensagem de Jesus é sobre o reino de Deus e não de si mesmo; já em João, predominam mensagens com declarações sobre o si mesmo, como “Eu sou a luz da vida”, “Eu e o Pai somos um” e “Eu sou o pão da vida”. Por fim, a quarta diz respeito às distinções no estilo do

⁶ O sinal do hífen indica os capítulos que são abrangidos, e a vírgula indica o versículo – neste caso, capítulo 3, versículo 1, até o capítulo 20.

ensino de Jesus: nos sinóticos, Jesus ensina por parábolas e discursos mais curtos; em João, os discursos são longos e mais densos.

Embora existam essas diferenças, Borg (2001) considera que, nos quatro Evangelhos, ocorre um entrelaçamento histórico e simbólico, em que João é destacado como o mais simbólico. Esse simbolismo, explica Borg (2001), já é marcado no primeiro capítulo de João, na passagem em que Jesus transforma água em vinho em um banquete no casamento em Canaã. O próprio casamento é a figura simbólica que poderia demonstrar “a intimidade do relacionamento divino-humano e o casamento entre o céu e a terra” (p. 73). Além de o Evangelho apresentar características simbólicas, Rogerson (2003) elucida que “é uma obra cuja aparente simplicidade oculta muitas camadas profundas de possíveis significados” (p. 188).

Com relação à autoria, Rogerson (2003) acredita que o Evangelho de João não seja produção de um único autor, mas “resultado de um longo processo de desenvolvimento em que a distinção entre autor e redator/editor não ficou clara.” (p. 187). Esse fato desafia a visão tradicional de que o autor foi João. Seu Evangelho está dividido em 21 capítulos organizados conforme o Quadro 4, com base na CNBB (2010).

⁷ 1, 1-18	1, 19 – 12,50	13,1 – 20,31	21
Prólogo: Jesus, a Palavra de Deus	Os “sinais” de Jesus. Ainda não chegou “a hora” Conclusão: a incredulidade (12,37-40)	A “exaltação” de Jesus Chegou “a hora” Conclusão geral: fé em Jesus, Cristo e Filho de Deus (20,30 -31)	Epílogo: a comunidade do Ressuscitado

Quadro 4 – Organização do Evangelho de João com base em CNBB (2010, p.1309).

Em resumo, os escritos dos Evangelhos não somente apresentam relatos das histórias dos povos, características sociais da época e da vida de Cristo, mas também mostram a importância da linguagem, que por meio de práticas discursivas, aliada à função social carrega marcas de conhecimento, de cultura e de ideologia. Nesse sentido, interessa-nos compreender como a linguagem é usada para registrar a participação social das mulheres nos Evangelhos.

Na próxima seção, com o intuito de compreendermos o discurso produzido nos Evangelhos, trazemos informações concernentes às abordagens teóricas sobre discurso

⁷ O sinal do hífen indica os capítulos que são abrangidos, e a vírgula indica o versículo – neste caso, capítulo 1, versículo 1, até o capítulo 18.

religioso. Com isso, podemos entender o seu contexto de funcionamento e seus significados sociais.

1.3 Discurso religioso

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo... (Fernando Pessoa)

Os versos do poeta Fernando Pessoa ilustram a complexidade de remissão ao mundo metafísico ou sobrenatural, pois abordam o espaço do indizível e do inexplicável. Isso vem sendo abordado e discutido nas mais diferentes áreas do saber. Com o objetivo de exemplificar, apresentamos, nesta seção, alguns conceitos que norteiam o universo do discurso religioso.

Embora pertençam ao universo do inexplicável, as crenças religiosas desempenham funções fundamentais na sociedade; prova disso são os escritos sagrados que permeiam por séculos as relações sociais, indicando possibilidades de interpretações, carregadas de significados, com indicações de comportamentos para os indivíduos e a sociedade. Além disso, a crença religiosa tem um “lugar central na configuração da realidade tanto coletiva quanto individual, fornecendo explicações sobre as questões essenciais que sempre preocupam os homens em todas as épocas: a vida, a morte, a doença, a infelicidade, o sofrimento, a vida além da morte, etc.” (PENÃ-ALFARO 2005, p. 55).

Sob a perspectiva sociodiscursiva, Penã-Alfaro (2005) caracteriza o discurso religioso como uma prática que transmite um sistema de crenças sobre as relações do homem com a divindade, “mediadas pela organização religiosa, que as institucionaliza e as reproduz através de discursos tanto orais quanto escritos, os quais são aceitos como textos sagrados destinados aos humanos” (2005, p.56).

No âmbito da Análise Crítica de Discurso, Orlandi (1996) esclarece que o discurso religioso apresenta como característica ouvir a voz de Deus ou de seus enviados – evangelistas, pastores, profetas, padres. Em termos gerais, Orlandi (1996) salienta que no discurso religioso há uma relação com o sagrado, em que o locutor desse discurso, Deus, está hierarquicamente acima de seus ouvintes. Nesse sentido, pode indicar uma assimetria entre

locutor e ouvinte, no sentido que pertencem aos planos de existência diferentes, Deus, ao plano espiritual, e os seres humanos, ao plano material. Essa assimetria indica uma tendência de não reversibilidade, ou seja, “os homens não podem ocupar o lugar do locutor porque este é o lugar de Deus” (1996, p.243).

O estudo de discurso religioso também é realizado por Figueira (2012), que se centra na perspectiva sócio-interacionista, mostrando os papéis e os lugares sociais desempenhados pelos participantes. O autor define que o discurso religioso desempenha uma função injuntiva, que estimula o ouvinte agir de uma determinada maneira, pois a voz que surge é autoritária, ou seja, o dirigente religioso é reconhecido, no contrato estabelecido entre ele, Igreja, fiel, como aquele que tem o direito unilateral e não reversível ao turno.

Em relação à área de linguística textual, Rodrigues e Figueiredo (2008) investigam se os recursos textuais, argumentativos ou prosódicos se manifestam com a mesma influência dentro do discurso. O gênero analisado foi uma palestra intitulada: “Homossexualismo, aborto e células-tronco, a verdade que você precisa saber”, proferida pelo pastor Silas Malafaia. As autoras concluíram que a prosódia se destaca e há evidências das marcas de estruturas simples e informais, características de um texto falado.

Na perspectiva da nova retórica, Ferreira (2009) buscou refletir no discurso do apóstolo Paulo diante dos gregos de Atenas, registrado em Atos dos Apóstolos, sobre os procedimentos retóricos empregados pelo orador com vistas ao assentimento do auditório, considerando as estratégias argumentativas. Seu estudo revelou a concepção e o valor que o orador tem em relação a seus ouvintes, pois esses são caracterizados pela atitude adotada a seu respeito, pela maneira de julgá-los e de tratá-los.

Em ambos os casos citados, é abordado o discurso religioso e sua importância social, entretanto, não encontramos trabalhos que abordem representações femininas em Evangelhos. Nesse sentido, buscamos contribuir com a análise de como a linguagem é empregada em Evangelhos para manifestar representações para a mulher nesse contexto específico.

Para tanto, pautamo-nos na perspectiva sistêmico-funcional de linguagem, em que os textos se constituem de um contínuo de escolhas semânticas dentre uma rede de significados possíveis. Essas escolhas são determinadas pela função do texto (propósito social), pelo contexto e pelas representações que norteiam o grupo social a que o falante/autor pertence.

Nesse sentido, todo texto é permeado por representações, sejam elas de experiências vividas pelo indivíduo no que diz respeito ao mundo externo (objetivo, material) ou ao mundo interno (subjetivo). Por outro lado, Moscovici (1978), a partir de uma abordagem psicossocial, permite representar um objeto e atribuir-lhe um significado, integrando o objeto

novo no campo cognitivo e afetivo dos membros de um grupo social. Assim, na próxima seção, apresentamos considerações acerca da Teoria das Representações Sociais.

1.4 Representações sociais

O termo representações sociais foi cunhado por Serge Moscovici (1961), um conceito introduzido pela Psicologia Social por meio da obra *La Psychanalyse: Son image et son public*. Conforme Jovchelovith (2003), a Teoria de Representações Sociais surgiu sob interrogações radicais, que questionavam a “relação indivíduo-sociedade e como essa relação se constrói” (p. 63).

As representações sociais são definidas como “fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum” (MOSCOVICI, 2007, p.49). Nesse sentido, as representações são construídas por meio de um processo dinâmico entre o coletivo e o individual. No momento em que se apropria e reconstrói modos de pensamentos, o indivíduo consolida representações subjetivamente e, por meio delas, possibilita construir interpretações de si e do mundo que vão nortear suas ações. Portanto, as representações possibilitam orientar as pessoas em seus ambientes, “agindo como guias referenciadores da ação” (SANTOS, NOVELINO e NASCIMENTO, 2001, p. 270-271).

As representações sociais podem ser analisadas do ponto de vista dos processos de formação e de sua função na comunicação. Segundo Almeida (2011), o termo representações sociais não se refere apenas à teoria, mas ao fenômeno que busca explicar as teorias de senso comum em que estão ligadas ao modo de compreensão e comunicação de uma coletividade. Moscovici (2007) evidencia a construção dessas representações a partir de seu caráter dinâmico, considerando que “as representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, cruzam-se e se cristalizam incessantemente através de uma fala, um gesto, um encontro, em nosso universo cotidiano” (MOSCOVICI, 1978, p. 41).

Considerando que as representações são dinâmicas, ou seja, mudam de tempo em tempo, auxiliada pela linguagem que projetam essas representações em um espaço simbólico, Moscovici (1978) pondera acerca da representação social que

produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes.

Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos (...) elas possuem uma função constitutiva da realidade, da única realidade que conhecíamos por experiência e na qual a maioria das pessoas se movimenta (...) é alternativamente, o sinal e a reprodução de um objeto socialmente valorizado. (p. 26-27)

Assim, Moscovici esclarece que “a representação social constitui uma das vias de apreensão do mundo concreto, em seus alicerces e em suas consequências” (1978, p. 44). Para isso, é eminente a transformação de um conhecimento indireto em direto, possibilitando a apropriação do universo exterior.

As representações, segundo Moscovici (2007), são entendidas como um sistema de valores, ideais e práticas que estabelece uma ordem para as pessoas se orientarem em seu mundo material e social e controlá-lo. Também propiciam que a comunicação entre os membros de uma comunidade seja possível, uma vez que fornece um código para nomear e classificar os aspectos do mundo e da sua história social e individual. Ainda, Jovchelovitch (2003) salienta que as representações sociais são estratégias que atores sociais desenvolvem para confrontar as diversidades e a mobilidade de um mundo que pertence a todos.

Portanto, é necessário ponderar que as representações sociais não se resumem em meras opiniões, mitos, pareceres etc.; são conhecimentos desenvolvidos por um grupo que se cristalizam ao longo do tempo. Nesse sentido, as representações podem ser entendidas como uma construção social da realidade, que emana da sociedade e para ela volta.

Essas representações sociais, de acordo com Moscovici (2007, p.60), originam-se dois mecanismos do ato de pensar que se ligam à memória e em conclusões do passado: a ancoragem e a objetivação. Segundo Moscovici (2009), o primeiro mecanismo – a ancoragem – transforma algo estranho (ideia ou objeto) em algo comum. Assim, o que causa estranhamento é relacionado à categoria e ao contexto familiar que se julga apropriado. Nesse sentido, pode-se classificá-lo, nomeá-lo e compreendê-lo. O segundo mecanismo – a objetivação – transforma algo abstrato em algo perceptível, ou seja, “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2009, p. 71-72).

É importante considerar, contudo, que os mecanismos – ancoragem e objetivação – são desenvolvidos concomitantemente, estão inter-relacionados e permitem dar sentido a representação social, conforme destaca Moscovici:

Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro; está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos que ela classifica de acordo

com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para os outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido. (2003, p. 78).

Assim, esses dois mecanismos, conforme Jodelet (2001), demonstram o caráter simbólico da sociedade, em que um símbolo equivale a uma coisa normalmente diferente de si mesmo, e a ideia simbolizada não tem relação direta com o objeto em si, mas com a ideia compartilhada socialmente.

Considerando a afirmação de Jodelet (2001) e refletindo sobre o contexto de produção dos Evangelhos que constituem o *corpus* da presente pesquisa, podemos refletir acerca das representações manifestadas na sociedade daquela época, que podem auxiliar na identificação de representações orientadas para modelos simbólicos e valores compartilhados daquele contexto específico.

Por fim, é a linguagem que nos permite construir e representar experiências, por meio das diferentes escolhas realizadas dentre uma gama de possibilidades, a fim de depreendermos as representações construídas e reproduzidas nos discursos que circulam na sociedade. Para o estudo da linguagem usada para construir representações, trazemos, na sequência, o aporte teórico sistêmico-funcional.

CAPÍTULO 2 – ALICERCES SISTÊMICO-FUNCIONAIS

O que as pessoas, de fato, dizem é bem diferente daquilo que elas pensam que dizem, até mesmo mais diferente daquilo que pensam que deveriam dizer (Halliday, McIntosh and Stevens, 1964). De modo parecido, o que as pessoas dizem ou compreendem sob condições experienciais é bem diferente do que dizem ou compreendem na vida real (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.34).⁸

Considerando a citação de Halliday e Matthiessen (2004), a linguagem possibilita diferentes opções ao falante, que faz diferentes escolhas linguísticas com a intenção de atingir diferentes significados, levando em consideração contextos socio culturais variados. Nesse sentido, a linguagem é entendida como um processo social, interativo, e a Linguística Sistêmico-Funcional fornece recursos para descrever e interpretar a linguagem em uso em um determinado contexto. Neste capítulo, abordamos os pressupostos teóricos que embasam este trabalho e orientam as análises apresentadas no capítulo 4, com o objetivo de investigar a linguagem em funcionamento no contexto dos Evangelhos do Novo Testamento.

Situando-se no campo dos estudos funcionalistas de linguagem, este trabalho ancora-se em duas abordagens circunscritas na LSF: a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), de Halliday (1985; 1994), Halliday e Matthiessen (2004 e 2014), e o Sistema de Avaliatividade, de Martin e White (2005).

Tendo adotado esses pressupostos teóricos inicialmente, na seção 2.1, discorreremos sobre a LSF de base Hallidayana em termos mais gerais. Ainda nessa seção, abordamos as variáveis contextuais, de acordo com Halliday (1989). Na seção 2.2, tratamos de estudos de gêneros na perspectiva da Escola de Sydney, que se desenvolveram baseados na LSF. Na seção 2.3, apresentamos a Gramática Sistêmico-Funcional com base em Halliday (1989), Halliday e Matthiessen (2004 e 2014). Essa seção está organizada em duas subseções: na 2.3.1 apresentamos considerações acerca da metafunção ideacional experiencial da linguagem (HALLIDAY, 1985; 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; 2014) do sistema de transitividade, e na 2.3.2 mostramos recursos da metafunção interpessoal pertinentes a este trabalho (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Por fim, na seção 2.4,

⁸ What people actually say is very different from what they think they say; and even more different from what they think they ought to say (Halliday, McIntosh and Stevens, 1964). Similarly, what people say or understand under experimental conditions is very different from what they say or understand in real life (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p.34).

focalizando o estrato semântico, discorreremos sobre o Sistema de Avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005).

2.1 Perspectiva hallidayana de linguagem, texto e contexto

A teoria sistêmico-funcional diz respeito às “relações entre linguagem e estrutura social como um aspecto do sistema social”⁹ (HALLIDAY, 1989, p.4). Dessa maneira, a linguagem é compreendida a partir do seu caráter social e da capacidade de se adequar a diferentes contextos e representá-los (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Barbara e Macedo (2009) esclarecem que a perspectiva linguística sistêmico-funcional parte do significado e, sem desconsiderar a forma, aborda a linguagem diferentemente da maneira tradicional.

Nessa perspectiva, a linguagem é entendida como um sistema sociosemiótico, sendo por meio dela que as pessoas representam suas experiências, interagem e agem sobre os outros e sobre o mundo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Por meio da linguagem, organizada como sistema instanciado em textos, é possível o falante/escritor fazer uma seleção dentre uma vasta gama de opções que a língua oferece. Com base nessa perspectiva, entendemos, por exemplo, que a análise dos Evangelhos nos permite evidenciar representações manifestadas pelas escolhas linguísticas articuladas a opiniões referentes à mulher.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o texto é entendido como uma unidade real de comunicação, dotada de significados e produzida por um falante/escritor em uma situação de interação; assim, o texto sempre está atrelado ao seu contexto. Os significados resultantes de escolhas realizadas pelos usuários estão vinculados, em um plano mais amplo, ao contexto de cultura e, em um plano mais específico, ao contexto de situação, como mostra a Figura 2

⁹ [...] we are concerned particularly with the relationships between language and social structure as one aspect of the social system.



Figura 2 – Texto em contextos (FUZER e CABRAL, 2014, p. 15).

Inicialmente estudado por Malinowski, em 1923, o contexto de cultura, de acordo com Halliday (1989), constitui os conhecimentos institucional e ideológico que atribuem valor ao texto e condicionam sua interpretação.

O contexto de situação corresponde ao contexto imediato do texto, constituído por variáveis que Halliday (1989) denomina de campo, que se referem à natureza da prática social, ao assunto, o que está acontecendo; relações, que se refere à relação entre os participantes, seus papéis e *status*; modo, que se refere à natureza do meio de transmissão e à organização da mensagem, articulando os dois componentes fundamentais: significar e comunicar/compartilhar significados.

Essas variáveis afetam as escolhas linguísticas, visto que cada uma está ligada diretamente a uma das três metafunções da linguagem apontadas por Halliday (1989): ideacional, interpessoal e textual, respectivamente, que constituem os propósitos principais da linguagem.

Para tanto, Thompson e Thetela (1995) esclarecem que, ao estudar o contexto de um texto, também é imprescindível verificar analiticamente os participantes. Nesse sentido, é fundamental distinguir o contexto de interação autor/leitor – participantes na interação do evento discursivo – e o contexto de interação entre os personagens – participantes na transitividade da oração. Os autores explicam que essa distinção é importante, porque “o falante/escritor também pode gerenciar parcialmente a interação, projetando diferentes papéis na transitividade, tanto para si quanto para sua audiência”¹⁰ (1995, p. 109).

Cabe ressaltar também duas distinções essenciais para Thompson e Thetela (1995) entre “escritor” e “escritor-no-texto”; entre “leitor” e “leitor-no-texto”. O primeiro – “o

¹⁰ The speaker/writer can also manage the interaction partly by projecting different transitivity roles onto herself and her audience.

escritor” – é responsável em escrever o texto, ao passo que o “escritor-no-texto” é o participante representado como responsável pelo texto, especificamente, expresso na transitividade da oração. Distintamente do escritor, Thompson e Thetela (1995) elucidam que “o leitor” é o participante a quem é dirigido o texto, em outras palavras, é o público “idealizado” pelo escritor. Quando unidos, escritor e leitor caracterizam as interações entre si. O “leitor-no-texto”, por sua vez, refere-se ao participante que representa o conjunto dos clientes ou leitores potenciais dos discursos apresentados pelo “escritor-no-texto”. Dessa forma, representam a interação dos personagens no texto.

Nesse sentido, a perspectiva da Escola de Sydney, que integra o escopo da LSF, concebe os gêneros como uma associação entre o contexto de situação e a organização estrutural dos aspectos linguísticos (MARTIN, 2009). Essa corrente de gênero que sustenta este trabalho possibilita explicar as relações entre as funcionalidades e significados do texto às suas relações linguísticas essenciais vinculadas ao conceito de registro: campo, relações e modo, como veremos na seção seguinte.

2.2 Panorama sobre gênero textual

O interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações não se restringe mais a um grupo específico de pesquisadores de uma área em particular ou de um setor qualquer do globo terrestre, mas cresceu a ponto de assumir uma relevância muito mais ampla do que jamais foi imaginado.¹¹ (BHATIA,1997, p.629)

Bhatia (1997) apresenta-nos a relevância que os estudos de gêneros textuais representam no mundo. Muitas são as abordagens de gêneros subjacentes à linguística. Dentre essas destaca-se, de acordo com Hyon (1996), três¹²: Inglês para Fins Específicos (*English for Specific Purposes* – ESP), Estudos em Nova Retórica Norte-Americana (*New Rhetoric*– NR) e Escola Australiana (*Australian Genres Theories*). Interessa-nos para esta pesquisa a corrente da Escola de Sydney, uma vez que os estudos advindos dessa escola se

¹¹ The interest in genre theory and its applications is no longer restricted to a specific set of researchers in any one field or in any particular section of the globe, but has grown to be of a much wider significance than what was envisaged at one time.

¹² Alguns pesquisadores da ESP: Bhatia,1993; Gosden, 1992; Swales, 1990a; Thompson, 1994. Alguns estudiosos da Nova retórica: Bazerman, 1988; Devitt, 1993; Miller, 1984.

desenvolveram baseados na Linguística Sistêmico-Funcional – teoria que embasa este trabalho.

Martin desenvolveu a Teoria de Gêneros e Registros (doravante TGR, em português), considerando as três variáveis de registro (campo, relações e modo) propostas por Halliday (1989). Esses três elementos determinam o registro da linguagem. Nessa teoria, Martin (2009, p. 06) definiu gênero como “um processo social orientado para fins específicos¹³”, considerando etapas e fases em que as pessoas se baseiam quando estão envolvidas em certas atividades sociais. Em vista disso, os gêneros, segundo Martin (2009), são estruturados em etapas, porque se organizam pela significação e se operacionalizam para alcançar algo na cultura e no social.

Sob essa perspectiva, um texto pode apresentar escolhas linguísticas concernentes ao campo, às relações e ao modo, e também pode instanciar um gênero particular em que a sua realização condiciona o contexto de cultura. As categorias para a análise de textos são descritos pela Gramática Sistêmico-Funcional, como vemos na Figura 3.

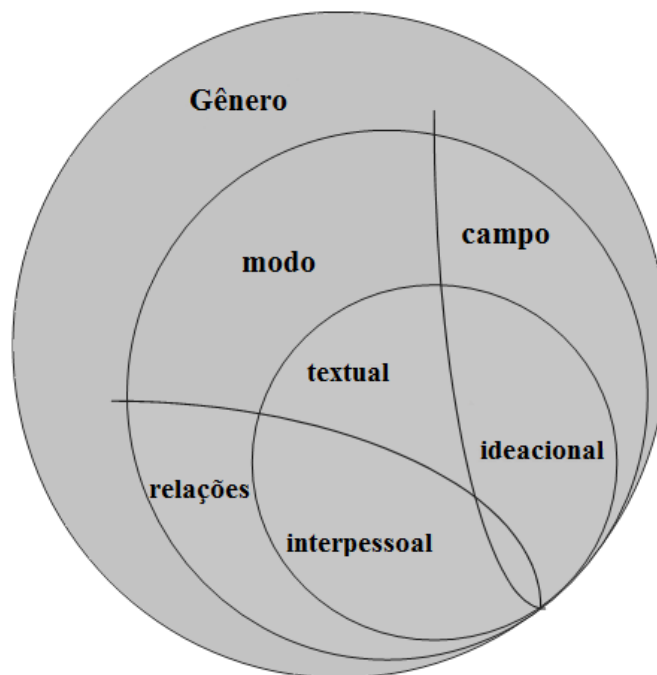


Figura 3 – Visão geral das relações entre gêneros e realização léxico-gramatical (traduzido de MARTIN e ROSE, 2008, p. 12).

¹³ (...) genres as staged, goal oriented social processes (...).

Nesse sentido, gêneros são definidos “funcionalmente a partir do seu propósito social”¹⁴ (EGGINS e MARTIN, 1997, p. 236), que são entendidos como associação entre o contexto de situação e a organização estrutural dos aspectos linguísticos (MARTIN, 2009). Os autores explicam que “diferentes gêneros são diferentes formas de usar a linguagem para alcançar diferentes metas estabelecidas culturalmente, e textos de diferentes gêneros são textos que estão alcançando diferentes propósitos na cultura¹⁵”.

Dessa forma, na TGR, busca descrever a maneira pela qual mobilizamos a língua. De acordo com Martin (2009), a linguagem está atrelada ao modo como a usamos para viver. O autor entende que a teoria de gênero é “uma teoria das fronteiras do nosso mundo social e nossa familiaridade com o que esperar”¹⁶ (MARTIN, 2009, p. 13).

De acordo com Rose e Martin (2012), os gêneros são propostos como uma taxonomia organizada por seus propósitos sociais e por contrastes em suas características. Os autores explicam que os textos apresentam fins múltiplos e o que define sua finalidade é a família de gêneros a qual pertencem. Assim, os teóricos organizaram um mapa dos gêneros, relacionado ao propósito central do texto, com vistas às funções de envolver, informar ou avaliar. Nesse sentido, o propósito comum de histórias é envolver determinado público; dos textos factuais é informar os leitores, e o dos textos avaliativos é avaliar questões relativas ao ponto de vista, isto é, a construção argumentativa (ROSE e MARTIN, 2012).

Para este trabalho, interessa-nos a família de gêneros histórias. Rose e Martin (2012) explicam que existem três tipos principais de histórias: relatos autobiográficos (o escritor ou falante narra os principais acontecimentos de sua vida), relatos biográficos (definem as fases na vida de uma pessoa) e relatos históricos (estabelecem etapas em um período da história). Esses tipos de histórias são caracterizados através de etapas e propósito social, como mostra o Quadro 5.

¹⁴ (...) define genres functionally in terms of their social purpose.

¹⁵ Thus, different genres are different ways of using language to achieve different culturally established tasks, and texts of different genres are texts which are achieving different purposes in the culture.

¹⁶ Genre theory is thus a theory of the borders of our social world, and our familiarity with what to expect.

	Gênero	Objetivo Sociocomunicativo	Etapas
Histórias	Relatos autobiográficos	Relatar etapas da minha vida	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação • Etapas
	Relatos biográficos	Relatar etapas da vida de outra pessoa	<ul style="list-style-type: none"> • Orientação • Etapas
	Relatos históricos	Relatar etapas da história	<ul style="list-style-type: none"> • Pano de fundo • Etapas

Quadro 5– Gêneros e etapas de família das histórias (traduzidos por Gouveia, 2013, a partir de Rose e Martin, 2012).

Com esse aporte teórico, preocupamo-nos em verificar os Evangelhos, sob o enfoque da perspectiva da TGR tal como concebido pela Escola de Sydney, baseando-nos principalmente em estudos de Eggins e Martin (1997). Consideramos que a definição de gêneros dos autores é apropriada para investigar os Evangelhos, pois são gêneros que apresentam relatos biográficos produzidos por evangelistas que conviveram diretamente – tiveram contato pessoal com Cristo – ou indiretamente – conviveram com outras pessoas próximas a Cristo, mas não diretamente com ele. De acordo com Eggins e Martin (1997), a TGR refere-se às variações funcionais do texto e como variam segundo a função que cumprem numa determinada sociedade. Nessa perspectiva, como embasamento para análise, a TGR permite-nos reconhecer o contexto de produção e a identidade genológica do texto e, portanto, prever que tipos de escolhas léxico-gramaticais terão maior probabilidade de ocorrer nesse contexto.

Martin e Rose (2007) elucidam que os gêneros se apresentam como “configurações recorrentes de significado”¹⁷ (p.06), as quais subscrevem as práticas sociais de uma determinada cultura. Consequentemente, é necessário considerar como os gêneros relacionam-se entre si. A título de exemplo, apresentamos a caracterização de um texto do Evangelista Mateus, a partir de seu propósito social e etapas conforme seguindo o proposto por Rose e Martin (2012), o que está demonstrado no Quadro 6.

¹⁷ Recurrent configurations of meaning

Capítulo 02 do Evangelho de Mateus	
Orientação	<i>Quando Herodes morreu, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e lhe disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e volta para a terra de Israel; pois já morreram aqueles que queriam matar o menino.”</i>
Etapa 1	<i>Ele levantou-se, com o menino e a mãe, e entrou na terra de Israel. Mas quando soube que Arquelau reinava na Judéia, no lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir pra lá.</i>
Etapa 2	<i>Depois de receber em sonho um aviso, retirou-se para a região da Galiléia e foi morar numa cidade chamada Nazaré.</i>

Quadro 6 – Demonstração das etapas do um texto do Evangelho de Mateus (com base em Rose e Martin, 2012).

No quadro 6, evidenciamos as marcas linguísticas que sinalizam cada etapa. Na orientação, as realizações linguísticas: *Quando Herodes morreu* representa a circunstância tempo (quando aconteceu); *anjo do Senhor* e *José* indicam os participantes envolvidos; *no Egito* evidencia a circunstância de lugar (onde aconteceu) e os recursos linguísticos *Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e volta para a terra de Israel; pois já morreram aqueles que queriam matar o menino* é o comando do participante anjo destinado a José. Na etapa 1, *Ele levantou-se, com o menino e a mãe, e entrou na terra de Israel* representa a reação de José em relação ao comando manifestado na orientação. Na etapa 2, as marcas linguísticas *depois de*, que indica a sequência de ações, e *para a região da Galileia*, que representa a circunstância de localização, seguida da mudança de cenário *numa cidade chamada Nazaré*.

Diante do exposto, percebemos que a perspectiva de gêneros da Escola de Sydney possibilita explicar escolhas materializadas na realização linguística dos gêneros, uma vez que representa “uma variação funcional, orientada para descrever diferenças linguístico-textuais em gêneros, motivadas por diferentes contextos” (RAMALHO, 2008, p. 96). Tendo isso em vista, dado o objetivo deste trabalho de analisar a linguagem empregada nos relatos biográficos dos Evangelhos do Novo Testamento que manifestam representações para a mulher no contexto em que foram produzidos, julgamos essa abordagem teórica coerente com os propósitos deste estudo.

Na próxima seção, apresentamos a proposta sistêmico-funcional de Halliday (HALLIDAY, 1989; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Conforme defendem os autores, a língua é constituída por três componentes funcionais distintos relacionados aos sentidos com que a linguagem é usada, como veremos a seguir.

2.3 A Gramática Sistêmico-Funcional

A Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) é entendida como “uma teoria geral da organização gramatical de línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global de interação social” (NEVES, 2004, p.112). De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), cada elemento em uma língua é explicado pela referência à sua função em todo o sistema linguístico, assim, uma gramática funcional é aquela que concebe todas as unidades de uma língua como uma “configuração orgânica”¹⁸ de funções. Em outras palavras, cada parte é interpretada como funcional em relação ao todo.

Nessa perspectiva, a GSF preocupa-se em explicar todo o sistema linguístico nas línguas. Assim, a linguagem é um recurso que estabelece trocas de significados entre os indivíduos em um meio social, o que demonstra sua funcionalidade, que o falante pode, por meio da utilização de uma rede semiótica, fazer escolhas mais apropriadas de determinados recursos léxico-gramaticais para construir significados.

Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (2004) esclarecem que as metafunções são funções abstratas que se encontram em todos os usos da linguagem, como uma propriedade do processo linguístico social. Essas metafunções representam o princípio subjacente de que o discurso é organizado para classificar os fatos do contexto social em torno dos falantes em sua interação linguística. As metafunções são três, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004): ideacional, interpessoal e textual, que na oração entrelaçam-se e manifestam-se verbalmente para produzir os significados almejados. A semântica e a léxico-gramática se ordenam para realizar as metafunções.

A seguir, na seção 2.3.1, abordamos detalhadamente a metafunção ideacional experiencial (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), que permite a construção e manifestação da experiência humana no discurso. Na seção 2.3.2, explanamos acerca da metafunção interpessoal, que expressa a interação entre os participantes, preservando os papéis sociais.

¹⁸ Organic configuration

2.3.1 Oração como representação: sistema de transitividade

A linguagem expressa a experiência humana, de acordo com Halliday e Matthiessen (2014), “não existe qualquer faceta da experiência humana que não possa ser transformada em significado¹⁹” (p. 30). Essas experiências são compreendidas no mundo material (exterior) ou no mundo interior (consciência); em outras palavras, quando se usa a linguagem para construir experiências, os significados informam acerca do mundo real ou imaginário.

A metafunção ideacional, segundo Halliday e Matthiessen (2004), constitui-se de dois componentes: a experiencial, realizada pelo sistema de transitividade na oração, e a lógica, realizada no complexo oracional. Quanto à transitividade, os autores indicam que “cada tipo de processo apresenta seu próprio modelo ou esquema para construir um domínio particular da experiência, uma figura de um tipo particular”²⁰ (2004, p.170).

A noção de figura, segundo Halliday e Matthiessen (2004), corresponde à oração construída na mudança de um fluxo de eventos, ou seja, há relações estabelecidas entre processo, participantes e circunstâncias, que pode constituir figuras de “fazer e acontecer, de sentir, de dizer, existir”²¹ (2004, p. 213).

Em suma, o sistema de transitividade, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), pode ser definido tanto como um recurso gramatical formador do fluxo de experiência quanto como um processo realizado gramaticalmente pela oração. Esse sistema léxico-gramatical constitui-se de três componentes: processo, participante e circunstância, que, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), caracterizam-se como categorias semânticas que explicam como os fenômenos de nossas experiências do mundo são construídos na estrutura linguística. Na Figura 4, são representados esses componentes.

¹⁹ There is no facet of human experience that cannot be transformed into meaning

²⁰ This flow of events is chunked into quanta of change by the grammar of the clause: each quantum of change is modelled as a **figure** [...]

²¹ A figure of happening, doing, sensing, saying being or having.

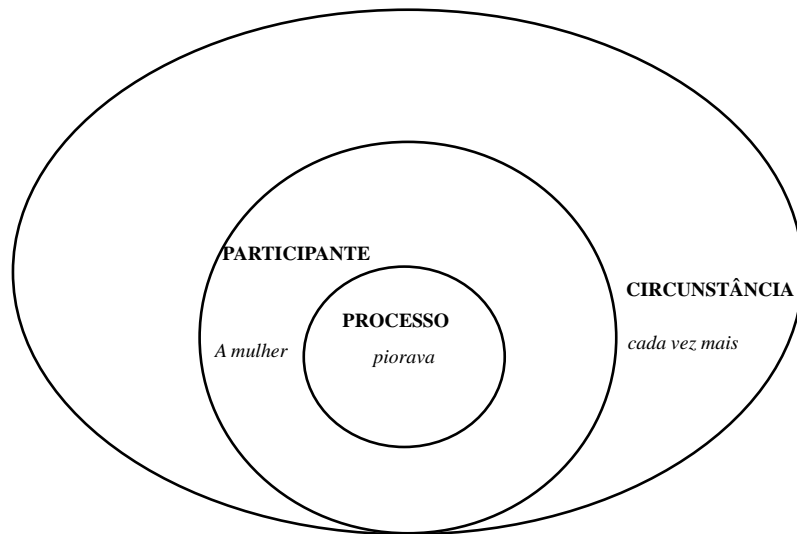


Figura 4 – Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração (adaptados de HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 176).

Na Figura 4, visualizamos que o processo é o elemento central da configuração experiencial, pois indica a experiência se desdobrando através do tempo. Os participantes, ligados ao processo, são as entidades envolvidas, como pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados. A circunstância que ocorre eventualmente está localizada mais distante do processo. Na GSF, a categoria gramatical típica é o grupo verbal, que pode realizar três tipos básicos de processos: material, mental e relacional. Além desses centrais, há três intermediários: verbal, comportamental e existencial. Os processos intermediários estão situados nas fronteiras dos processos principais: os processos comportamentais situam-se entre os materiais e os mentais; os verbais, na fronteira entre os mentais e os relacionais; os existenciais estão situados entre os relacionais e os materiais, conforme Figura 5.



Figura 5 – Tipos de processos nas orações (traduzidos e adaptado por Fuzer e Cabral, 2010, a partir de Halliday, 1994 e Halliday e Matthiessen, 2004).

Os processos **materiais**, conforme Halliday e Matthiessen (2004), expressam o fazer ou acontecer de uma entidade; materializam linguisticamente experiências do mundo exterior. Segundo os autores, o agente da oração é denominado Ator e o participante afetado denomina-se Meta. Nesse sentido, quando há apenas um participante envolvido, a oração é denominada intransitiva, como no exemplo 1²² :

1	[A mulher]	<i>se aproximou</i>	<i>da multidão.</i> [EL7] ²³
	Ator	Proc. Material	Circunstância de localização lugar

Em (1), [eu] é o Ator que realiza a ação expressa pelo processo *se aproximou*. Quando há dois ou mais participantes envolvidos no processo, a oração é transitiva, como no exemplo 2, em que [ela] é o Ator que realiza a ação expressa pelo processo *lavou* e os [pés] é a Meta, afetada pelo processo.

²² As caixas com exemplos contêm: o número do exemplo em ordem. Os exemplos são extraídos dos textos que compõem o *corpus* da pesquisa. Mais detalhes da constituição do *corpus* no capítulo 3.

²³ Os textos que compõem o *corpus* são organizados pela inicial do nome autor do Evangelho seguido do número do texto do *corpus*, conforme descrito no capítulo de Metodologia.

2	[Ela]	lavou-	os [pés]	<i>com suas lágrimas.</i> [EL7]
	Ator	Proc. Material	Meta	Circunstância

Além dos participantes principais, as orações materiais admitem outros participantes que podem estar envolvidos, tais como o Beneficiário e o Escopo (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). O Beneficiário caracteriza-se por ser o participante que se beneficia de um processo. Cabe salientar que o Beneficiário pode receber coisas boas (positivas) ou coisas ruins (negativas). O Beneficiário pode ser Cliente, quando recebe serviços, como no exemplo 3. Nesse caso, o pronome oblíquo *me* (que retoma Jesus) é o participante não beneficiado pelo serviço prestado expresso pelo processo material realizado pelo verbo *beijaste*.

3	[Tu]	não	me	<i>beijaste.</i> [EL7]
	Ator	Elemento Interpessoal	Cliente	Processo material

Outro tipo de Beneficiário é o Recebedor, que recebe bens materiais. Em (4), *lhe* é o Recebedor, pois foi beneficiado com *um atestado de divórcio* pela ação expressa pelo processo material dar.

4	(...) <i>quem despedir sua mulher</i>	dê	lhe	<i>um atestado de divórcio.</i> [EMt5]
	Ator	Processo material	Recebedor	Meta

O Escopo é o participante não afetado pelo processo e desdobra-se em Escopo-processo e Escopo-entidade. O primeiro ocorre quando o participante completa o sentido do processo, como no exemplo 5

5	<i>Jesus</i>	Deu	<i>um grito.</i> [EMt27]	
	Ator	Processo material	Escopo	

Nesse exemplo, *um grito* é o Escopo, já que a ação sugerida pelo processo *deu* não *lhe* causa modificação.

O segundo – Escopo-entidade – refere-se ao participante que tem existência independente do processo, ou seja, um elemento especificando um aspecto do processo, como

adverbial (THOMPSON, 2004, p. 107). No exemplo 6, na oração encaixada, *nele* é o Escopo-Entidade do processo material *tocar*, pois tem existência independente do processo.

6	(...) <i>a mulher</i> [[<i>que</i>	<i>estava tocando</i>	<i>nele</i>]:	<i>é uma pecadora.</i> [EL7]
	Ator	Processo material	Escopo	

Em adição, há os processos **mentais**, que expressam experiências do universo interior, ou seja, realizam processos de pensar, sentir, perceber e querer. Halliday e Matthiessen (2004) categorizam-nos em quatro tipos de processos, quais sejam: mentais perceptivos, que estão relacionados aos cinco sentidos, visão, olfato, gustação, audição e tato; mentais cognitivos, que remetem à consciência da pessoa no que diz respeito ao que é sentido, ao que é pensado; mentais emotivos, que expressam graus de afeição, sentimentos, e mentais desiderativos, que exprimem desejos. Nesses processos, o participante Experienciador é aquele que percebe, pensa, deseja ou conhece. Quando se refere ao que é sentido, pensando, percebido ou desejado, o participante é o Fenômeno. No exemplo 7, *Simão* é o Experienciador do processo ver, e o Fenômeno percebido é *esta mulher*.

7	<i>Simão</i>	<i>estás vendo</i>	<i>esta mulher?</i> [EL7]
	Experienciador	Processo mental	Fenômeno

Além dessas especificidades, as orações mentais ainda podem projetar outras orações. Halliday e Matthiessen (2004) elucidam que orações projetadas referem-se a orações que completam a dominante por meio de uma ideia ou uma locução. Halliday e Matthiessen (2004) salientam que isso ocorre quando o Fenômeno não é representado por uma coisa ou pessoa, mas por outra oração. No exemplo 8, há uma oração projetada.

8	<i>A mulher</i>	<i>sentiu</i>	<i>dentro de si</i>	<i>que estava curada da doença.</i> [EM5]
	Experienciador	Proc. Mental	Circunstância	oração projetada (Fenômeno)

Outro tipo são as orações **relacionais**, que “servem para caracterizar e identificar”²⁴ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 210). Essas orações podem ser de três tipos: intensivas, possessivas e circunstanciais, e cada uma dessas pode ser apresentada como

²⁴ ‘Relational’ clauses serve to characterize and to identify.

atributiva ou identificadora. As orações que servem para caracterizar são as relacionais atributivas, em que o participante Portador é quem carrega o Atributo a ele relacionado pelo processo. No exemplo 9, *a mulher é o Portador do Atributo uma pecadora*.

9	<i>[A mulher]</i>	<i>É</i>	<i>uma pecadora.</i> [EL7]
	Portador	Processo relacional	Atributo

As orações que servem para identificar são nomeadas de relacionais identificadoras, em que uma entidade é identificada com base em outra. Os participantes são o Identificado e o Identificador, presente no exemplo 10.

10	<i>Quem</i>	<i>é</i>	<i>a mulher [[que está tocando nele]] (...)</i> [EL7]
	Identificado	Processo relacional	Identificador

Distintamente, a função do Identificador realiza-se por um grupo nominal definido ou por outra oração definida. A principal diferença entre as orações atributivas e identificadoras é a reversibilidade semântica. Somente as orações identificadoras são reversíveis, ou seja, os participantes podem trocar seus respectivos papéis sem que haja alteração gramatical ou semântica. O exemplo 10 pode ser reescrito como “a mulher que está tocando nele é quem”, sem que *quem* deixe de ser o Identificado e *a mulher que está tocando nele* o Identificador.

Tanto as orações atributivas quanto as orações identificadoras podem associar-se a uma circunstância caso haja indicação de tempo, de lugar, de modo, de causa, dentre outras. No exemplo 11, atribui-se ao Portador *A mulher* um estado espacial como Atributo – *atrás, aos pés de Jesus*, expresso por uma circunstância de localização de lugar.

11	<i>[A mulher]</i>	<i>postou-se</i>	<i>atrás, aos pés de Jesus.</i> [EL7]
	Identificado	Processo relacional	Identificador Circunstancial

Dando sequência à apresentação dos tipos de orações do sistema de transitividade, trazemos as **verbais**, que envolvem processos de dizer. Situam-se entre os relacionais e os mentais, indicando relações simbólicas construídas na mente e expressas em forma de linguagem (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Por essa característica, Halliday e Matthiessen (2004) explicam que essas “orações são recursos importantes em vários tipos de discursos” (p.252). Contribuem para a criação de narrativas, tornando possível a dialogia.

Nesses tipos de orações, os participantes envolvidos são o Dizente, que é o próprio falante, a quem se atribui o conteúdo do discurso representado; a Verbiagem, que corresponde ao que é dito; o Receptor, que é o destinatário do conteúdo; o Alvo, que é a entidade atingida pelo processo de dizer. Exemplificamos, em 12 e 13, alguns dos participantes apresentados.

12	<i>[A mulher]</i>	<i>Contou</i>	<i>toda a verdade.</i> [EM5]
	Dizente	Processo Verbal	Verbiagem

13	<i>Jesus</i>	<i>então</i>	<i>disse</i>	<i>à mulher:</i>	<i>“Filha, a tua fé te salvou”.</i> [EM5]
	Dizente		Processo Verbal	Receptor	Citação

No exemplo 12, *a mulher* desempenha o papel de Dizente do grupo verbal *contar*, cujo conteúdo é expresso pela Verbiagem *toda a verdade*. No exemplo 13, *Jesus*, enquanto Dizente do processo *disse*, direciona ao Receptor, *mulher*, uma mensagem, por meio de uma Citação: *“Filha, a tua fé te salvou”*.

Assim como os processos mentais, os verbais podem projetar orações. Nas orações verbais, a oração projetada ocupa a posição do participante Verbiagem. Essa oração poderá vir de duas formas: Citação ou Relato.

A Citação refere-se à reprodução da fala do Dizente e pode vir introduzida, na escrita, por aspas ou travessões, como no exemplo 14.

14	<i>Jesus</i>	<i>falou:</i>	<i>“Simão, tenho uma coisa para te dizer”.</i> [EL7]
	Dizente	Processo Verbal	Citação

Já o Relato configura-se como o dizer expresso através da oração que pode ser introduzida por conjunção *que* ou *se* e por uma oração finita, como exemplifica 15.

15	<i>A mulher</i>	<i>Dizia</i>	<i>que Jesus era um profeta.</i> [EJ4]
	Dizente	Processo Verbal	Relato

Outro tipo de oração são as **comportamentais** que, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), apresentam traços das materiais e das mentais. Definem os processos comportamentais como “processos de comportamento (tipicamente humano) fisiológicos e

psicológicos, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar²⁵ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 248). O participante típico, o Comportante, é responsável pelo comportamento – um ser tipicamente consciente. Esse tipo de oração está exemplificada em 16:

16	<i>[a mulher]</i>	<i>chorando (...)</i> [EL7]
	Comportante	Processo comportamental

Por fim, os processos **existenciais**, encontram-se na fronteira entre os materiais e os relacionais. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), as orações existenciais representam algo que existe ou acontece. Há apenas um participante típico, o Existente, que corresponde à entidade ou ao evento que é chamado à existência, como mostra o exemplo 17.

17	<i>Havia</i>	<i>na cidade</i>	<i>uma mulher [[que era pecadora]]</i> [EL7]
	Processo Existencial	Circunstância de Localização Lugar	Existente

A fim de retomarmos os seis tipos de processos que compõem o sistema de transitividade, o Quadro 7 sintetiza os tipos de processos, seus significados principais e seus respectivos participantes.

Tipo de processo	Significado-chave	Participantes
Material: criativo e transformativo.	Fazer Acontecer	Ator, Meta, Escopo, Beneficiário, Atributo
Mental: perceptivo, cognitivo, emotivo, e desiderativo.	Sentir Perceber Pensar Querer	Experienciador, Fenômeno
Relacional: atributivo, e identificador	Ser Estar Ter	Portador, Atributo Identificado, Identificador
Verbal	Dizer	Dizente, Receptor, Verbiagem, Alvo
Comportamental	Comportar-se	Comportante , Comportamento
Existencial	Existir	Existente

Quadro 7 – Resumo dos tipos de processos (traduzido de Thompson, 2004, p. 108).

²⁵ These are processes of (typically human) physiological and psychological behaviour, like breathing, coughing, smiling, dreaming and staring.

Dado o exposto, a metafunção ideacional experiencial relaciona-se ao uso da linguagem para compreender e expressar as manifestações da experiência que o falante/escritor tem do mundo externo e interno. Na próxima subseção, apresentamos elementos da metafunção interpessoal que serão usados na análise do *corpus*.

2.3.2 Oração como troca: sistemas de MODO e modalidade

No momento da comunicação, conforme Halliday e Matthiessen (2004), a oração está organizada como uma mensagem, ou seja, como um evento interativo, que envolve falante (ou escritor) e audiência. Conseqüentemente, a linguagem é usada para construir significados interpessoais acerca das nossas relações e atitudes com outras pessoas.

No que concerne ao evento interativo, o ato de fala pode ser considerado uma permuta, ou seja, “uma troca, na qual dar implica receber e solicitar implica dar em resposta”²⁶ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 107). Quando a linguagem é empregada para trocar informações, a oração tem a função semântica de proposição, que ocorre por meio de declarações ou perguntas. Na troca de bens e serviços, a oração tem função semântica de proposta, que ocorre por meio de uma oferta ou comando. As funções de fala são demonstradas no Quadro 8.

Papel na troca	Valor trocado	
	BENS E SERVIÇOS	INFORMAÇÃO
DAR	OFERTA <i>Você gostaria de tomar este chá?</i> ²⁷	DECLARAÇÃO <i>Mulher, grande é tua fé!</i> [EMt15]
RECEBER	COMANDO <i>Mande embora essa mulher.</i> [EMt15]	PERGUNTA <i>Por que incomodais esta mulher?</i> [EMt26]
	PROPOSTA	PROPOSIÇÃO

Quadro 8 – Dar e receber bens e serviços ou informações (adaptado de HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 107).

²⁶ It is an exchange, in which giving implies receiving and demanding implies giving+ in response

²⁷ Não foi encontrado exemplo no *corpus* da pesquisa, e, por isso, usamos o exemplo apresentado na própria teoria: “Would you like this teapot? (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 107).”

As proposições e as propostas são realizadas léxico-gramaticalmente pelo sistema de MODO. Esse sistema oferece opções primárias – interrogação, declaração e ordem. Já o Modo, junto do Resíduo, configuram os componentes da oração interpessoal. Assim, Halliday e Matthiessen (2004) apresentam o Modo que correspondem ao Sujeito e ao Finito.

Na estrutura do elemento de Modo, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), o Sujeito normalmente é constituído por um grupo nominal e pode ser manifestado por pronomes pessoais, demonstrativos, entre outros. O Finito corresponde ao grupo verbal que expressa tempo, polaridade ou modalidade. Halliday e Matthiessen (2004) salientam que o restante da oração denomina-se Resíduo.

Nesta pesquisa, são usados recursos de polaridade e de modalidade, que são funções do elemento Finito. Halliday e Matthiessen (2004) definem a polaridade como recurso que situa a fala no polo negativo e outro no positivo. Assim, léxico-gramaticalmente, expressam significados relacionados ao julgamento do falante em graus de positividade e negatividade. No exemplo 18, há polaridade positiva, que é identificada pela ausência de marca linguística e, no 19, polaridade negativa, que é identificada pelo elemento linguístico *não*.

18	<i>Estava aí uma mulher que havia doze anos sofria de hemorragias [...] [EM5]</i> Polaridade positiva
19	<i>Quem dentre vós não tiver pecado atire a primeira pedra [...] [EJ8]</i> Polaridade negativa

Em algumas vezes, as opiniões e as reações podem situar a fala humana entre um polo positivo e um polo negativo. Esses graus intermediários são denominados por Halliday e Matthiessen (2004) como modalidade.

A modalidade expressa significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus, indicando uma posição a respeito de sua mensagem e de sua relação com seu interlocutor e evidenciando a responsabilidade sobre sua mensagem. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), a noção de modalidade está entre a distinção de proposições (informações) e propostas (bens e serviços), denominadas, respectivamente, de modalização e modulação. Os autores esclarecem que a modalidade manifesta a opinião de um falante em formas declarativas e quando caracteriza um pedido pela opinião do ouvinte trata-se de forma interrogativa

Em proposições, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), a modalização pode ser de probabilidade (possivelmente, provavelmente, certamente) e de usualidade (às vezes, usualmente, sempre). Podem ser expressas por recursos léxico-gramaticais como verbos modais (poder, dever), Adjuntos modais (talvez, possivelmente, certamente, sem dúvida). No exemplo 20, há um caso de modalização realizada pelos verbos modais *pode* e *poderíeis*.

20	<i>Vós ensinai que alguém pode dizer a seu pai e sua à mãe: ‘O sustento que poderíeis receber de mim é oferenda’.</i> [EM7]
	Modalização probabilidade

Em propostas, os sentidos dos polos positivo e negativo referem-se a “faça” e “não faça” que se relacionam com as funções de fala, oferta e comando. Sinalizando graus de obrigação (o que é permitido, suposto, necessário que se faça), temos o comando, tal como demonstrado pelo exemplo 21.

21	<i>(...)se alguém morrer sem deixar filhos, seu irmão deve se casar com a mulher dele, para dar descendência ao irmão.</i> [EL1]
	Modulação obrigação

Sinalizando grau de inclinação (disposto, ansioso, determinado a fazer), a modulação, segundo Halliday e Matthiessen (2004), pode ser expressa por um operador modal em um grupo verbal ou por uma extensão do predicador.

Os tipos de modalidade são esquematizados na Figura 6.

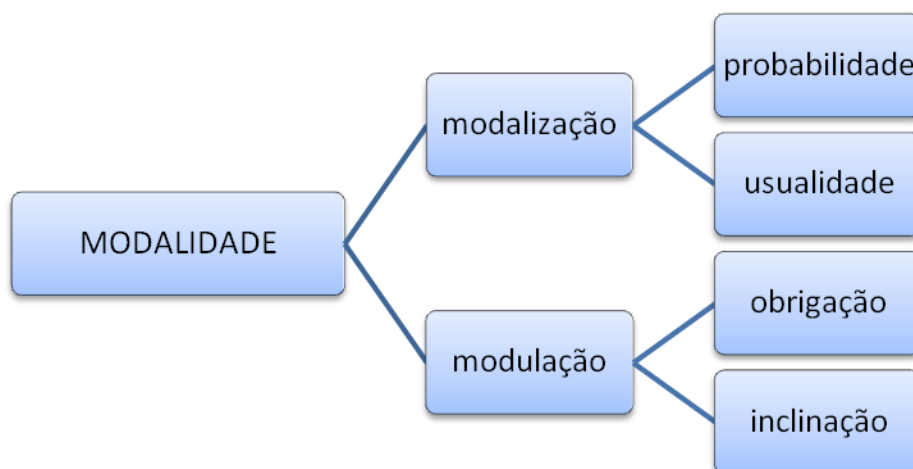


Figura 6 – Tipos de modalidade (adaptado de HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 150).

Realizado por funções do sistema de transitividade e associado à metafunção interpessoal, está o sistema de avaliatividade, que mostra a possibilidade de verificar como manifestações de apreciação, afeto e julgamento contribuem para a construção e avaliação das representações para a mulher nos Evangelhos.

2.4 Sistema de Avaliatividade: subsistema de Atitude

O Sistema de Avaliatividade, originalmente *Appraisal System*, é desenvolvido, a partir da metafunção interpessoal da GSF, por um grupo de pesquisadores da Escola de Sydney, especificamente Martin e White (2005), na década de noventa. Esse sistema explica como o autor/falante posiciona e em determinada situação social. Baseando-se na noção de sistema da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1994), Martin e White (2005) definem a Avaliatividade como um recurso interpessoal situado no nível da semântica do discurso. Isso possibilita que o sistema correlacione-se com outros dois sistemas – a negociação, que complementa as avaliações focalizando os aspectos interativos do discurso, e o envolvimento, que estabelece recursos não graduáveis para a negociação na variável contextual relações.

O Sistema de Avaliatividade, de acordo com Martin e White (2005), possibilita que a linguagem acione diferentes recursos linguísticos que indicam como escritores e leitores posicionam-se nos textos produzidos e como demonstram aprovação ou desaprovação e admiração ou abominação e como constroem seus ouvintes/leitores. Ainda, dedica-se a compreender como os recursos linguísticos são utilizados para manifestar sentimentos, valores, emoções e avaliações e como os autores constroem sua identidade.

Nesse sentido, Martin e White (2005) dividem o Sistema de Avaliatividade em três subsistemas: (1) Atitude, (2) Engajamento e (3) Gradação. Cada um deles se constitui em outros subsistemas, gerando um diagrama complexo. A Figura 7 esboça um panorama do Sistema de Avaliatividade.

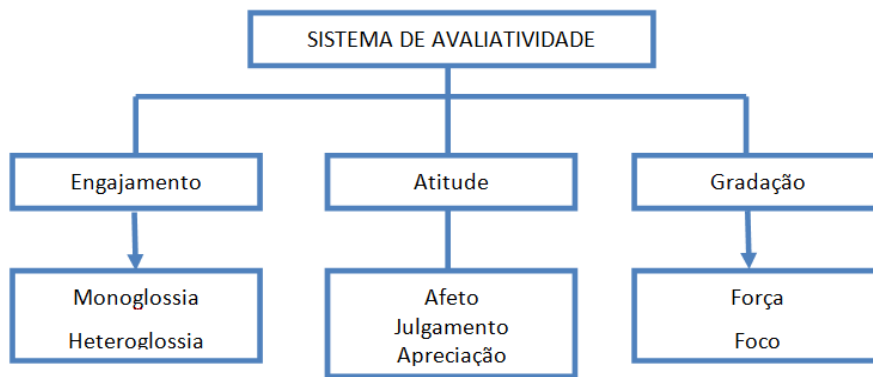


Figura 7– Figura representativa do Sistema de Avaliatividade (com base em MARTIN e WHITE, 2005, p. 38).

A fim de realizar o objetivo proposto para este trabalho, acreditamos que o subsistema de **Engajamento** nos auxilia a identificar, além da voz autoral, as diferentes vozes presentes nos textos. O Engajamento, conforme Martin e White (2005), está localizado no eixo das negociações. Refere-se aos recursos linguísticos utilizados para negociar os sentidos construídos no texto. Balocco (2011) esclarece que “o sistema permite explorar como o locutor negocia suas opiniões com seus interlocutores imediatos e com vozes mais abstratas presentes no contexto de cultura que se situa” (p.41). Dessa forma, analisam-se como os interlocutores se posicionam e se interrelacionam por meio de recursos de expansão e/ou contração dialógicas em discursos heteroglóssicos. No exemplo 22, o processo *insistiu* evidencia a posição discordante da mulher e expande o diálogo, abrindo espaço para que seja dito algo a ela.

22	<i>Ela insistiu: “É verdade, Senhor; mas os cachorrinhos também comem as migalhas que caem da mesa de seus donos!” [EMt15]</i>
	Expansão do diálogo

No exemplo 23, o processo *declarou* indica a posição de Jesus e contrai o diálogo, à medida que *declarar* pressupõe que não se espera resposta.

23	<i>Jesus declarou: “Filha, a tua fé te salvou”. [EMt9]</i>
	Contração do diálogo

O subsistema de **gradação**, conforme Martin e White (2005), perpassa os outros dois subsistemas – engajamento e atitude. Caracteriza-se como significados atitudinais que expressam avaliações de alto ou baixo grau de positividade ou negatividade. A gradação realiza-se por meio de recursos léxico-gramaticais que estão apoiados em dois eixos de escalaridade, de acordo com Martin e White (2005). Os autores esclarecem que um eixo está de acordo com a intensidade ou quantidade (força) e outro de acordo com a prototipicidade e a precisão (foco). O exemplo 24 apresenta a intensificação, dado pela repetição do termo – *em verdade, em verdade*. No exemplo 25, um típico exemplo de quantificação, representada pelo elemento *multidão*.

24	<i>Em verdade, em verdade, vos digo: se pedirdes ao Pai alguma coisa em meu nome, ele vos dará [...] [EJ16]</i>
	Intensificação

25	<i>Jesus viu os tocadores de flauta e a multidão agitada. [EMt9]</i>
	Quantificação

O sistema de **atitude** localiza-se no eixo das opiniões, é o recurso semântico responsável por expressar as opiniões e os valores do falante/escritor sobre as coisas, as pessoas e o mundo (MARTIN e WHITE, 2005). Esse sistema relaciona-se com os sentimentos “incluindo, reações emocionais, julgamentos de comportamento e avaliação de coisas²⁸” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 35). Essas avaliações podem ser positivas ou negativas. O sistema envolve três regiões semânticas relacionados à emoção, à ética e à estética. Conforme os autores, podemos pensar na categoria de atitude como uma institucionalização de sentimentos. A emoção, de acordo com Martin e White (2005), localiza-se no centro destas regiões, denominada como afeto. O julgamento refere-se ao comportamento humano, relacionado à ética, e a apreciação diz respeito ao valor das coisas, às questões estéticas, como representados na Figura 8.

²⁸ [...] including emotional reactions, judgements of behaviour and evaluation of things.

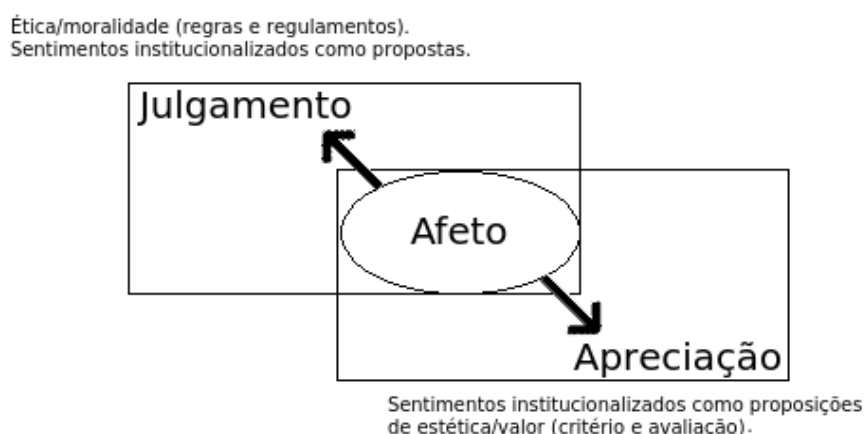


Figura 8 – Julgamento e apreciação como afeto institucionalizado (adaptado de MARTIN e WHITE, 2005, p. 45).

O afeto associa-se a sentimentos positivos e negativos que são construídos com relação a algo ou a alguém. As marcas lexicais indicativas de afeto são Atributos (realizados por epítetos, nomes, circunstâncias), processos (como os mentais e os comportamentais), nominalizações e Adjuntos de comentários (realizado por grupos nominal e adverbial). O exemplo 26 apresenta ocorrência de afeto dada pelo processo mental *irritaram*.

	<i>Os discípulos se irritaram [...]</i> [EMt26]
26	Marca de afeto pelo processo mental

O julgamento, segundo campo semântico do subsistema atitude, oferece recursos para avaliar o comportamento humano de acordo com os vários princípios normativos. Martin e White (2005) esclarecem que, por meio desse recurso semântico, são manifestadas as qualidades dos falantes e/ou escritores, as quais podem ser realizadas gramaticalmente através de atributos e epítetos. Além disso, o recurso julgamento permite avaliar “sobre moralidade, legalidade, capacidade e normalidade sempre determinados pela cultura na qual vivem e pelas experiências, expectativas, pretensões e crenças individuais moldadas por uma cultura particular e uma situação ideológica” (ALMEIDA, 2011, p.106). Nesse sentido, o julgamento está relacionado a questões de ética, ou seja, “os sentimentos são construídos como propostas sobre a forma correta de comportamento – como deveríamos ou como não deveríamos nos comportar” (WHITE, 2004, p. 183).

Conforme Martin e White (2005), a categoria julgamento pode ser de dois tipos: julgamento de *estima social* e julgamento de *sanção social*. White (2004) esclarece que o julgamento de estima social refere-se à admiração ou decepção, ao *status* ou ao prestígio. Caracteriza-se por crítica sem implicações legais, ou seja, não caracteriza pecado ou crime. Por outro lado, a sanção social implica elogio e condenação a partir de complicações legais, ou seja, caracteriza atitudes que podem constituir crime, do ponto de vista jurídico, ou pecados, do ponto de vista religioso.

Os julgamentos de estima social estão relacionados à normalidade (quão usual é), à capacidade (quão capaz é) e à tenacidade (quão determinado é). De acordo com Martin e White (2005), os valores de estima social são determinados pela cultura oral. Esses “valores compartilhados nesta área são críticos para a formação de redes sociais (família, amigos, colegas, etc)²⁹” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 52). Para ilustrar esses aspectos, os exemplos 27, 28 e 29 apresentam ocorrências desses três tipos de Julgamento.

27	<i>Nisto chegaram os discípulos e ficaram admirados ao ver Jesus conversando com uma mulher. [EJ4]</i>
	Normalidade
28	<i>(...) o que aconteceu com Jesus, o Nazareno, que foi um profeta poderoso em obras e palavras (...) [EL24]</i>
	Capacidade
29	<i>Os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. [EL7]</i>
	Tenacidade

No exemplo (27), o epíteto *admirados* evidencia um Julgamento de normalidade negativa, esse significado se manifesta pela falta de normalidade, ou seja, pela mudança da rotina que acontece na vida dos envolvidos. Em (28), o epíteto *poderoso* indica um Julgamento destinado a Jesus Cristo, o qual demonstrou potencial avaliativo positivo frente a situações do cotidiano. E em (29), as marcas linguísticas *perdoados e os muitos pecados* indicam o quanto a mulher (*ela*) é independente ou tenaz ao se dedicar a um objetivo, avaliado positivamente.

²⁹ Sharing values in this area is critical to the formation of social networks (family, friends, colleagues, etc.).

Os julgamentos de sanção social referem-se à veracidade (quão verdadeiro alguém é) e à propriedade (quão ético alguém é). Nesse sentido, “valores compartilhados nesta área sustentam o dever cívico e as observâncias religiosas³⁰” (MARTIN e WHITE, 2005, p. 52). Isso está representado nos exemplos 30 e 31, respectivamente. Cabe salientar que os julgamentos de estima social e de sanção social têm em comum as avaliações que podem ser tanto positivas quanto negativas.

30	<i>Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora. [EL7]</i>
	Veracidade

31	<i>Ela praticou uma boa ação para comigo. [EMt26]</i>
	Propriedade

No exemplo (30), *se este homem fosse profeta* indica um Julgamento de veracidade negativo, pois são colocadas em dúvida a honestidade e a fidelidade de Jesus Cristo, conforme preceitos legais e religiosos compartilhados socialmente. Em (31), as marcas linguísticas *praticou* e *boa ação* indicam uma valoração positiva a suposta conduta ética ou amável da mulher (*ela*).

Por fim, há o subsistema semântico da apreciação, que diz respeito aos valores acerca de pessoas, animais, fenômenos e produtos do trabalho humano. As apreciações correspondem às reações dos falantes e às avaliações da realidade. As manifestações linguísticas desses recursos avaliam sentimentos relacionados à forma e à aparência, tendo em vista a reação, composição e a valoração de modelos e performances. Conforme Martin e White (2005), essa categoria semântica tem a ver com reação, composição e valoração.

A reação, segundo Martin e White (2005), diz respeito às manifestações de impacto ou de (des)agrado que causa nas pessoas e correspondem com a afeição. A composição corresponde às “percepções de proporcionalidade e detalhe em um texto/processo” (ALMEIDA, 2010. p.110). As avaliações de composição abrangem a organização, a elaboração e a forma demonstrando como os objetos foram construídos ou elaborados. Por

³⁰ Sharing values in this area underpins civic duty and religious observances.

fim, o terceiro tipo de apreciação é a valoração³¹, que tem a ver, segundo Martin e White (2005), com a cognição. Nesse tipo de apreciação concentram-se os significados sociais do texto/processo. Para identificar essa valoração, faz-se a pergunta: isso valeu a pena?

Em resumo, o recurso semântico de atitude manifesta avaliações positivas ou negativas sobre as emoções, o caráter e o comportamento dos seres humanos e das coisas.

Apresentados os pressupostos teóricos que norteiam este trabalho, mostramos no capítulo a seguir a descrição da metodologia que organizamos para conduzir o desenvolvimento das análises dos dados extraídos dos Evangelhos selecionados para verificarmos como a mulher é representada.

³¹ Originalmente, esse termo designa-se como *evaluation* (MARTIN e WHITE, 2005, p. 56). Em língua portuguesa, essa categoria tem sido denominada de valoração (VIAN Jr.; SOUZA e ALMEIDA, 2010).

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

Neste capítulo, são apresentadas informações acerca da contextualização e da constituição do *corpus* de análise deste trabalho. Também são expostos os procedimentos metodológicos que nos guiam na realização das análises dos textos, cujo propósito corresponde à verificação de representações para a mulher nos quatro Evangelhos do Novo Testamento.

3.1 Universo de análise

Tendo em vista os objetivos já apresentados, este trabalho tem por tema a mulher no contexto bíblico, mais especificamente representações para a mulher nos Evangelhos, pois nos interessamos por abordar essa temática no âmbito linguístico, isto é, investigar representações da mulher manifestadas pela linguagem.

Para verificação das representações, elegemos os textos bíblicos que são reconhecidos, ao longo dos tempos, na cultura judaico-cristã e na ocidental pela importância de apresentar a história de Jesus Cristo. A Bíblia representativa do cristianismo é composta de 73 livros, dentre os quais 27 correspondem ao Novo Testamento, que são caracterizados como Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas e Apocalipse. Optamos por, inicialmente, identificar de que modo a mulher é representada nas 21 Cartas do Novo Testamento. No entanto, deparamo-nos com um número pouco expressivo de referências à mulher.

Diante disso, decidimos observar a participação da mulher nas orações que compõem os Evangelhos e optamos por analisá-las, devido ao número expressivo de referência à mulher. Em um primeiro momento, notamos que apresentam histórias que envolvem a mulher. Além disso, de acordo com a CNBB (2010), os Evangelhos apresentam histórias contadas por pessoas que conheceram e seguiram Jesus Cristo, no período que compreende desde a anunciação do seu nascimento até a sua ressurreição.

Desse modo, escolhemos estudar como a linguagem é usada nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João para representar a mulher na sociedade da época em que Jesus viveu, tendo como arcabouço teórico-metodológico a LSF. Esses Evangelhos integram a

oitava edição brasileira, de 2010, da Bíblia traduzida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

A Bíblia, na tradução oficial da CNBB, trata de uma coedição com sete editoras católicas (Ave-Maria, Vozes, Salesiana, Paulus, Santuário, Paulinas e Loyola). O texto de apresentação da Bíblia da CNBB salienta que a edição de 2010, é a tradução mais recente, servindo de referência para a Igreja Católica no Brasil, considerando que suas traduções partem dos textos bíblicos originais. Nesse texto, é explicado que a leitura bíblica não deve ser literalista³², ou seja, não é possível entender tudo fielmente. Além disso, a CNBB sugere que não se deve usar a Bíblia “unilateralmente para defender alguma opinião particular, sem perceber o conjunto e o ponto central dos textos bíblicos” (CNBB, 2010, p.1). Nesse sentido, a CNBB recomenda o uso da edição 2010, especialmente, para a catequese, as reuniões, os encontros de oração e os grupos de formação católicos.

Na sequência, mostramos os procedimentos e critérios utilizados na seleção dos textos que constituem o *corpus* de análise deste trabalho, extraídos da obra mencionada.

3.2 O *corpus*: passagens dos Evangelhos que contêm referências à mulher

A fim de coletar uma amostra de textos da Bíblia que manifestam representações de mulher, usamos como fonte de coleta o *website* <http://www.bibliacatolica.com.br/>, que disponibiliza para consulta e *download* 25 Bíblias em 12 idiomas diferentes, oferecendo, inclusive, um ícone de comparação entre diferentes traduções.

Para delimitar o *corpus*, o primeiro critério foi considerar os textos que tivessem relação com o período em que Jesus Cristo viveu, tendo em vista nossa escolha pelo Novo Evangelho. Assim, foram coletados capítulos dos Evangelhos de Mateus, Lucas, Marcos e João que, obrigatoriamente, apresentam a palavra-chave “*mulher*” e referências a ela. Nesse sentido, organizamos um *corpus* de textos dos Evangelhos de que podemos depreender representações para a mulher. Não nos detemos naqueles que não faziam referência direta ou por referentes à palavra mulher. Dessa forma, chegamos a 21 textos.

Os três primeiros Evangelhos – Mateus, Marcos e Lucas – apresentam muitas semelhanças em seus textos. Borg (2001) estima que 42% do total desses Evangelhos tenham coincidências. Por exemplo, o texto sobre a história da mulher com a hemorragia e a filha de

³² Os textos bíblicos não se restringe à interpretação literal, pois apresentam grande quantidade de metáforas.

Jairo, no Evangelho de Mateus, está localizado no capítulo 9, no Evangelho de Marcos, no capítulo 5 e no Evangelho de Lucas, no capítulo 8. Devido às semelhanças entre os Evangelhos, selecionamos apenas os textos que compõem o Evangelho de Mateus, pois, segundo Ferreira (2006), o evangelista Mateus foi testemunha ocular na trajetória de Jesus Cristo; ao passo que não há evidências de que Marcos e Lucas tenham essa mesma relação com Cristo.

Aplicados tais critérios e procedimentos, chegamos à totalidade dos textos constituintes do *corpus* de análise – 21 textos. Desse total, 11 pertencem ao Evangelho de Mateus, 1 ao Evangelho de Marcos, 4 ao Evangelho de Lucas e 5 ao Evangelho de João, sumarizados, no Quadro 9, em ordem dos acontecimentos da vida de Cristo.

Evangelho Mateus	Evangelho Marcos	Evangelho Lucas	Evangelho João
[EMt1] versículo 1 ao 24	[EM10] versículo 1 ao 12	[EL1] versículo 5 ao 80	[EJ2] versículo 1 ao 12
[EMt5] versículo 1 ao 32		[EL7] versículo 11 ao 50	[EJ4] versículo 1 ao 42
[EMt8] versículo 1 ao 15		[EL10] versículo 38 ao 42	[EJ8] versículo 1 ao 42
[EMt9] versículo 18 ao 25		[EL13] versículo 10 ao 17	[EJ11] versículo 1 ao 37
[EMt14] Versículo 1 ao 12			[EJ19] versículo 25 ao 28
[EMt15] versículo 1 ao 29			
[EMt19] versículo 3 ao 9			
[EMt22] versículo 23 ao 32			
[EMt24] versículo 15 ao 42			
[EMt27] versículo 45 ao 56			
[EMt28] versículo 1 ao 10			

Quadro 9 – Textos que constituem o *corpus* de análise.

Conforme pode ser observado no Quadro 9, para melhor organização da análise, estabelecemos alguns códigos para nos referirmos aos Evangelistas e aos respectivos textos. Os Evangelhos são organizados por autores e recebem uma numeração. Assim, ao longo do

trabalho, são usados os códigos: [EMt] para nos referirmos ao Evangelho de Mateus; [EM] para nos referirmos ao Evangelho de Marcos; [EL] para o Evangelho de Lucas e [EJ] para nos referirmos ao Evangelho de João. Aos códigos apresentados seguem as numerações, que se referem ao capítulo do Evangelho ao qual pertencem, por exemplo, [EMt1] significa Evangelho de Mateus capítulo 1.

Apresentados os critérios utilizados para a constituição do *corpus*, destacamos, na seção seguinte, os procedimentos de análise dos dados.

3.3 Procedimentos de análise

A análise dos textos selecionados segue os passos previstos no projeto guarda-chuva *Gramática Sistêmico-Funcional para análise de representações sociais* (FUZER, 2009). Esses passos foram adaptados para demonstrar o percurso metodológico empreendido neste trabalho, organizado em duas etapas: a análise do contexto, que se refere aos aspectos contextuais dos textos em estudo (apêndice A), e a análise linguística, que se refere à análise das estruturas linguísticas e dos elementos semântico-discursivos (apêndice B), conforme descritos nas subseções a seguir.

3.3.1 Análise contextual

A relação de texto e de contexto é indissociável, uma vez que, de acordo com Halliday (1989), o texto sempre está atrelado a um contexto e um determina o outro. Em vista disso, Thompson e Thetela (1995) fornecem subsídios para a análise do contexto da interação, considerando os papéis de autor-leitor, autor-no-texto e leitor-no-texto.

A seção 4.1 está dividida em duas subseções. Na subseção 4.1.1, apresentamos as considerações acerca do contexto de cultura – gênero – com base em Eggins (1997), Martin e Rose (2008) e Martin (2012). Na subseção 4.1.2, descrevemos e analisamos as variáveis do contexto de situação de Halliday (1989), que são: *campo*, em que podemos identificar o assunto do texto; *relações*, que permite reconhecer os participantes envolvidos, tanto na interação quanto no texto, e *modo*, que possibilita identificar a composição textual e o papel

desempenhado pela linguagem. Essa etapa tem o objetivo de fornecer informações contextuais que circundam os elementos linguísticos que constroem representações. Além disso, para diferenciar os participantes da interação e os do texto, consideramos o contexto de produção dos Evangelhos sob o ponto de vista das categorias propostas por Thompson e Thetela (1995).

3.3.2 Análise Linguística

A segunda etapa corresponde à análise linguística, visando à identificação e à sistematização de representações para mulher. Nessa etapa, são realizados os procedimentos descritos a seguir.

A primeira etapa consiste na identificação do campo semântico por meio da palavra-chave “mulher” e “mulheres” e de seus referentes, indicados por recursos como: repetição da palavra-chave, sinônimos, pronomes e elipse. Também foi feita a seleção das orações em que ocorrem o item lexical “mulher” e os demais itens que a ele se referem.

O segundo passo foi a identificação da voz autoral e das vozes não autorais presentes nos textos. Para isso, fizemos o levantamento das orações em que a categoria Atribuição, do subsistema Engajamento, era utilizada no texto, evidenciada pelas funções de Dizente ou Circunstâncias de ângulo.

O terceiro passo constitui na separação das vozes não autorais. Encontramos cinco vozes, conforme Figura 9:

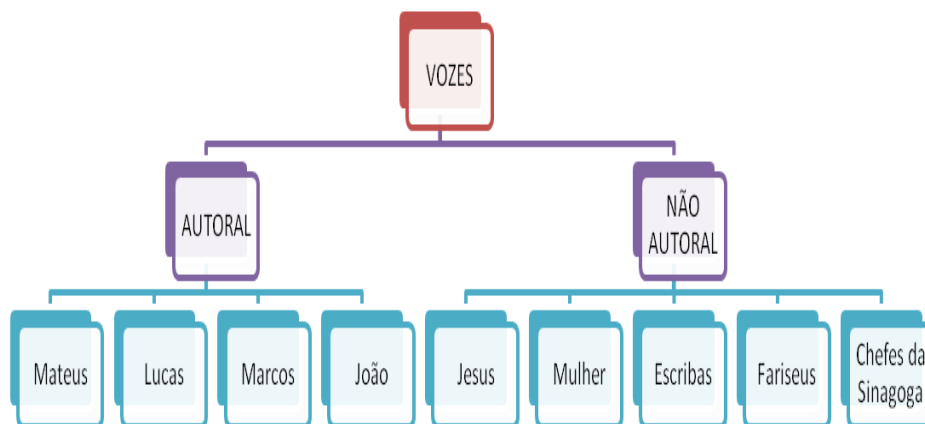


Figura 9 – Vozes autorais e não autorais presentes no *corpus*.

O quarto passo consistiu na seleção das orações, na voz autoral, que fizessem referência à mulher ou relacionadas a esse campo semântico.

O quinto passo referiu-se à seleção das orações em que os dizeres são atribuídos a vozes externas identificadas ou relacionadas ao campo semântico desta pesquisa. Essas vozes foram evidenciadas pelo Dizente ou pela Circunstância de ângulo (ver apêndice A).

No sexto passo, foi realizada a descrição do sistema de transitividade, conforme Halliday e Matthiessen (2004), considerando todas as orações que tragam a palavra-chave “mulher” ou referentes. Dessa forma, em um primeiro momento, segmentamos os textos em orações, identificamos e classificamos os três componentes que as constituem: processo, participante e circunstância, com vistas aos que constroem representações de mulher manifestadas em voz autoral e não autoral. Ressaltamos que, para a apresentação dos resultados de análise, não serão utilizadas somente as orações que se referem à mulher, mas os excertos, pois, considerando a LSF, para compreender o texto é necessário considerar o que está ao seu redor do texto. Para tanto, utilizamos duas maneiras de destaque nos excertos: **sublinhado**. O negrito foi utilizado para sinalizar as orações em que há evidências linguísticas da representação identificada. O sublinhado, por sua vez, foi empregado para destacar a presença da mulher na oração analisada, ou seja, para sinalizar o item lexical referente ao campo semântico de mulher.

O sétimo passo consistiu na descrição e na análise de ocorrências de funções de fala e polaridade, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004). Em primeiro momento, identificamos e classificamos esses elementos interpessoais, que estabelecem relações sociais entre a mulher e os demais participantes. As marcas linguísticas dos elementos interpessoais analisados são destacadas em **vermelho**. Entretanto, esse destaque é dado apenas na descrição (ver apêndice A), não sendo repetida na análise apresentada no Capítulo 4.

Por fim, o último passo dessa etapa consiste na descrição do subsistema de atitude, de acordo com Martin e White (2005), que nos permite observar valores e opiniões nas vozes autorais e não autorais acerca da mulher, expressos no *corpus* desta pesquisa. Assim, examinamos as marcas linguísticas e a natureza de suas ocorrências dentre seus significados sociossemânticos de afeto, de julgamento e de apreciação. No que se refere à Avaliatividade, as marcas linguísticas analisadas são destacadas da seguinte forma: as marcas de julgamento estão em sublinhado simples, as de apreciação estão em sublinhado-ondulado e as de afeto estão sombreadas. Assim como ocorre com os elementos interpessoais, a aplicação dessa diferenciação será empreendida apenas na descrição (ver apêndice A), não sendo reproduzida na análise apresentada no Capítulo 4.

No Quadro 10, apresentamos exemplos dos passos sétimo, oitavo e nono:

Análise da transitividade	Mestre, <u>esta mulher</u> foi flagrada cometendo adultério. [EJ8]
Análise de funções de fala e polaridade	<u>Maria</u> escolheu a melhor parte e esta não <u>lhe</u> será tirada. [EL10]
Análise da Avaliatividade	Quando Jesus <u>a</u> viu chorar [...] [EJ11]

Quadro 10 – Exemplificação dos códigos de referência a excertos do *corpus* e recursos de destaque utilizados para identificação de categorias linguísticas.

No próximo capítulo, são apresentadas as análises dos dados e a discussão dos resultados obtidos com a realização dos procedimentos anteriormente descritos.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados obtidos nas análises empreendidas nos vinte e um textos que constituem o *corpus* desta pesquisa. Optamos por esses textos por relatarem episódios no período em que Jesus Cristo viveu. Como os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são sinóticos, ou seja, apresentam uma grande quantidade de histórias comuns, decidimos analisar entre os textos repetidos somente os do Evangelho de Mateus, por ser considerado uma testemunha ocular da vida de Cristo (BLAINEY, 2012). Organizamos a análise e discussão dos dados (os resultados) em duas seções: uma se refere à descrição e interpretação dos dados contextuais, e a outra se dedica aos resultados da análise linguística, considerando aspectos da análise contextual.

Inicialmente, na seção 4.1, destinada à análise contextual, são apresentados os resultados encontrados, levando em consideração o contexto de cultura, com base em Eggins (1997), Rose e Martin (2008) e Martin (2012), e as variáveis de registro – contexto de situação –, conforme Halliday (1989) (apêndice A). Além disso, para diferenciar os participantes da interação e os do texto, consideramos o contexto de produção dos Evangelhos sob o ponto de vista das categorias propostas por Thompson e Thetela (1995).

Na seção 4.2, dedicamo-nos à análise linguística dos Evangelhos (apêndice B), para identificação das representações para a mulher e seus referentes, atribuídos tanto na voz autoral como na voz não autoral as análises foram realizadas por meio das escolhas léxico-gramaticais do sistema de transitividade, com base em Halliday e Matthiessen (2004), e as discussões em relação às categorias de atitude, com base em Martin e White (2005).

A partir dessas análises, verificamos quais representações são manifestadas para a mulher nos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João por meio de escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas, na oitava edição brasileira da *Bíblia Sagrada* (CNBB).

4.1 Análise Contextual

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados contextuais, considerando as variáveis campo, relações e modo apresentadas na seção 2.1 do capítulo 2.

Os Evangelhos objetivam registrar a passagem de Jesus Cristo na terra. São considerados como importantes fontes em que se relatam os acontecimentos que envolveram Jesus. De acordo com Ferreira (2007), o objetivo comum dos Evangelhos era orientar a vida das comunidades cristãs

diante de problemas internos – questões morais, conflitos de relacionamento, falta de fé etc. – e externos – confrontos com opositores judeus e, em alguns momentos, com o governo romano. Além disso, buscavam motivar os fiéis a proclamarem a salvação em Jesus Cristo aos de fora da comunidade cristã (p.14).

Esses acontecimentos, embora distantes temporalmente do século XXI, buscam levar o leitor à reflexão acerca do que é contado. Nesse sentido, os Evangelhos objetivam que o leitor seja influenciado pelas palavras e ações relatadas.

Esses textos dos Evangelhos foram traduzidos em 2.400 línguas e em diversas versões, estima a CNBB (2010). De acordo com Pe. Décio José Walker, assessor de imprensa da CNBB, as traduções devem acompanhar a evolução da linguagem, para possibilitarem uma “reciclagem”. Cada tradução apresenta mais ou menos detalhes de acordo com o objetivo proposto. No caso, a Bíblia traduzida pela CNBB está “próxima da linguagem usada na celebração litúrgica” (CNBB, 2010, p.07). Devido à diversidade de traduções, podemos observar que há diversos veículos-fontes dos textos bíblicos. Esse fator pode gerar distintas interpretações e vem ao encontro da teoria sistêmico-funcional que norteia este trabalho, que considera a linguagem sempre em modificação atrelada ao seu contexto.

Considerando que o texto está correlacionado ao seu contexto, fazemos, na seção 4.1.1, a análise do contexto de cultura, com base na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Além disso, descrevemos as variáveis de registro: campo, relações e modo (HALLIDAY, 1989), na seção 4.1.2.

4.1.1 Contexto de cultura – o Evangelho como gênero

A definição do Evangelho como um gênero textual específico ainda suscita muitas dúvidas, embora os estudos em torno da questão não sejam recentes. Segundo Carson, Moo e Morris (1997), estima-se que a preocupação em enquadrar os Evangelhos em um gênero vem desde o final do século I e o início do século II. Ao longo desse extenso período, conforme informam Carson, Moo e Morris (1997), na área da Teologia, por exemplo, alguns estudos

discutem os Evangelhos como gêneros literários; outros, como o de Fee e Stuart (1997), por sua vez, defendem o Evangelho como um gênero “que abriga várias formas” (p. 123), podendo se apresentar como narrativa, parábola, metáforas ou símiles. Além disso, explicam Fee e Stuart (1997), ainda que haja divergências quanto à classificação e definição das características linguísticas de cada uma, as epístolas e as cartas também são gêneros que permeiam o Novo Testamento.

Embora existam algumas definições sobre os Evangelhos como gênero na teologia, muitos trabalhos não apresentam um estudo detalhado ou evidências linguísticas que comprovem as estruturas por eles sugeridas. Nesse sentido, nesta pesquisa, recorreremos à Linguística Sistêmico-Funcional para, por meio de suas categorias analíticas, realizarmos uma descrição do Evangelho como gênero a partir da verificação, numa mostra de textos em análise, de expoentes linguísticos caracterizadores.

A LSF concebe a linguagem em termos de sistema e de estrutura que, por meio de textos, é colocada em funcionamento por um escritor/falante em um contexto específico. Assim, Halliday e Matthiessen (2004) definem texto como “qualquer instância de linguagem, em qualquer meio, que faça sentido para quem conhece a linguagem”³³ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 03). Portanto, “quando uma pessoa fala ou escreve, ela produz texto”³⁴ (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004, p. 03). Halliday (1989) esclarece que o texto pode ser visto de duas formas: como produto, pois sua estrutura pode ser representada sistematicamente, assim, possibilita que o texto seja estudado e registrado; e como processo, pois é um contínuo de escolhas semânticas.

Considerando a teoria sistêmico-funcional, Martin e Rose (2008) esclarecem que os gêneros são caracterizados como processos sociais, organizados em etapas, orientados para um propósito. Desse modo, o estudo sobre gêneros está diretamente vinculado ao modo como a linguagem é utilizada para as ações no mundo. Coimbra (2013) esclarece que o gênero é definido funcionalmente pelo propósito. Nesse sentido, diferentes gêneros são diferentes modos de utilizar a língua para executar diferentes tarefas culturalmente estabelecidas e textos de diferentes gêneros são textos que realizam diferentes propósitos na cultura. Em termos de Linguística Sistêmico-Funcional, significa que os gêneros são definidos como configurações recorrentes de significados, as quais, por sua vez, tornam possíveis as práticas sociais de uma dada cultura.

³³ “The term ‘text’ refers to any instance of language, in any medium, that makes sense to someone who knows the language” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 03).

³⁴ “When people speak or write, they produce text” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 03).

Na LSF, segundo a perspectiva de gênero da Escola de Sydney, Martin e Rose (2008) elucidam que alguns gêneros se enquadram na família das Estórias ou na família das Histórias. Segundo os autores, o propósito social da família das Histórias é informar. Essas informações podem acontecer por *relatos autobiográficos* (eventos mais significativos da vida), *relatos biográficos* (estágios da vida) e *relatos históricos* (estágios da história).

Com base nessa classificação, os Evangelhos podem ser enquadrados como relatos biográficos constituídos de etapas que reúnem episódios para descrever a vida de uma pessoa (MARTIN e ROSE, 2008, p. 108) – a vida de Jesus Cristo. Devido ao fato de que os Evangelhos surgiram no período compreendido entre 90 d.C e foram transmitidos oralmente e exploravam a atuação de Jesus em Galileia e Judeia do século I. Reimer (2010) explica que, durante esse período e em diferentes comunidades cristãs no entorno do Mar Mediterrâneo, iniciaram os “ditos” populares sobre cura, milagre e relatos biográficos acerca de Jesus Cristo. Esses ditos foram organizados e compilados em Evangelhos por pessoas pertencentes a comunidades cristãs distintas.

O Evangelho de João pode ter sido o primeiro transmitido oralmente e organizado para publicação, segundo Reimer (2010), pois apresenta uma data provável de 68-69 d.C. Em seguida, surgiram os Evangelhos de Mateus e Lucas, que são datados por volta do ano 90 d.C. Em relação às semelhanças apresentadas nos Evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas –, Reimer (2010) salienta que é um ponto positivo, pois ambos apontam para uma mesma tradição oral e comum para a antiguidade. Essa provém de distintos lugares e pode demonstrar um grau de fidelidade no processo de tradução.

Os Evangelhos sinóticos, segundo Reimer (2010), foram escritos para grupos específicos de pessoas cristãs, membros de igrejas que se reuniam em casas, após a guerra judaica. Nesse sentido, Reimer (2010) infere que a circulação era interna e particular. No entanto, atualmente, “os Evangelhos servem para assentar parte da tradição e formar e/ou fortalecer identidade e pertencimento religiosos. Seu objetivo, portanto, não é apenas informar, mas simultaneamente formar!” (REIMER, 2010, p.43).

Portanto, os Evangelhos originaram-se em comunidades cristãs para testemunhar os episódios de fé. Reimer (2010) pondera que todos os escritos evangélicos foram escritos pós-pascuais e, a partir disso, apresenta dois pontos positivos: primeiro, a história de Jesus Cristo de Nazaré foi marcada pela memória de grupos e comunidades que acreditavam que Jesus era o Messias. Segundo, os Evangelhos refletem simultaneamente as realidades das comunidades, suas concepções políticas, organizacionais e a construção da identidade dentro de uma sociedade no final do século I.

Considerando que os Evangelhos relatam testemunhos do episódio de vida de Jesus Cristo do século I, é necessário compreender como as etapas que compõem o gênero biográfico ocorrem nos Evangelhos. Segundo Martin (2012), as etapas que compõem o gênero relato biográfico são: orientação e sucessivas etapas. Exemplificamos no Quadro 11, que foi constituído com base no modelo proposto por Martin (2012), a presença dessas etapas características ao gênero relato biográfico a partir da análise do Evangelho de Mateus que está inserido no Novo Testamento, e que apresenta um esquema temporal acerca da vida de Jesus Cristo.

Etapas	Estrutura Esquemática do relato biográfico – Evangelho de Mateus	
Orientação		Jesus nasceu na cidade de Belém da Judéia, na época do rei Herodes [...]. [EMt1]
Etapa 1	Anunciação e história do nascimento de Jesus Cristo	Ora, a origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, antes de passarem a conviver, ela encontrou-se grávida pela ação do Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, pensou em despedi-la secretamente.” Mas, no que lhe veio esse pensamento, apareceu-lhe em sonho um anjo do Senhor, que lhe disse: “José, Filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa; o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos pecados. [...] [EMt1]
Etapa 2	O batismo de Jesus	Então, Jesus veio da Galileia para o rio Jordão, até junto de João, para ser batizado por ele. [...] [EMt3]
Etapa 3	Pregação inicial de Jesus na Galiléia	Quando soube que João tinha sido preso, Jesus retirou-se para a Galileia. Deixou Nazaré e foi morar em Cafarnaum, às margens do mar da Galileia, no território de Zabulon e de Neftali (...) A partir de então, Jesus começou a anunciar: “Convertei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo” [...]. [EMt4]
Etapa 4	Ensinamentos e curas de Jesus	Jesus percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, anunciando a Boa-Nova do Reino e curando toda espécie de doença e enfermidade do povo. Sua fama também se espalhou por toda a Síria. Levaram-lhe todos os doentes, sofrendo de diversas enfermidades e tormentos: possessos, epiléticos e paralíticos. E ele os curava. Grandes multidões o acompanhavam, vindas da Galileia, da Decápole, de Jerusalém, da Judeia, e da região do outro lado do Jordão. [...] [EMt4]
Etapa 5	Milagres de Jesus	(...) Jesus porém lhes disse: “ Eles não precisam ir embora. Vós mesmos dai-lhes de comer”! Os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”. Ele disse: “Trazei-os aqui”. (...) Todos comeram e ficaram saciados, e dos pedaços que sobraram recolheram ainda doze cestos cheios. [...] [EMt14]
Etapa 6	A conspiração contra Jesus	[...] Um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os sumos sacerdotes e disse: “que me dareis se eu vos entregar Jesus?”

		Combinaram trinta moedas de prata. E daí em diante, ele procurava uma oportunidade para entregá-lo. [...] [EMt26]
Etapa 7	Prisão de Jesus	Jesus ainda falava, quando veio Judas, um dos Doze, com uma grande multidão armada de espadas e paus; vinham da parte dos sumos sacerdotes e dos anciãos do povo. O traidor tinha combinado com eles um sinal: “Aquele que eu beijar, é ele: “Prendei-o”. Judas logo se aproximou de Jesus, dizendo: “Salve Rabi!” e beijou-o. Então os outros avançaram, lançaram as mãos sobre Jesus e o prenderam. [...] [EMt26]
Etapa 8	Crucificação	Daí o levaram para crucificar. Ao saírem, encontraram um homem chamado Simão, que era de Cirene, e obrigaram a carregar a cruz de Jesus. (...) Depois de o crucificarem, (...) Acima da cabeça de Jesus puseram o motivo da condenação: “Este é Jesus, o Rei dos Judeus”. [...] [EMt27]
Etapa 9	A morte de Jesus	Desde o meio-dia, uma escuridão cobriu toda a terra até as três horas da tarde. Pelas três da tarde, Jesus deu um forte grito. (...) Então Jesus deu outra vez um forte grito e entregou o espírito. [...] [EMt27]
Etapa 10	Ressurreição	Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.(...) Ele não está aqui! Ressuscitou”, como havia dito! [...] [EMt28]

Quadro 11 – Exemplificação do gênero relato biográfico no Evangelho de Mateus.

Em relação à sucessão de acontecimentos e fatos, os Evangelhos de Marcos e João não apresentam a etapa 1 – nascimento de Jesus Cristo. O Evangelho de João, entre os quatro, é o único que apresenta a etapa do primeiro milagre de Jesus Cristo. Em comum, os Evangelhos apresentam as etapas sobre a crucificação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Outra característica comum entre os quatro Evangelhos é a presença de circunstâncias de localização espacial e temporal, como no exemplo 32.

32	Depois que nasceu na cidade de Belém da Judéia, na época do rei Herodes , alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém [...] [EMt2] [...] Partindo dali, Jesus foi para a região de tiro e Sidônia . Uma mulher Cananéia, vinda daquela região [...] [EMt15]
----	---

Em (32), *na época do rei Herodes* indica circunstância de localização temporal, já as marcas linguísticas, *daquela região, na cidade de Belém da Judéia, a Jerusalém, para a região de tiro e Sidônia*, indicam circunstâncias espaciais. Embora não esteja definida uma data, há referência a um período da história: *na época do rei Herodes*³⁵, período compreendido entre 63

Nos Evangelhos, há outros textos curtos, inseridos no próprio Evangelho. Martin e Rose (2008) definem a organização dos gêneros como um sistema hierárquico, uma taxonomia de tipos em que cada tipo atribui o critério da sua classificação no nível mais abstrato agrupados em famílias. Assim, os autores explicam que os *macrogêneros* se constituem de vários gêneros curtos, como, por exemplo, um discurso terapêutico, que se desenrola em várias sessões de aconselhamento para casais, investigado por Muntigl (2004) (MARTIN e ROSE, 2008, p. 216). Então, os textos curtos tornam-se gêneros maiores – *macrogêneros*. Considerando que o Evangelho é um texto extenso, podemos verificar nele textos pertencentes a outros gêneros específicos, como narrativas, relatos e exposição, apresentados, respectivamente, no quadro 12.

Etapas	Excertos
Orientação	Entrando na casa de Pedro
Complicação	Jesus viu a sogra deste acamada, com febre.
Resolução	Tocou-lhe a mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo. [EMt8]

Quadro 12 – Exemplo de narrativa no Evangelho de Mateus.

Etapas	Excertos
Orientação	Assim, veio João, batizando no deserto e pregando um batismo de conversão, para o perdão dos pecados.
Rol de eventos	A Judéia inteira e todos os habitantes de Jerusalém saíam ao seu encontro, e eram batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados.

Quadro 13 – Exemplo de relato no Evangelho de Mateus.

³⁵ Herodes Antipas, dominava parte da Judéia e localidades próximas ao rio Jordão. Por isso, o conflito com João, o Batista, que vivia naquela região. Antipas resolvia os problemas de ordem religiosa e de organização social. Somente as questões que afrontavam o governo romano como sonegação de impostos e insurreições eram encaminhadas ao procurador romano, naquela época, representado por Pôncio Pilatos (JOÃO, 2014, p. 46).

Etapas	Excertos
Tese	Ouviste o que foi dito: ‘ <i>Não cometerás adultério</i> ’.
Argumentos	Ora, eu vos digo: todo aquele que olhar para uma mulher com o desejo de possuí-la já cometeu adultério com ela em seu coração. [EMt5]

Quadro 14 -- Exemplo de exposição no Evangelho de Mateus.

Em resumo, Evangelho pode ser considerado um relato biográfico, que vincula narrativas, relatos e exposições que podem auxiliar o leitor na compreensão dos eventos mais importantes acerca da vida de Jesus Cristo.

Com o objetivo de **evidenciar representações para a mulher nos quatro Evangelhos do Novo Testamento, analisamos o sistema de transitividade e o subsistema de atitude** das histórias sobre as mulheres. Para isso, consideramos que Martin e Rose (2008) situam o gênero no estrato da cultura, numa dimensão acima do registro, que pode funcionar como um padrão de campo, relações e modo. Essa perspectiva, também é ratificada nos estudos de Halliday (1978, 1985), sugere que o gênero envolve uma configuração particular de variáveis de campo, relações e modo. Nas próximas seções, verificamos essas variáveis de registro.

4.1.2 Variáveis de registro

Considerando os estudos funcionalistas de base hallidayana, faz-se imprescindível atentarmos para a relevância do contexto. Como a relação entre texto e contexto é indissociável, um está sempre influenciando o outro, de acordo com Halliday (1989).

Na primeira etapa da análise, verificamos as três variáveis – campo, relações e modo – que determinam o contexto imediato dos textos, o contexto de situação (HALLIDAY, 1989).

Quanto à variável **campo**, que se refere à prática discursiva que está sendo realizada no e pelo texto (HALLIDAY, 1989), comentamos o cenário político e social que serviu de pano de fundo para a produção dos Evangelhos, bem como os assuntos recorrentes nesse conjunto de escritos. Na variável **relações**, que indica quem está participando da atividade social, os papéis desempenhados e a distância social entre os participantes da interação (HALLIDAY, 1989), buscamos informações sobre os evangelistas a quem se atribui a

produção dos textos, fazemos considerações sobre o público a quem os Evangelhos se destinam e sobre as principais interações sociais entre eles.

Na variável **modo**, cuja função é identificar a organização do texto e apresentar a função da linguagem no momento da interação (HALLIDAY, 1989), fazemos considerações sobre o meio de veiculação. Nas próximas subseções, são apresentados os dados contextuais dos quatro Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João.

4.1.2.1 Contexto do Evangelho de Mateus

Em relação à variável campo, acredita-se que a sua produção ocorreu no período compreendido entre 80 e 90 d.C, de acordo com Borg (2001). Nesse período, a Palestina estava sob a jurisdição romana. O judaísmo estava ramificado em Fariseus, Saduceus, Essênios, Herodianos, Zelotes e Escribas (CORRÊA, 2003).

Embora a língua predominante naquela época fosse a aramaica, Aquino (2013) salienta que os manuscritos de Mateus eram em língua grega. Além disso, os manuscritos originais foram produzidos em pele de ovelhas ou papiros, razão pela qual o material era muito delicado e frágil.

Dentre os quatro Evangelhos, o Evangelho de Mateus é o mais discutido e estudado na tradição cristã. Ferreira (2006) argumenta que uma das razões para o destaque desse Evangelho é que Mateus teria sido testemunha ocular dos feitos de Jesus juntamente com João. Silva (2011) acrescenta que o Evangelho de Mateus apresenta aspectos de um momento histórico de um judaísmo fragmentado em diferentes grupos. Essa fragmentação teve início com a destruição do Templo de Jerusalém, por isso, os diferentes movimentos judeus tentaram legitimar suas práticas religiosas. Ainda, Richard salienta que “por trás do texto, em todo caso, não há somente um autor ou uma escola de autores, mas também cinquenta anos de tradição oral que se manteve viva nas comunidades cristãs da Galiléia, Síria e Antioquia” (1997, p. 08).

Os assuntos mais recorrentes no Evangelho de Mateus permeiam as histórias da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Além disso, apresenta cinco sermões – da montanha, da missão, das parábolas, da comunidade e escatológico. No entanto, interessam-nos os temas recorrentes que apresentam fatos envolvendo a participação direta ou indireta de mulheres

naquela época. O Quadro 15 demonstra os episódios encontrados nos Evangelhos de Mateus envolvendo as mulheres.

Código	Episódios
[EMt1]	Maria descobre que estava grávida.
[EMt5]	Jesus indica condutas para as mulheres.
[EMt8]	Jesus cura a sogra de Pedro.
[EMt9]	Jesus cura a filha de Jairo. Jesus cura a mulher que sofria de hemorragias.
[EMt14]	A filha de Herodes solicita a cabeça de João Batista.
[EMt15]	Jesus conversa com uma mulher Cananéia.
[EMt19]	Jesus indica condutas acerca do papel da mulher e do homem no casamento.
[EMt22]	Jesus indica condutas sobre a descendência familiar.
[EMt24]	Uma mulher derrama perfume em Jesus Cristo.
[EMt27]	Mulheres presenciam a morte de Jesus Cristo.
[EMt28]	Mulheres anunciam a ressurreição de Cristo.

Quadro 15 – Episódios que demonstram a participação de mulheres no Evangelho de Mateus.

No que diz respeito à variável relações, Mateus era conhecido como Levi, sinônimo de coletor de impostos daquela época. Tradicionalmente, Mateus foi considerado testemunha ocular de Jesus Cristo, devido ao fato de ter sido um dos apóstolos de Cristo (ROGERSON, 2005). Segundo Blainey (2012), Mateus possuía méritos literários e clareza de escrita.

O estudo do Evangelho de Mateus permite a qualquer leitor a constatação de que nele se atribui um papel central ao personagem Jesus Cristo. Assim, no contexto da época de 70 a 90 d. C, acredita-se que o Evangelho dirigia-se, especificamente, para comunidades judaicas. Já no contexto atual, o Evangelho de Mateus interessa ao público que busca informações acerca da vida e/ou dos ensinamentos de Jesus Cristo no período em que viveu. De modo especial, esse público é representado por cristãos.

Em relação à distância social, podemos inferir que, entre o evangelista Mateus e os leitores atuais, é máxima, pois a produção e a recepção se dão entre indivíduos que não se

conhecem, distantes no tempo e no espaço. Em relação à época de produção do texto, a distância social entre Mateus e os leitores/ouvintes, de modo geral, é média, pois o apóstolo mantinha contato face a face com o povo ao transmitir os ensinamentos de Jesus Cristo.

Com relação à variável modo, podemos referir a informação de que os escritos, segundo Aquino (2013), no período de produção do Evangelho de Mateus, foram produzidos em pele de ovelha ou papiros. No entanto, esses manuscritos originais não duraram muito tempo, pela fragilidade do material. De acordo com Giraldi (2008), nos primeiros anos da era Cristã e da idade Média, a Bíblia foi copiada à mão em rolos de papiros e pergaminhos e suas cópias eram escondidas em cavernas para não serem queimadas. Giraldi (2008) informa que os primeiros exemplares bíblicos chegaram ao Brasil no século XVII, nas caravelas dos calvinistas franceses e holandeses, integrantes de expedições invasoras que desembarcaram nos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco. A primeira Bíblia em língua portuguesa foi escrita por João Ferreira d'Almeida no século XVII e publicada no século XVIII (ALVES, 2006). Assim, as primeiras sociedades bíblicas começaram a enviar Bíblias em língua portuguesa para o Brasil no início do século XIX, com a liberação de importação de livros (GIRALDI, 2008).

Até o século XIII, segundo Giraldi (2008), a Bíblia não era dividida em capítulos. A divisão ocorreu em 1227, sugerida pelo professor universitário parisiense Stephen Langton. Em 1551, o também parisiense Robert Stephanus dividiu a Bíblia em versículos. Essas divisões objetivavam facilitar a consulta e a citações bíblicas (GIRALDI, 2008). Esses recursos tipográficos foram aceitos pelos tradutores e permanecem até os dias atuais, como podemos verificar na Figura 10: o número negrito e em tamanho maior indica o capítulo, e os números menores referem-se aos versículos. O capítulo e os versículos são dispostos sequencialmente, considerando em qual livro estão inseridos. Para referir o texto, primeiro indica-se a autoria, seguido dos demais dados: Mateus, capítulo 21, versículo 1 ao 4.

21 ¹Jesus e os discípulos aproximaram-se de Jerusalém e chegaram a Betfagé, no Monte das Oliveiras. Então Jesus enviou dois discípulos, ²dizendo-lhes: “Ide até o povoado ali na frente, e logo encontrareis uma jumenta amarrada e, com ela, um jumentinho. Desamarrai-os e trazei-os a mim! ³E se alguém vos disser alguma coisa, direis: ‘O Senhor precisa deles, mas logo os mandará de volta’”. ⁴Isso aconteceu para se cumprir o que foi dito pelo profeta:

Figura 10 – Exemplo da tipografia bíblica: Mateus, capítulo 21, versículos 1-4 em CNBB, 2010.

No contexto atual, o Evangelho de Mateus é constituído de 28 capítulos. Há predomínio do discurso direto e modo declarativo. Em alguns capítulos, há presença de citações em itálico que indicam a voz de Deus ou das leis da época (poder). Há recorrência do uso da segunda pessoa do singular (“tu”). Em alguns textos, há indicações de vocabulário que indicam discurso pedagógico: “Se teu olho direito te leva à queda, arranca-o e joga para longe de ti!, “Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem!”. O modo de instanciação da linguagem é o escrito e o meio é o gráfico. Estima-se, segundo a Sociedade Bíblica do Brasil, que a Bíblia está disponível em 2.426 idiomas. A veiculação dos textos também ocorre por via impressa ou modo virtual, em que a *internet* é o canal utilizado. Além dessas veiculações, os textos bíblicos são veiculados em missas e cultos. Também são disponíveis em áudios. Do mesmo modo, há várias edições bíblicas: Bíblia do bebê; Bíblia para crianças; Bíblia do adolescente; Bíblia para mulheres; Bíblia edição de bolso; Bíblia ilustrada, entre outras.

Na próxima seção, apresentamos as variáveis contextuais do Evangelho de Marcos.

4.1.2.2 Contexto do Evangelho de Marcos

No que diz respeito à variável campo, o Evangelho de Marcos se apresenta como o menos extenso dentre os quatro e não incluiu em suas narrativas a infância de Jesus Cristo,

nem o testemunho das aparições do ressuscitado nem o sermão da montanha. Por esses motivos, segundo Amaral (2009), foi considerado por alguns estudiosos um Evangelho inacabado. Além disso, Marcos escreveu os relatos, conforme Amaral (2009), com o propósito de apresentar uma nova visão de Jesus Cristo, indicando-o como realizador da plenitude humana.

Duarte (2012) acredita que Marcos produziu o Evangelho em torno de 63 d.C a 67 d.C, depois da destruição do templo de Jerusalém. De acordo com Souza (2014), Marcos acompanhava Pedro (primeiro apóstolo de Jesus Cristo, conforme Duarte, 2012) em suas pregações e as traduzia para o grego, desse modo, atuava como intérprete ou uma espécie de secretário.

O contexto histórico e social da produção do Evangelho de Marcos, segundo Myers (1992), indica que Marcos escreveu na época em que as comunidades cristãs viviam momentos de tensão e ameaças de perseguição romana. O medo predominava nas relações sociais das comunidades.

Assim como os demais Evangelhos, Marcos mantém o foco centrado em Jesus e nas relações estabelecidas entre ele e as pessoas. Rover (2004) argumenta que, nesse Evangelho, desde os primeiros capítulos, as multidões buscam/imploram atenção de Jesus aos pedidos de fome e desalento social. Entretanto, os assuntos que nos interessam são as relações de Jesus com as mulheres daquela época.

Lembramos que os textos do Evangelho de Marcos que são repetidos em Mateus não foram analisados, mas sim os de Mateus, que foi o evangelista que acompanhou Jesus. Nesse sentido, o Quadro 16 indica o único episódio, não repetido em Mateus, em que a mulher aparece.

Código	Episódio
[EM10]	Jesus observa a viúva pobre.

Quadro 16 – Episódio que demonstra a participação de mulheres no Evangelho de Marcos.

Em relação à variável relações, podemos dizer que Marcos teve sua vida bastante desconhecida. Segundo Blainey (2012), sabe-se que foi secretário de Pedro e teria usado suas anotações para escrever o Evangelho. Era judeu e conhecia os primeiros líderes cristãos.

Souza (2014) informa que, no contexto da época, Marcos escreveu para as comunidades da Síria, especificamente as comunidades cristãs. No contexto atual, inferimos que o Evangelho de Marcos interessa a todos os leitores que buscam informações sobre a vida e os ensinamentos de Jesus Cristo, especialmente aos cristãos.

No que diz respeito à distância social, podemos inferir, no contexto atual, a distância social entre os participantes da interação e produtor e leitores é máxima, já que há uma expressiva distância temporal entre os indivíduos. Na época de produção do texto, entre Marcos e os leitores, de modo geral, pode ser considerada média, devido ao fato de Marcos, como acompanhante de Pedro na pregação, não tinha relação direta com o público.

No que tange à variável modo, no período de produção do Evangelho de Marcos, não há evidências de quais materiais foram produzidos os textos; sabe-se apenas, segundo Souza (2014), que a língua utilizada era o grego. Em relação ao contexto atual, o papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito e o canal é gráfico. O Evangelho é constituído de 16 capítulos (mais curto dentre os quatro Evangelhos). Há recorrência do modo declarativo: “A sogra de Simão estava de cama, com febre, e logo falaram dela a Jesus” e textos dialogados: “Jesus disse: “Em verdade vos digo, um de vós vai me entregar, aquele que come comigo. Eles ficaram tristes e, um após o outro, começaram a perguntar: “Acaso serei eu?” Jesus lhes disse: “É um dos doze [...]”. Ainda acerca da variável modo, os dados apresentados na subseção 4.1.2.1 (Evangelho de Mateus) são condizentes para o Evangelho de Marcos.

Na subseção 4.1.2.3, apresentamos a contextualização acerca do Evangelho Lucas.

4.1.2.3 Contexto do Evangelho de Lucas

No que diz respeito à variável campo, o Evangelho de Lucas é considerado o mais extenso dos sinóticos. Seu contexto histórico remete ao período das guerras judaicas contra a dominação romana, as quais antecederam a tomada de Jerusalém e a derrubada do templo. Ferreira (2009) esclarece que o objetivo do evangelista Lucas é demonstrar que o projeto político de Israel é inviável, pois “há presença do imponente império de Roma que massacra e oprime a maioria do povo” (p. 46).

Em relação ao contexto de produção, estima-se que o Evangelho foi produzido em 80 d.C. Ferreira (2009) acredita que o Evangelho reflete a cultura, a política e a vida social da época, por exemplo, a escravidão, o contraste entre os pobres e ricos, o contato dos judeus

com outras culturas e, principalmente, o domínio dos romanos. Por isso, o Evangelho de Lucas contesta o império romano pela política opressiva e autoritária diante das comunidades daquela época.

Esses dados indicam quais assuntos eram abordados nesse Evangelho. Nesse sentido, a figura de Jesus Cristo, por meio das ações realizadas, indicava ensinamentos para as comunidades viverem com menos desigualdades sociais. Em relação aos textos que abordam a figura feminina, destacamos quatro não repetidos em Mateus, conforme Quadro 17.

Código	Episódios
[EL1]	Maria visita sua prima Isabel.
[EL7]	Uma mulher acusada de pecadora.
[EL13]	Jesus cura a mulher encurvada.
[EL10]	Jesus visita as irmãs: Marta e Maria.

Quadro 17– Episódios que demonstram a participação de mulheres no Evangelho de Lucas.

Quanto à variável relações, Blainey (2012) informa que Lucas não foi amigo de Jesus Cristo e também não era judeu. Era um médico muito famoso, amigo íntimo de Paulo, os quais compartilhavam ideias comuns. Ferreira (2009) indica que o Evangelho foi redigido em Antioquia da Síria ou em Éfeso, na Ásia menor ou em Corinto, na Grécia. Assim, o autor acredita que Lucas dirige seu Evangelho às comunidades cristãs dessas localidades. No entanto, no contexto atual, o Evangelho de Lucas importa ao público, especialmente, representado por cristãos, que busca reconstituir a vida de Jesus.

Assim, em termos de distância social, podemos inferir que, no contexto atual, a distância é máxima, pois sugere um distanciamento também entre indivíduos no tempo e no espaço. Em relação à época de produção, a distância social entre Lucas e os leitores é máxima, pois não há evidências de que havia contato face a face com as comunidades.

Por fim, em relação à variável modo, no período de produção do Evangelho de Lucas, Santos (2011) argumenta que o texto original foi escrito em papiro e pergaminho, com isso houve a necessidade de fazer cópias e traduções desses textos. No contexto atual, o Evangelho é constituído de 24 capítulos. Nesses capítulos, há recorrência de discurso direto e modo declarativo. Há recorrência do uso da segunda pessoa do singular (“tu”): “Estás vendo esta

mulher?"; “não me beijaste”; “não derramaste óleo na minha cabeça”. Ainda o papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito e o canal é gráfico. Ainda em relação à variável modo, os dados apresentados na subseção 4.1.2.1 são concordantes com o Evangelho de Lucas.

Na próxima subseção, apresentamos o quarto evangelista: João.

4.1.2.4 Contexto do Evangelho de João

O quarto Evangelho, de João, é considerado autônomo, devido ao fato de não ter relação com os Evangelhos de Lucas, Marcos e Mateus. Estima-se que os escritos de João foram produzidos no período inicial 64 d.C, com o primeiro incêndio de Roma, marcado pelo governo de Nero (VIEIRA, 2008).

Conforme Blainey (2012), o Evangelho de João não foi escrito na língua grega, como os outros três, mas em aramaico. Vieira (2008) elucida que João, filho de Zebedeu, foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Sugere que João viveu muito tempo, após a morte de Jesus Cristo, porém, não indica, exatamente, quanto tempo ou em qual localidade.

Os dados históricos indicam que João foi uma autêntica testemunha ocular da vida de Jesus Cristo e tinha uma relação afetuosa com ele. Na Bíblia, tradução CNBB (2010), no capítulo 1, versículo 35, pode indicar uma hipótese da relação de João com Jesus Cristo, conforme mostra o excerto: “No dia seguinte, João estava lá, de novo, com dois dos seus discípulos. Vendo Jesus caminhando, disse: “Eis o cordeiro de Deus”! Os dois discípulos ouviram esta declaração de João e passaram a seguir Jesus. [...]”.

Os assuntos abordados no Evangelho de João, segundo Viera (2008), apresentam indicações cronológicas, enfatizando a vida pública de Jesus. Também, o Evangelho sincroniza a vida de Jesus com as festas judaicas. No que diz respeito à participação da mulher, foram encontrados cinco textos, que trazem referências à mulher, conforme demonstrado no Quadro 18.

Código	Episódios
[EJ2]	Maria presencia o primeiro milagre de Jesus Cristo.
[EJ4]	Jesus conversa com a mulher samaritana.
[EJ8]	Uma mulher acusada de adultério.
[EJ11]	Jesus visita Marta e Maria.
[EJ19]	Maria presencia a morte de Jesus Cristo.

Quadro 18 – Episódios que demonstram a participação de mulheres no Evangelho de João.

Quanto à variável relações, Santos et al. (2011) esclarecem que o Evangelho pode ter sido produzido na área do mediterrâneo oriental, na Síria ou na Ásia menor. Dessa forma, no contexto da época, o Evangelho era direcionado para essas comunidades cristãs. Por outro lado, no contexto atual, o Evangelho de João é direcionado ao público, especialmente, representado por cristãos, que busca informações acerca da vida de Jesus.

Assim, em termos de distância social, no contexto atual, a distância é máxima, pois há um distanciamento temporal e espacial entre autor e leitores. Na época de produção, podemos inferir que, entre João e os leitores, a distância é média, uma vez que João acompanhou Jesus Cristo, portanto, tinha contato face a face com as pessoas daquelas comunidades.

Quanto à variável modo, no período de produção do Evangelho de João, segundo Viera (2008), não há dados sobre qual material foram produzidos os textos originais. O Evangelho é constituído de 21 capítulos. Nesses capítulos, há recorrência do discurso direto e o do modo declarativo: “Estava próxima a Páscoa dos judeus; Jesus, então, subiu a Jerusalém. No templo, encontrou os que vendiam bois, ovelhas e pombas”. Há recorrência do uso da segunda pessoa do singular (“tu”): “Mulher, para que me dizes isso?”. Há recorrência de vocativos de respeito destinado a Jesus Cristo: “Senhor, para onde vais?”, “Vem ver, Senhor”. O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito e o canal é gráfico. Outras informações sobre a variável modo estão disponíveis na subseção 4.1.2.1 (Evangelho de Mateus), pois são condizentes entre ambos.

Realizada a descrição das variáveis de registro nos vinte e um textos que constituem o *corpus* desta pesquisa, nas próximas seções apresentamos a descrição e análise dos textos linguísticos, com o intuito de alcançar o objetivo deste estudo: *verificar representações para*

a mulher evidenciadas nos quatro Evangelhos do Novo Testamento por meio da análise do sistema de transitividade e do subsistema de atitude.

4.2 Análise textual: representações para a mulher com base em evidências linguísticas

Nesta seção, ocupamo-nos com as análises dos elementos linguísticos usados para manifestar representações para a mulher no contexto em que Jesus viveu. Tais representações estão categorizadas e apresentadas a partir das vozes autorais e das vozes externas.

Em relação à descrição e à análise dos dados linguísticos em voz autoral, analisamos as orações que estão na voz dos evangelistas: Mateus, Lucas, Marcos e João. Nesse sentido, destacamos que as orações na voz autoral são discriminadas das vozes externas. No que diz respeito às vozes externas, identificamos quais recursos linguísticos são usados para incluir essas vozes, com base no sistema de engajamento, proposto por Martin e White (2005). Ainda, descrevemos e analisamos os elementos linguísticos que compõem Citações e Relato, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004).

A partir da análise de evidências léxico-gramaticais e semântico-discursivas, associadas ao dados contextuais, conforme procedimentos descritos no capítulo de metodologia, identificamos como a mulher é representada nos textos que constituem o *corpus* desta pesquisa, ou seja, os 21 textos que fazem referência à mulher no Evangelho do Novo Testamento.

4.2.1 Análise dos textos dos Evangelhos

Antes de analisarmos a linguagem usada nos Evangelhos que constrói representações para as mulheres, convém identificarmos as vozes em que tais representações são trazidas. Os recursos léxico-gramaticais usados, nos textos que constituem o *corpus*, para introduzir a voz externa são os processos verbais. Foram consideradas todas as formas dos verbos encontrados nos textos (presente, pretérito, futuro, pessoas do discurso, formas não finitas). Nos textos selecionados, não apareceram circunstâncias de ângulos. Os processos verbais encontrados no *corpus* estão no Quadro 19, com os respectivos textos em que ocorrem nos Evangelhos.

Processos verbais	Textos
Dizer	[EMt1], [EMt5], [EMt9], [EMt14], [EMt15], [EMt19], [EMt24], [EMt28], [EM10], [EL1], [EL10], [EL7], [EL13], [EJ2], [EJ4], [EJ8], [EJ11]
Pedir	[EMt14], [EMt15]
Gritar	[EMt15]
Implorar	[EMt15]
Insistir	[EMt15]
Responder	[EMt15], [EMt19], [EMt22], [EL7], [EJ2], [EJ4], [EL10]
Perguntar	[EMt19], [EMt22], [EL1]
Falar	[EMt28], [EL7]
Comentar	[EL7]
Retomar	[EL7]
Retrucar	[EJ4]

Quadro 19 – Verbos que realizam processos verbais para introduzir vozes não autorais.

A partir dos dados apresentados no Quadro 19, verificamos que a ocorrência mais frequente é o processo verbal *dizer*. Esse processo é usado para introduzir as vozes externas: Jesus, fariseus, escribas, sacerdotes e mulheres. Em apenas três textos – EL1, EJ2 e EJ4 – o *dizer* é atribuído para as mulheres, o que pode indicar a dificuldade da manifestação pública das mulheres na sociedade da época, retratada nos Evangelhos. Nesses três textos, observamos que as mulheres interagem com Jesus Cristo, como por exemplo, no excerto em que uma mulher disse a Jesus:

33	“Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui tirar água.” [EJ4]
----	--

Para organização, nesta seção, os resultados serão apresentados em duas subseções. A subseção 4.2.1 evidencia representações das mulheres na voz dos fariseus, escribas, saduceus, sacerdotes e na voz autoral (os quatro evangelistas). Na subseção 4.2.2, verificamos representações de mulheres na voz de Jesus Cristo e dos evangelistas. Veremos, nas subseções, que as representações são bastante diferentes em cada grupo de vozes.

4.2.2 Representações para a mulher evidenciadas nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas

As escolhas linguísticas atribuídas à voz dos saduceus representam mulher como pertencente aos homens, e que designamos como **POSSE**. De acordo com o dicionário Houaiss, posse é “estado de quem possui uma coisa, de quem a detém como sua ou tem o gozo dela” ainda “estado de algo que é possuído por alguém, ou que esse alguém conserva consigo” (2009, p. 1798). Há orações, no excerto (34), que evidenciam essa representação, indicando como o grupo masculino reconhecia a mulher – algo sobre o qual pensavam ter direito.

34	(1) Naquele dia, aproximaram-se dele uns saduceus, (2) os quais afirmam (3) que não há ressurreição. (4) Perguntaram-lhe: (5) “Mestre! Moisés disse: (6) <i>se alguém morrer sem deixar filhos, (7) seu irmão deve se casar com ³⁶a mulher dele, (8) para dar descendência ao irmão.</i> (9) Ora, havia entre nós sete irmãos. (10) O primeiro era casado, (11) morreu (12) e, como não tivesse filhos, (13) deixou a mulher para o irmão. (14) Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, até o sétimo. (15) No fim de todos, morreu a <u>mulher</u> . (16) Na ressurreição, a qual dos sete pertencerá a mulher, (17) já que todos a tiveram por esposa?” [EMt22]
----	---

A representação da mulher como posse ou propriedade do homem é manifestada nas orações (7) e (8) e de (13) a (17). Tal representação era naturalizada na sociedade da época, haja vista o uso do recurso de modulação *deve*, em (7), que indica a existência de uma norma.

A norma era o irmão do falecido, desde que não tenha tido filhos, casar-se com a cunhada a qual desempenha na oração a função de circunstância de acompanhamento *com a mulher dele*. A justificativa para essa prática está na oração (8), em que *ao irmão* é Beneficiário da Meta *descendência*. Dessa forma, a mulher era obrigada a casar-se com um membro da família do marido morto para garantir a descendência daquela família.

Após a exposição dessa norma vigente na época, o saduceu ilustra, de (9) a (15), uma situação que envolve sete irmãos, com o propósito de testar Jesus acerca da existência ou não da ressurreição. A representação da mulher como propriedade do marido e, portanto, sem direito à escolha (se ficar sozinha ou casar-se com quem quiser) é evidenciada em (13), em

³⁶ O sublinhado indica a presença da mulher na oração analisada, ou seja, sinaliza o item lexical referente ao campo semântico de mulher.

que desempenha a função de Meta do processo *deixou*, cujo Beneficiário é *o irmão* do primeiro marido.

Essa representação é reiterada na sequência, por meio da circunstância de Modo *do mesmo modo* em (14). Mais uma vez, tal representação é explicitada em (16) pela oração relacional possessiva, em que *a mulher* é participante Possuído em relação ao processo *pertencerá* e em (17) pelo processo *tiveram*.

Essas construções léxico-gramaticais evidenciam, portanto, a representação vigente da época sobre a condição da mulher viúva sem filhos: propriedade da família do marido, com a finalidade de procriação e garantia da descendência daquela etnia. Essas barreiras étnicas podem ser verificadas também na passagem que se refere à mulher samaritana, no episódio 39.

Desse modo, podemos afirmar que, nesse fragmento, a representação para a mulher é de objeto, já que não tem voz social nem para definir sobre sua vida conjugal, ou seja, não cabe a ela essa escolha. Essa representação está em consonância com o contexto social da época, quando, segundo Fiorenza (1992), as mulheres eram consideradas impuras e inclinadas ao pecado, não eram contadas como pessoas capazes de ter opinião e vontade própria. Só o homem tinha obrigação com a lei. Ainda, Silva (2011) esclarece que o lugar adequado para a mulher, daquele contexto, solteira ou casada era o lar. Caso precisasse sair em público, seu rosto deveria ser coberto com véu. Se a mulher não agisse dessa maneira, o marido tinha o direito de expulsá-la ou devolvê-la aos pais, acusada de adultério. E “ao devolvê-la, o marido não era obrigado a pagar o valor do contrato do matrimônio” (p. 51).

Outra representação encontrada para a mulher no Evangelho é de **PECADORA**. Essa representação aparece no episódio em que uma mulher acusada de pecadora procurou Jesus Cristo na casa de um fariseu. Ao procurá-lo, essa mulher manifestou amor em seus atos, como se verifica no exemplo (35).

35	(1) Havia na cidade <u>uma mulher</u> [[que era pecadora]]. (2) Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, (3) [a mulher pecadora] trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume [...][EL7]
----	--

Na voz do evangelista Lucas, na oração (1), *uma mulher que era pecadora* é Existente. Nesse caso, a polaridade positiva e o processo existencial constroem uma representação da mulher pecadora, especificada pela circunstância de localização *na cidade*. Nesse trecho, a mulher pecadora é focalizada, assim, a oração encaixada *que era pecadora* evidencia uma

avaliação de julgamento de propriedade (pecadora). Apesar dos preconceitos daquela época, a mulher pecadora recebeu o perdão de Jesus, que disse: “*vá e não peques mais*”, mas não se libertou da representação de adúltera descrita nas vozes dos escribas e fariseus, conforme excerto 38.

A representação da mulher como **PECADORA** também ocorre nas vozes formadas por falas atribuídas a fariseus e escribas, que pertenciam às localidades que Jesus frequentou ou viveu. Miranda e Malca (2001) esclarecem que os fariseus formavam um grupo político e religioso e, “para defender suas posições, às vezes, comportaram-se politicamente como aderentes, associados aos governantes” (p.57). Dessa maneira, os fariseus eram considerados um grupo de oportunistas, pelo menos no tempo de Jesus. Cada grupo de fariseus tinha um chefe, que normalmente era escriba. No exemplo (36), podemos verificar a representação de pecadora.

36	(1) Se este homem fosse profeta, (2) saberia (3) quem é a mulher [[que está tocando nele]] é uma pecadora. [EL7]
----	---

Na oração (3), *quem* desempenha a função de Identificado, e *a mulher que está tocando nele*, de Identificador. Na oração encaixada, *que está tocando nele*, a mulher, retomada pelo pronome relativo *que*, é o Portador do Atributo uma *pecadora*, mas não há evidências linguísticas, que explicitam qual o pecado cometido por essa mulher. Isso está evidenciado pela proposição que realiza a função de fala declaração com polaridade positiva. Essas funções léxico-gramaticais verificadas atribuem à mulher, por um lado, julgamento de polaridade negativa, representando-a como não ética, já que é considerada pecadora. O fariseu, também, atribui avaliação de julgamento de veracidade negativa a Jesus Cristo, duvidando de sua honestidade como profeta, evidenciado pela conjunção condicional *se* e o modo subjuntivo do processo *saberia* que sinaliza a dúvida, caso não reconhecesse a mulher como pecadora.

Outro texto em que a mulher é representada como **PECADORA** é (37). Nesse texto, há ainda presença das vozes de João Batista, de Herodíades e da filha de Herodíades. Herodíades e sua filha estão em posições ativas, pois elas ordenam e são atendidas.

37	<p>[...] (1) Herodes tinha mandado prender João, (2) acorrentá-lo (3) e colocá-lo na prisão, por causa de Herodíades, a mulher do seu irmão Filipe. (4) Pois João vivia dizendo a Herodes: (5)“Não te é permitido viver <u>com ela</u>”. (6) Herodes queria (7) matá-lo, (8) mas ficava com medo do povo, (9) que <u>tinha em conta João de profeta</u>. (10) Por ocasião do aniversário de Herodes, a filha de Herodíades dançou diante de todos, (11) e agradou tanto a Herodes (12) que ele prometeu, com juramento, dar a <u>ela</u> tudo o que pedisse. (13) Instigada pela <u>mãe</u>, (14) <u>ela</u> pediu: (15) "Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista". (16) O rei ficou triste, (17) mas, por causa do juramento e dos convidados, ordenou que atendessem o pedido <u>dela</u>. (18) E mandou cortar a cabeça de João, na prisão. (19) A cabeça foi trazida num prato, (20) entregue à <u>moça</u>, (21) e <u>esta</u> levou para a <u>sua mãe</u> [...] [EMt14]</p>
----	--

Na voz do evangelista Mateus, a *filha de Herodíades* é Ator do processo comportamental *dançou* em (10) e Experienciador do processo *agradou* em (11). Essas orações indicam quais atitudes a mulher podia desempenhar, na época, para conseguir ter um pedido atendido. A construção léxico-gramatical, na oração (10), expressa julgamento positivo de capacidade para a mulher, expresso pelo processo *agradou*. Tal julgamento constrói a representação da mulher como talentosa, o que provoca o encantamento do rei durante a dança.

Sabendo que a sua filha *agradou* ao rei, Herodíades aproveitou desse momento propício para vingar-se de João Batista. Reportando-nos ao contexto social do governo Herodes, segundo Amaral (2013), a história conta que Herodes visitou seu irmão Filipe e, secretamente, acordou com sua cunhada Herodíades deixar a esposa e casar-se com ela. No entanto, essa atitude contrariava a lei judaica, pelo fato de ser proibido casar-se com a esposa do irmão enquanto vivo. Essa contrariedade era naturalizada na sociedade da época o que verificamos na análise de representação da mulher como objeto – e resultou também na contrariedade de João Batista ao casamento, como demonstra a Citação atribuída a João em (5): *não te é permitido viver com ela*, cujo Receptor é Herodes.

Assim, conforme o rei havia prometido, na oração (14), a *filha de Herodíades*, como Dizente, ordenou: *dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista*. Nessa Citação, a filha de Herodíades, verbaliza uma proposta, realizada pela função de fala comando, indicando poder. Nesse contexto, de ordenação feminina, a *filha de Herodíades* (retomada pelo pronome *me*) desempenha a função de Beneficiário; o mesmo ocorre na oração (17), em que *à moça* é Beneficiário receptor do que solicitou – *a cabeça de João Batista*.

A representação de pecadora vai de encontro ao papel feminino predominante na sociedade da época. Segundo Andrade (2002), na antiguidade, predominava a hegemonia masculina e sua valorização, o que reflete uma inferioridade feminina e valorização negativa de

subordinação. No excerto aqui analisado, no entanto, é representada a inferioridade de Herodes, figura de autoridade, porém suscetível à influência da esposa. Dessa forma, os dados léxico-gramaticais constroem a representação de uma mulher pecadora, que casou com o irmão do marido mesmo este estando vivo. Além disso, induziu a filha a agir “cruelmente” ao solicitar a decapitação de João Batista.

Também subentende-se a representação da mulher como adúltera, razão pela qual é vista como pecadora também, ao praticar um ato condenado socialmente. Com base no contexto social, o ato de adultério, perante a sociedade, era proibido apenas para a mulher, pois o homem podia, inclusive, relacionar-se com mais de uma mulher.

Em outro exemplo, uma mulher acusada de cometer adultério é trazida até Jesus Cristo. A representação de **ADÚLTERA** é explicitada nas vozes dos escribas e fariseus, como mostra o exemplo 38.

38	(1) Mestre, <u>esta mulher</u> foi flagrada cometendo adultério. (2) Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar <u>tais mulheres</u> . [EJ8]
----	--

Na oração (1), *esta mulher* desempenha duas funções: Meta do processo material *foi flagrada* e Ator do processo material *cometendo adultério*. Nesse sentido, *esta mulher* passa de agente da ação para paciente – vítima de julgamento e, por conseguinte, de violência física que os escribas e fariseus se consideravam autorizados a praticar pela Lei de Moisés (ALEXIUS, 2010). O processo polarizado positivamente indica uma proposição por meio da função de fala declaração. Depreendemos uma marca de julgamento de veracidade que avalia negativamente a representação de adúltera. Os fariseus tentam desestruturar a resposta de Jesus, pois, segundo Miranda e Malca (2001), se Jesus afirmasse que a mulher devia ser apedrejada, entraria em conflito com a lei romana, que não permitia aos judeus executar a pena capital e feria os princípios de perdão e amor pregado por Jesus. Por outro lado, se Jesus afirmasse que a mulher fosse solta, seria acusado de mandar violar a Lei dada por Moisés.

Na oração (2), *tais mulheres* desempenham a função léxico-gramatical de Cliente do processo *apedrejar*, embora não haja benefício algum, uma vez que o processo representa agressão física.

Para a análise da oração (2), consideramos o sistema de ergatividade, que, de acordo com Halliday e Matthiessen (2004), possibilita verificar se os processos são autocausados ou se foram causados por alguma entidade. Nesse sentido, há dois componentes: Meio e Agente. O Meio nomeia a entidade que viabiliza a existência do processo, apesar de não realizar

nenhuma ação, e está, de alguma maneira, envolvida com a natureza do processo; o participante Agente, por sua vez, não é obrigatório. Com base nisso, podemos dizer que, na oração (2), *Moisés* é o Agente causador da ação. Nessa oração, a mulher é afetada pelo processo mandou e apedrejar, que nos permite inferir que ocorre uma passivização da mulher, e de certa forma, uma exposição, assim, sendo representada como prejudicada.

Esses dados linguísticos mostram a representação de uma mulher que não tem nome nem voz. Essa mulher é trazida, posta no meio de um grupo de homens, usada para provar/testar Jesus. Os processos *trazer, colocar e apedrejar* denotam a condição de inferioridade da mulher diante dos homens. Segundo Tepedino (1990), “a desonra maior para uma mulher era ser considerada uma desavergonhada” (p 112) naquele contexto social.

Em resumo, os exemplos acima, que constituem as falas atribuídas aos fariseus e escribas, evidenciam representação que é avaliada negativamente, resultante de julgamentos de sanção social. Assim, essa avaliação sinaliza a lei da sociedade da época, mostrando como deveria ser o comportamento daquelas pessoas, segundo valores de observância religiosa e os do dever civil.

No decorrer dos textos dos Evangelhos, perguntas dirigidas a Jesus Cristo, tais como: “É permitido ao homem despedir sua mulher por qualquer motivo?”; “Na ressurreição, a qual dos sete pertencerá a mulher, já que todos a tiveram por esposa?” e “Mestre, esta mulher foi flagrada cometendo adultério. Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes?”, demonstram como a mulher era reconhecida socialmente, ou seja, não tinha direitos na comunidade, era submissa ao pai ou ao marido.

Quando, por algum motivo, não se enquadrava nos valores sociais da época, era **DISCRIMINADA**, como observamos no excerto 39:

39	(1) Veio uma mulher da Samaria buscar água. (2) Jesus lhe disse: (3) "Dá-me de beber!" (...) (4) A samaritana disse a Jesus: (5) "Como é que tu, sendo judeu, (6) pedes de beber a mim, (7) [[que sou uma mulher samaritana]]?" [...] (8) Nisto chegaram os discípulos (9) e ficaram admirados (10) ao ver Jesus [[conversando com uma mulher.]] (11) Mas ninguém perguntou: (12) “Que procuras?”, (13) nem: “Por que conversas com ela?” [EJ4]
----	---

Uma mulher desempenha as funções de Ator na oração (1) e de Dizente na oração (4). Nessas orações, na voz autoral, a mulher está ativada. A voz da mulher é trazida por meio da Citação (5), a mulher desempenha a função de Portador do Atributo *samaritana*. Desse modo, essa estrutura léxico-gramatical, somada à função de fala pergunta, mostra que a mulher surpreendeu-se com a atitude de Jesus Cristo de pedir água a ela, pois, segundo Cerqueira e

Torga (2013), “os samaritanos eram odiados por quem pertencia ao grupo étnico judaico por não serem considerados ‘racialmente puros’, pois eram miscigenados” (p.09). Podemos inferir que essa mulher reconhecia a condição de discriminada, excluída.

Na oração (10), *com uma mulher* desempenha a função léxico-gramatical de circunstância de acompanhamento, indicando com quem estava Jesus Cristo conversando. Essa oração reflete a causa da admiração dos discípulos aos presenciarem a cena. Na oração (9), os discípulos desempenham a função de Portador do Atributo *admirados*. Esse Atributo expressa julgamento de normalidade, o que contribui para a representação da mulher samaritana como discriminada, associando ao provável contexto em que se insere o Evangelho. De acordo com Pearlman (1995), a mulher, nesse episódio, sofre dois preconceitos: ser mulher (de gênero social) e ser samaritana (étnico e religioso). Também, podemos inferir que o autor do texto poderia omitir a presença e a admiração dos discípulos ao visualizarem a cena; no entanto, não o fez, pois esse fato indica a importância da mulher para Jesus Cristo e, de certa forma, o prenúncio de uma mudança social, já que ela não foi discriminada por Jesus Cristo, que, com sua atitude, despertou a consciência dos apóstolos.

Outro excerto em que o evangelista Mateus confirma a representação da mulher como **DISCRIMINADA** é o que segue:

40	(1) José, <u>seu</u> esposo, (2) sendo justo e (3) não querendo denunciá-la publicamente , (1) pensou (4) em despedi-la secretamente . [EMt1]
----	--

Na oração (3), Maria (retomada pelo pronome *la*) é o Alvo do processo verbal denunciar. Nesse caso, a polaridade negativa indica que José protegeu Maria da punição da sociedade por ter ficado grávida antes do casamento. A circunstância *publicamente* indica em qual meio social Maria, na condição de mulher, poderia receber julgamento pelas suas ações. Na época, as mulheres eram privadas dos direitos civis (CANEZIN, 2004). As mulheres também eram representadas por tutores – “seu pai, seu irmão, seu marido, ou qualquer outro parente próximo, desde que fosse homem. Estavam sempre sob a proteção de um varão” (CANEZIN, p.145, 2004). Além disso, as mulheres não podiam ter relações sexuais antes do casamento. A punição para tal ato, segundo Alexius (2010), pela lei de Moisés, era o apedrejamento; portanto, se *José* a denunciasse, *Maria* seria apedrejada até a morte.

O julgamento de propriedade avalia positivamente *José, seu esposo*, representando-o como *justo*, revelando, em contraponto, que julgamentos positivos não são destinados à mulher, ou seja, não há marcas de epítetos positivos (por exemplo, “justa”) nesse texto do

Evangelho de Mateus. Isso parece demonstrar que a mulher precisava de um homem justo para protegê-la, pois sozinha não seria capaz, devido aos valores da sociedade judaica na época. Em (1), Maria (retomada pelo pronome *la*) faz parte da oração que funciona como Fenômeno do processo mental *pensou*. A circunstância *secretamente* indica a forma de proteção destinada à esposa. Essas escolhas linguísticas indicam que, na sociedade da época, atitudes – como exemplo, gravidez antes do casamento – de mulheres como Maria eram discriminadas e punidas pela sociedade.

Na voz do evangelista João, as escolhas linguísticas também manifestam a representação da mulher adúltera como alguém **DISCRIMINADA**, como mostra o exemplo 41.

41	(1) Os escribas e os fariseus trouxeram <u>uma mulher apanhada em adultério</u> . (2) Colocando-a no meio (3) disseram a Jesus: (4) “Mestre, <u>esta mulher</u> foi flagrada cometendo adultério. Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar <u>tais mulheres</u> . E tu, que dizes?” [EJ8]
----	---

Uma mulher apanhada em adultério (retomada pelo pronome *a*) em (2) desempenha as funções léxico-gramaticais de Meta dos processos materiais *trouxeram* e *colocando* nas orações (1) e (2), respectivamente. A função de Meta mostra que a mulher não podia agir contra a situação que lhe era imposta, demonstrada pela circunstância de localização de lugar *no meio*, que indica sua exposição no centro do ambiente. Nesse sentido, é depreendida representação da mulher adúltera como discriminada, que sofria ação de repressão, sem poder se defender.

A representação resultante para a *mulher adúltera* é expressa por julgamentos negativos de propriedade a ela atribuídos, que a avaliam, sem ética social, por ter sido infiel ao casamento. Reportando-nos ao contexto, segundo Silva (2011), a mulher só poderia sair em público com o rosto coberto com véu; caso contrário, o marido poderia expulsá-la ou devolvê-la aos pais e ainda acusá-la de adultério. Nessas orações, no entanto, não há evidências linguísticas explicando como foi o adultério ou indícios sobre o casamento dessa mulher.

Retomando os resultados obtidos nas análises realizadas até aqui, as representações manifestadas para as mulheres, a partir dos dizeres dos escribas, fariseus, saduceus e evangelistas, estão sistematizadas na Figura 11.

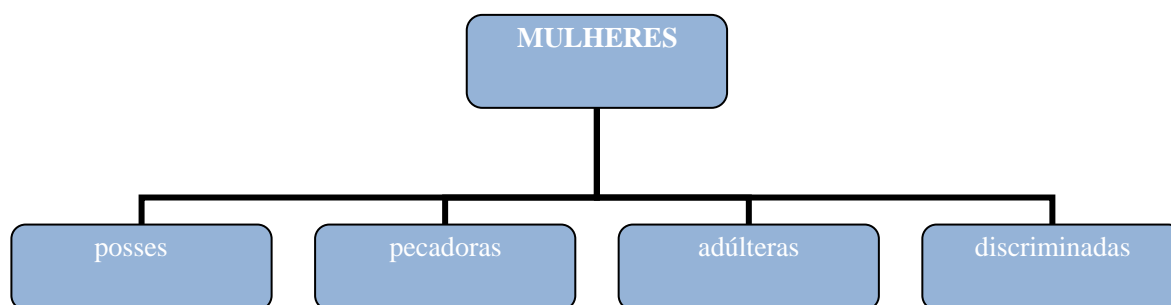


Figura 11 – Representações manifestadas para as mulheres nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas.

Com relação às funções léxico-gramaticais que realizam as representações manifestadas nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas, a função léxico-gramatical desempenhada pela mulher é Meta (20,69%). Há ainda considerável recorrência da participante como Ator (17,24%) e Circunstância (10,34%), conforme Figura 12.

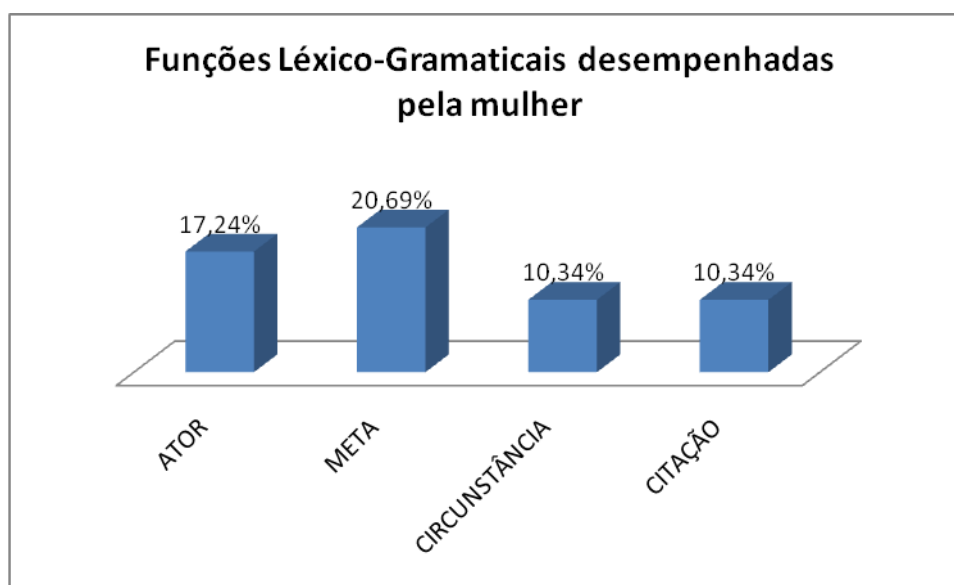


Figura 12 – Frequência das funções léxico-gramaticais desempenhadas pela mulher nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas.

A partir desses dados quantitativos, podemos concluir que a mulher desempenha a função de Meta e de Ator nas representações atribuídas a ela. Essas evidências léxico-gramaticais indicam que há uma tentativa de encobrir a relevância de ações ou eventos em que as mulheres estão envolvidas pois, em algumas orações, elas desempenham a função de

Ator causativo. Como as representações destinadas às mulheres nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas são negativas, podemos dizer que as mulheres são afetadas por atitudes das comunidades, ou seja, tinham dificuldades para movimentarem-se socialmente. As escolhas linguísticas mostradas pelos próprios moradores daquelas comunidades, nos textos analisados, indicam a passividade feminina, mostrando mulheres sem direitos e sempre dependentes de um homem como tutor – pai, irmão e depois o marido.

Finalizada a apresentação da análise de representações para as mulheres na voz dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas, na subseção seguinte, descrevemos e interpretamos os dados expressos na voz de Jesus Cristo e novamente dos evangelistas.

4.2.3 Representações para a mulher evidenciadas nas vozes de Jesus Cristo e dos evangelistas

Jesus Cristo atua no texto [EMt19], em que há escolhas linguísticas que evidenciam a representação da mulher como **COMPANHEIRA**, como no exemplo (42).

42	<p>(1) Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e, (2) para experimentá-lo, (3) perguntaram: (4) “É permitido ao homem despedir <u>sua mulher</u> por qualquer motivo?” (5) Ele respondeu: (6) “Nunca lestes que o Criador, desde o princípio, os fez homem e <u>mulher</u>? (7) e disse: (8) ‘Por isso, o homem deixará pai e <u>mãe</u> e se unirá à <u>sua mulher</u>, (8) e os dois formarão uma só carne’? (10) De modo que eles já não são dois, mas uma só carne. (11) Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe”. (12) Perguntaram: (13) “Como então Moisés mandou <u>dar atestado de divórcio e despedir a mulher</u>?” (14) Jesus respondeu: (15) “Moisés permitiu despedir <u>a mulher</u>, por causa da dureza do vosso coração. (16) Mas não foi assim desde o princípio. (17) Ora, eu vos digo: (18) quem despede <u>sua mulher</u> – fora o caso de união ilícita – e se casa com outra, comete adultério”. [EMt19]</p>
----	---

Na oração (1), *alguns fariseus*, na função de Dizente, verbalizam uma proposição que realiza a função de fala pergunta, direcionada ao Receptor *Jesus*. Nas orações (1), (2) e (4), podemos visualizar uma ligação com o contexto social do Evangelho: de acordo com Alexius (2010), Jesus era uma “ameaça para o poder político e religioso” (p. 31). Nesse sentido, os fariseus criticavam o modo “maleável” de Jesus e acreditavam somente na punição através da Lei. Diante disso, na oração (2), na voz do Evangelista, é atribuído a Jesus Cristo um julgamento de capacidade negativa, julgando-o como duvidoso. Esse texto reflete o contexto daquela época, como explicam Domínguez e Sáez (1987), “o marido tinha o direito de

repudiar sua esposa. Bastava encontrar nela algo desagradável: feiúra, má preparação da comida, etc...” (p. 26-29).

Na Citação (4), atribuída aos fariseus, *É permitido ao homem despedir sua mulher por qualquer motivo?*, sua mulher desempenha a função léxico-gramatical de Alvo, que é afetada, de alguma forma, pela performance do verbo *despedir*.

A Citação (6), atribuída a Jesus Cristo, é construída por um questionamento, em que *homem e mulher* desempenham a função de Meta do processo *fez*, cujo Ator é o Criador. A escolha por essa configuração léxico-gramatical mostra que o homem e a mulher foram criados igualmente. A explicação sobre essa evidência está na oração (8), na qual *os dois* serão o Ator do processo material *formarão*, cuja Meta é uma *só carne*. Portanto, caracterizados como únicos depois da união, ou seja, não há privilégios para um ou outro. Nesse sentido, infere-se que a mulher faz parte do homem, e vice-versa. A liberdade é limitada para os dois, sem necessariamente um estar sob o jugo do outro.

Diante dessa resposta de Jesus, *alguns fariseus*, na oração (13) tentam uma nova argumentação, na qual *a mulher* desempenha função de Meta em relação ao processo *despedir*. Essa escolha representa a mulher como desamparada de ações que a protejam, devido ao fato de que podem ser “mandadas embora” em qualquer circunstância. Jesus contra-argumenta se isso acontecer, dizendo que o homem é considerado adúltero, porque ele assumiu um compromisso com sua companheira.

As escolhas linguísticas de argumento e contra-argumento são evidenciadas nas orações (15), (16) e (18). Na oração (15), é atribuída a Moisés a função de Dizente, em “*mandou dar atestado de divórcio e despedir a mulher?*”. Nas orações (16) e (18), tem-se a configuração da estrutura textual contra-argumento, em que *Jesus Cristo* desempenha a função léxico-gramatical de Dizente. Na oração (15), *a mulher* desempenha a função de Meta, porém a circunstância *por causa da dureza do vosso coração* indica a razão pela qual a mulher é afetada com a permissão de Moisés. Na oração (16), a polaridade negativa explicita a discordância de Jesus quanto ao costume dos fariseus. Entretanto, Jesus desperta para um novo raciocínio, construído na oração (18), em que o pronome *quem* é o Ator do processo *despede e se casa*. Embora não esteja explícita a referência do pronome *quem*, podemos inferir que se trata de um homem, ao passo que era ele quem poderia, por lei, despedir ou casar com uma mulher. Essas estruturas léxico-gramaticais representam a mulher como livre, sem considerá-la um objeto somente para casamentos. Jesus Cristo defende e protege as mulheres, sugerindo que o “homem”, ao casar-se com outra, também cometerá adultério.

Com essas escolhas linguísticas, Jesus explica porque Moisés permitiu despedir. No entanto, Jesus não condena Moisés; joga a responsabilidade sobre os próprios fariseus, que têm o coração duro. Em relação ao casamento, podemos inferir que Jesus defende a monogamia e critica a prática do divórcio. Essas intervenções de Jesus podem indicar a proteção destinada às mulheres, pois, naquela época, o homem por qualquer motivo podia repudiar sua mulher, geralmente, com direito total aos bens, ao passo que a mulher jamais poderia pedir divórcio. Por isso, Jesus esclareceu que, antes do casamento, eram dois, mas a partir do momento que se casam, são um casal, uma só carne e qualquer um que “despede” o companheiro é considerado adúltero. Ser uma só carne envolve aquilo que deriva do amor e da vontade Deus dentro do casamento.

Outro excerto em que a voz de Jesus Cristo representa a mulher como **COMPANHEIRA** é (43). Jesus Cristo se pronuncia em favor do ser humano, sugerindo que homem e mulher são iguais.

43	(1) Naquele dia, aproximaram-se dele uns saduceus, (2) os quais afirmam (3) que não há ressurreição. (4) Perguntaram-lhe: [...] (5) Na ressurreição, a qual dos sete pertencerá a mulher, já que todos a tiveram por esposa?”(6) Jesus lhe respondeu: (6) [saduceu] “Estais errados. (8) Não compreendi a Escritura, nem o poder de Deus. (9) Na ressurreição, não haverá homens e <u>mulheres</u> casando-se, (10) mas serão como anjos no céu. [...]” [EMt22]
----	---

A Citação atribuída a Jesus Cristo inicia com uma oração relacional (7), em que *uns saduceus* desempenham a função léxico-gramatical de Portador do Atributo *errados*, ou seja, Jesus Cristo não compactua com a representação presente na pergunta feita pelos saduceus. Nesse sentido, Jesus Cristo não concorda com a representação evidenciada para a mulher, já analisada, na seção anterior, nas vozes do saduceus, como objeto ou propriedade.

O esclarecimento sobre essa discordância está nas orações (8) e (9). Em (9) *homens e mulheres* desempenham as mesmas funções léxico-gramaticais de Existente do processo polarizado negativo *haverá* e Ator do processo *casando-se*. Essas escolhas indicam que, na voz de Jesus Cristo, *homens e mulheres* são representados como livres para conduzir suas vidas. Por isso, a metáfora *como anjos no céu* permite inferir que homens e mulheres não pertencem um ao outro. Nesse sentido, Jesus Cristo não diferencia homens e mulheres quanto ao gênero; Ele os vê igualmente como seres humanos, portadores da mesma liberdade e dos mesmos direitos. Em Romanos, capítulo 15, versículo 33, a frase “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos” valida a argumentação igualitária aqui apresentada: Jesus Cristo não faz diferenciação sexista, mas reconhece homens e mulheres como seres humanos.

Na voz do evangelista Lucas, a mulher é representada como **HUMILDE**, como vemos no exemplo (44)

44	(1) [a mulher pecadora] trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume, (2) postou-se atrás, aos pés de Jesus e , (3) chorando , (4) lavou-os com suas lágrimas . (5) Em seguida, enxugou-os com os seus cabelos , (6) beijou-os e (7) os ungiu com o perfume . [EL7]
----	---

Na função de Ator nas orações de polaridade positiva (1), (4), (5), (6) e (7), a *mulher pecadora* é responsável por realizar ações que demonstram cuidado com Jesus Cristo, mostrando-se como amorosa. Na oração (3), a *mulher pecadora* é Comportante do processo *chorando*, o que evidencia que, ao realizar ações e cuidados para Jesus, ficou abalada emocionalmente, demonstrando fragilidade. O processo *chorando* também poderia manifestar uma avaliação de afeto por infelicidade. No entanto, não há evidências linguísticas que demonstram se o ato de chorar está atrelado ao fato de sentir felicidade por estar diante de Jesus ou de tristeza por estar diante do julgamento social que a ela é atribuído – *pecadora*.

Na oração (2), a *mulher pecadora* é Comportante do processo *postou-se*. As circunstâncias *atrás* e *aos pés de Jesus* mostram a atitude de humildade dessa mulher em relação a Jesus Cristo. De acordo com o dicionário Houaiss (2009, p.1037), “humildade é uma forma de reverência e respeito para com superiores”. Portanto, nessas atitudes realizadas pela mulher há demonstração de amor e humildade em relação a Jesus Cristo.

A representação de mulher como portadora de amor, ou seja, **HUMILDE** também se manifesta pelas escolhas linguísticas atribuídas à voz de Jesus Cristo no exemplo (45).

45	(1) Voltando-se para a <u>mulher</u> , (2) disse a Simão: (3) “[Simão] Estás vendo esta mulher? (4) Quando entrei na tua casa, (5) não me oferecete água (6) para lavar os pés; (7) ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e (8) [ela] os enxugou com os cabelos . (9) Não me beijaste; (10) ela, porém , (11) desde que cheguei , (12) não parou de beijar meus pés . (13) Não derramaste óleo na minha cabeça, (14) ela, porém, ungiu meus pés com perfume . (14) Por isso te digo: (15) os muitos pecados [[que <u>ela</u> cometeu]] estão perdoados , (17) pois ela mostrou muito amor ”. [EL7]
----	--

Nesse exemplo, *esta mulher*, na oração (3), desempenha a função de Fenômeno do processo mental perceptivo *estás vendo*, que tem como Experienciador Simão – um cidadão da sociedade de Jerusalém. A proposição que realiza a função de fala pergunta com polaridade positiva revela os recursos linguísticos utilizados pelo participante-no-texto para

argumentar favoravelmente em relação à mulher que recebia um julgamento social de pecadora.

Na sequência, há uma série de declarações em que a mulher é representada como Ator de processos materiais, o que demonstra seu respeito a Jesus: (7) *lavou*, (8) *enxugou*, (10) *beijou* e (13) *ungiu* seus pés. Já a polaridade negativa, nas orações (5), (9) e (12), serve para evidenciar que Simão não realizou as mesmas gentilezas, em contraste com o que foi desempenhado pela mulher. As circunstâncias *com lágrimas* e *com seus cabelos* revelam o modo em que foram realizadas as ações de lavar e enxugar os pés de Jesus Cristo. Além disso, *com lágrimas* evidencia marca de afeto, que pode indicar o sentimento de tristeza ou de emoção demonstrado pela mulher.

Na oração (15), *Jesus Cristo* continua sendo a voz a que se atribui a declaração, o que é explicado pela função de Dizente do processo *digo*, que tem como Receptor Simão (retomado pelo pronome *te*). Em (16), a mulher (retomada por *ela*) desempenha a função léxico-gramatical de Ator do processo *cometeu*. Isso significa que Jesus reconhece sua condição de pecadora, mas, ao relacionar, em (16), o Atributo *perdoados a muitos pecados*, muda o tipo de julgamento, que passa a ser de tenacidade. Na sequência, como Portador do Atributo *muito amor*, que se constitui como uma marca de afeto, a mulher é avaliada por meio de julgamento de capacidade positiva.

Assim, se na voz dos escribas e fariseus a mulher é representada negativamente, por outro lado, *Jesus Cristo* constrói representação que é resultante de julgamentos positivos de capacidade e tenacidade que indicam sua discordância das representações negativas, pois Jesus Cristo “absolve” a mulher de seus pecados, perdoados-os, ao considerar as atitudes **de** humildade realizadas pela mulher como demonstrativos de amor e, por isso, ela mereceu ser perdoada. Dessa forma, a representação da mulher é a de um ser humano suscetível a erros, que pode receber perdão por esses erros quando demonstra amor pelo próximo por meio de atitudes de humildade.

Os recursos linguísticos, no exemplo, revelam como Jesus enfraquece os argumentos apresentados por *Simão* para julgar a mulher como indigna de se aproximar dele. No excerto 45, verificamos, portanto, a manifestação da opinião, atribuída a Jesus Cristo através de argumento e contra-argumento, questionando a opinião contrária de Simão.

No excerto (46), a representação de humilde é construída pelas funções léxico-gramaticais de Ator, Comportante, Dizente e Experienciador, como veremos.

46	<p>(1) Jesus entrou num povoado, (2) <u>e uma mulher, de nome Marta</u>, o recebeu em sua casa (3) <u>Ela tinha uma irmã, Maria</u>, (4) <u>a qual se sentou aos pés do Senhor</u>, (5) e <u>escutava a sua palavra</u>. (6) <u>Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres da casa</u>. (7) <u>Ela</u> aproximou-se (8) e disse: (9) "Senhor, não te importas (10) <u>que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço?</u> (11) <u>Manda pois que ela venha me ajudar!</u>" (12) O Senhor, porém, <u>lhe</u> respondeu: (13) "<u>Marta, Marta! Tu te preocupas e (14) andas agitada com muitas coisas</u>. (15) No entanto, uma só é necessária. (16) <u>Maria</u> escolheu a melhor parte (17) e esta não <u>lhe</u> será tirada." [EL10]</p>
----	--

Na oração (4), o pronome *a qual*, retomando Maria, desempenha a função léxico-gramatical de Comportante relacionada ao processo *se sentou*. A circunstância *aos pés* indica a localização do ato de sentar-se. Essa posição, na Antiguidade, era a postura clássica do discípulo diante do mestre (DUARTE, 2014). Na oração (5), *Maria* desempenha a função léxico-gramatical de Comportante do processo *escutava*. Essas construções, na voz de Lucas, sugerem a representação de *Maria* como devota a Jesus Cristo e aos seus ensinamentos. Além disso, podemos inferir que os processos comportamentais *se sentou* e *escutava* indicam comportamentos de humildade de Maria. Essas atitudes comportamentais de humildade podem ocorrer pelo fato de, naquele momento, Jesus Cristo, já ser conhecido pelos milagres que realizava e pelos ensinamentos que pregava.

Na oração (8), Marta desempenha a função léxico-gramatical de Dizente da proposição que realiza a função de fala pergunta. Além disso, o processo *importar* polarizado negativamente indica a importância que Jesus Cristo tem em relação à atitude desempenhada pelas irmãs. Na oração (11), o processo *manda* evidenciado pela proposta que realiza a função de fala comando indica qual a atitude que Marta gostaria que Jesus tomasse.

A representação manifestada, a partir das escolhas linguísticas, é a de que, na voz de Marta, as mulheres são “projetadas” para os afazeres domésticos, ou seja, está naturalizada na própria mulher a sua função social, tanto que sua irmã que não desempenha a mesma função é criticada. Notamos que *Marta* não se dirigiu diretamente a *sua irmã*, mas a Jesus Cristo – um homem –, do qual esperava uma resposta de reprovação em relação à atitude de sua irmã.

Na oração (12), Jesus Cristo desempenha a função léxico-gramatical de Dizente, ao responder ao questionamento feito por Marta. Em (13), na voz de Jesus Cristo, são evidenciados para *Marta* julgamentos de estima social negativos de normalidade e capacidade que a representam como *agitada* e *preocupada*, indicado pelo processo *preocupas* e o Atributo *agitada*, por demonstrar inquietações.

Na oração (16), *Maria* desempenha a função léxico-gramatical de Experienciador do processo *escolheu*, que tem como Fenômeno *a melhor parte*. Assim, por meio de um julgamento de capacidade positiva, Jesus Cristo sugere a representação de devota. Nesse sentido, Jesus Cristo aprova a decisão de Maria – ouvir seus ensinamentos – e, de certa forma, contraria as expectativas sociais da época, diminuindo a importância dos afazeres domésticos como prioridades da mulher.

O fragmento (47), em que Jesus visita Maria e Marta quando morre o Lázaro, na voz do evangelista João e da mulher, corrobora a representação de mulheres **HUMILDES**.

47	(1) Maria foi para o lugar onde estava Jesus. (2) Quando o viu, (3) caiu de joelhos diante dele (4) e disse-lhe: (5) “Senhor, se tivesses estado aqui, (6) meu irmão não teria morrido”. (7) Quando Jesus <u>a</u> viu chorar, (8) e os que estavam <u>com ela</u> , (9) comoveu-se (10) e perturbou-se. [EJ11]
----	--

Na oração (3), *Maria* desempenha a função de Ator do processo material *caiu*, que tem como circunstância de localização *diante dele*. A circunstância *de joelhos* expressa o modo como a mulher posiciona-se diante de Jesus Cristo. Na oração (4), *Maria*, como Dizente, verbaliza sua súplica, revelada pela Citação (5) *Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido*. Na oração (7), a mulher, referida pelo pronome *a*, desempenha as funções de Fenômeno do processo *viu* e Comportante do processo *chorar*. O processo *chorar* indica uma marca de afeto de infelicidade, evidenciando a dor pela perda do irmão.

Os dados léxico-gramaticais acima apontados indicam que, nesse fragmento, a mulher é representada como humilde, devido à posição – *caiu de joelhos* – diante de Cristo, que pode demonstrar o respeito e a fé por Ele. Além disso, demonstra sua crença em Jesus Cristo mesmo diante do que parece inevitável – a morte.

Os processos *comoveu-se* e *perturbou-se*, nas orações (9) e (10), são mentais emotivos, em que Jesus Cristo desempenha a função léxico-gramatical de Experienciador. Essa construção expressa o afeto de Jesus Cristo em relação à irmã de Lázaro ao presenciar sua dor e a dor dos que estavam com ela.

Ainda na voz de Jesus Cristo, em outro episódio, a mulher, ao fazer caridade, também é representada como **HUMILDE**, como mostra o exemplo (48). Segundo Detoni (2010), a esperança, a fé e a caridade são consideradas as três virtudes de base teológica.

48	(1) Jesus estava sentado em frente do cofre das ofertas (2) e observava como a multidão punha dinheiro no cofre. (3) Muitos ricos depositavam muito. (4) Chegou então <u>uma pobre viúva</u> (5) e deu duas moedinhas. (6) Jesus chamou os discípulos (7) e disse: (8) “Em verdade vos digo: (9) <u>esta viúva</u> pobre deu mais do que todos os outros [[que depositaram no cofre]]. (10) Pois todos eles deram do que tinham de sobra, (11) ao passo que <u>ela</u> , da <u>sua</u> pobreza, ofereceu tudo o que [<u>ela</u>] tinha para viver”. [EM10]
----	--

No dizer atribuído a Jesus Cristo, as orações materiais (9) e (10) apresentam a *viúva* como Ator dos processos *deu* e *ofereceu*. Com essas construções, Jesus Cristo representa a viúva como humilde, ao considerar que ela, embora fosse pobre, depositou o que tinha no cofre. Além disso, podemos inferir que a *viúva* não foi individualista, pois doou tudo que possuía para viver. A Citação, verbalizada por Jesus Cristo, expressa um julgamento de propriedade positiva em relação à viúva – caridosa. Ao mesmo tempo, Jesus utiliza a atitude da viúva para educar seus discípulos, mostrando quais valores positivos devem caracterizar os seres humanos.

Esses dados linguísticos permitem-nos afirmar que a representação que Jesus manifesta a respeito da viúva está em consonância com os ensinamentos que pregava: ter atitudes de amor e caridade ao próximo.

Maria, ao demonstrar fé, é recompensada por Jesus Cristo, que ressuscita o irmão dela. Assim, podemos perceber que Jesus atende às solicitações das mulheres, que têm fé. Isso se verifica no excerto (49), em que uma mulher é representada como **DEVOTA**. Segundo o dicionário Houaiss (2009, p. 1610), ser devota é “consagrar (a existência, um sentimento etc.) ou consagrar-se a; dedicar (-se)”, ou seja, ser devota, no contexto dos Evangelhos, significa a dedicação das mulheres a Cristo. Uma vez que a sua fama como profeta e curador teve proporções rápidas naquelas localidades, Jesus Cristo era tratado de maneira diferente das outras pessoas, que o procuravam para solicitar algum tipo de ajuda, perdão e bênçãos.

49	(1) Entrando na casa de Pedro, (2) Jesus viu <u>a sogra</u> deste acamada , com febre. (3) Tocou-<u>lhe</u> a mão , (4) e a febre <u>a</u> deixou . (5) <u>Ela</u> se levantou (6) e passou a servi-lo . [EMt8]
----	--

Na oração (2), *a sogra* desempenha a função léxico-gramatical de Fenômeno do processo mental perceptivo *viu*, sendo *Jesus* o Experienciador. A circunstância de modo *com febre* indica a razão para a sogra de Pedro estar *acamada*. Na oração (3), *a sogra* de Pedro (retomada pelo pronome *lhe*) desempenha a função léxico-gramatical de Meta, indicando o contato físico que Jesus Cristo estabelece com a mulher para agraciá-la com a cura. Nessa

oração, as escolhas léxico-gramaticais verificadas atribuem à *sogra* um julgamento de capacidade negativo, representando-a como enferma. No entanto, esse julgamento é anulado, quando Jesus Cristo considera a *sogra* merecedora do gesto – toque – para curá-la.

Em (4), *a sogra de Pedro* (retomada pelo pronome *a*) realiza a função de Meta do processo *deixou*. Até esse momento, a mulher está em posição de passividade frente a Jesus Cristo. A partir da oração (5), *ela*, na função de Ator, assume uma atitude de agente, dos processos *se levantou* e *passou a servi-lo*, numa atitude de agradecimento pela cura.

Na voz de Jesus Cristo, são expressos outros exemplos que manifestam a representação de mulher como **DEVOTA**, pois elas tinham fé, conforme mostram os excertos (50) e (51).

(50)	Filha, a tua fé te salvou. [EM5]
(51)	[mulher] tua fé te salvou. [EL7]

Em (50) e (51), *filha* e *mulher* realizam a função léxico-gramatical de Meta do processo material *salvou*. No primeiro caso, o elemento interpessoal *Filha*, além de indicar que as declarações são destinadas a uma mulher, evidencia a maneira amável de Jesus se relacionar com as mulheres. Nos exemplos (49) e (50), a polaridade positiva e a função de fala declaração contribuem para reforçar a representação de devota para a mulher, já que Jesus atribui não a si, mas a fé da mulher o poder de cura.

No Evangelho de Lucas, também há representação de mulheres merecedoras de cura, graças à demonstração de fé, conforme o exemplo (52).

52	(1) Jesus estava ensinando numa sinagoga, num dia de sábado. (2) Havia aí <u>uma mulher</u> [[que, dezoito anos já, estava com o espírito [[que <u>a</u> tornava doente]]]]. (3) Era curvada e totalmente incapaz de olhar para cima. [...] (4) Ele impôs as mãos sobre <u>ela</u>. (5) <u>que</u> imediatamente se endireitou (6) e começou a louvar a Deus. [EL13]
----	---

Na primeira oração encaixada em (2), a mulher anônima, retomada pelo pronome *que*, realiza a função léxico-gramatical de Portador do Atributo *doente*, que, por sua vez, realiza um julgamento de estima social de capacidade, sugerindo que a mulher era incapaz, por estar *doente*. Na oração (3), os Atributos *curvada* e *totalmente incapaz de olhar para cima* especificam o estado físico da mulher, indicando a doença. Essas escolhas representam mais uma oportunidade para Jesus realizar a cura.

Além dessa caracterização da doença da mulher, na oração (2), a mulher desempenha a função léxico-gramatical de Existente, e a circunstância *aí* indica o lugar onde a mulher está – *na sinagoga, em um dia de sábado*. Essas orações trazem dados do contexto da época: na sociedade judaica, as mulheres não podiam entrar/estar em uma sinagoga. Machado e Reimer (2011) esclarecem que a sinagoga “era o espaço público aberto durante toda a semana para atividades diaconais e de instrução. Aos sábados, contudo, esse era o espaço público apropriado para o culto sabático, serviço realizado pela manhã e à tarde” (p.133). Apesar disso, Cristo ignora a tradição para realizar a cura, o que demonstra que, para Cristo, a mulher merecia a cura. Na oração (4), Jesus Cristo desempenha a função léxico-gramatical de Ator do processo material *impôs*, cujo Beneficiário é a mulher, representando a cura.

No episódio relatado no excerto (52), outra mulher procurou Jesus Cristo para solicitar cura pela sua doença. Nesse excerto, além da voz do evangelista, há fala de uma mulher, representada como esperançosa. Esse sentimento de esperança é destinado a quem acredita ser possível a realização de algo que deseja ou confia; ao manifestar esse sentimento, a mulher demonstra fé, ou seja, é **DEVOTA**. O exemplo (53) apresenta marcas linguísticas que constroem a representação da mulher devota.

53	(1) Estava aí <u>uma mulher</u> [[<u>que havia doze anos sofria de hemorragias</u>]] e tinha padecido muito nas mãos de muitos médicos; (3) tinha gastado tudo o que possuía e, (4) em vez de melhorar, (5) piorava cada vez mais. (6) Tendo ouvido falar de Jesus, (7) aproximou-se, na multidão, por detrás (8) e tocou-lhe no manto. (9) <u>Ela dizia:</u> (10) “Se <u>eu</u> conseguir tocar na roupa dele, (11) ficarei curada.” [EM5]
----	---

Em (9), oração projetada do processo verbal que tem *ela* (retomando a *mulher que sofria de hemorragias*) como Dizente, a mulher é Ator do processo material *conseguir tocar* e Portador do Atributo *curada*. Mediante essas escolhas, a mulher deposita suas esperanças em Jesus Cristo, ao atribuir a Ele uma avaliação positiva de capacidade, sinalizando que esperava ficar curada por sua interferência. A polaridade positiva e a função de fala declaração contribuem para a representação da mulher como devota.

Nos excertos que seguem, há exemplos que denotam outra representação para as mulheres: **CORAJOSAS**. As evidências léxico-gramaticais e semânticas podem ser verificadas no exemplo (54), que apresenta um diálogo entre uma mulher não-judia e Jesus Cristo.

54	<p>(1) Partindo dali, (2) Jesus foi para a região de Tiro e Sidônia. (3) Nisso, <u>uma mulher Cananéia</u>, (4) vinda daquela região, (3) pos-se a gritar: (5) “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: (6) <u>minha filha</u> é cruelmente atormentada por um demônio!” (7) Ele não lhe respondeu palavra alguma. (8) Seus discípulos aproximaram-se (9) e lhe pediram: (10) “Manda embora <u>essa mulher</u>, (11) pois <u>ela vem gritando atrás de nós</u>”. (12) Ele tomou a palavra: (13) “Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel”. (14) Mas a <u>mulher</u> veio prostrar-se diante de Jesus (15) e começou a implorar: (16) “Senhor, socorre-me!” (17) Ele lhe disse: (18) “Não fica bem tirar o pão dos filhos (19) para jogá-lo aos cachorrinhos”. (20) <u>Ela insistiu:</u> (21) “É verdade, Senhor; (22) mas os cachorrinhos também comem as migalhas [[que caem da mesa de seus donos]]!” (23) Diante disso, Jesus respondeu: (24) “Mulher, grande é tua fé! (25) Como queres, te seja feito!” (26) E a partir daquela hora, <u>sua</u> filha ficou curada. [EMt15]</p>
----	---

Os processos verbais – *gritar* na oração (3), *implorar* na oração (15) e *insistiu* na oração (20) – revelam como a mulher Cananéia manifesta-se verbalmente no texto. As orações constroem a representação para a mulher como corajosa, porque ela grita, implora e insiste, não se intimidando diante de Jesus e dos discípulos. A relação desse texto ao seu provável contexto de produção pode ser feita em termos do que Tenney (2008) destaca sobre esse episódio. O próprio título refere-se à mulher como Cananéia, indicando que ela não pertencia ao povo judeu, era considerada uma gentílica. Segundo Tenney (2008), os gentios eram considerados inferiores em relação ao povo judeu (os gentios acreditavam que o povo judeu era escolhido por Deus). Considerando que Mateus escreveu para o povo Judeu, podemos inferir que, ao identificar a origem geográfica da mulher, indica sua possível inferioridade. No entanto, embora a mulher Cananéia soubesse de sua condição – “mal vista” pelos judeus – enfrenta o medo e solicita a um judeu – Jesus Cristo – ajuda, pois nas orações (05) e (06), a mulher, como Dizente, verbaliza seu propósito, dirigida a Jesus Cristo: a busca da cura da sua filha.

Em (7), Jesus desempenha a função de Dizente do processo verbal *respondeu* polarizado negativamente, o que representa seu silêncio diante da interpelação da *mulher* (retomada pelo pronome *lhe*), que está na função de Receptor. Também, na oração (12), verifica-se que, em primeiro momento, Jesus Cristo, na função de Dizente, responde aos discípulos e não diretamente à mulher. Podemos interpretar que essas negativas como recursos estão associados ao fato de Jesus refletir antes de tomar a atitude necessária.

Na oração (17), *Jesus* (retomado pelo pronome *ele*), na função de Dizente, tem seu dizer reproduzido como Citação polarizada negativamente: “*Não fica bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos*”. Nessa Citação, segundo Zago e Benites (2013), Jesus compara os *cachorrinhos* ao povo cananeu, enquanto os judeus são chamados de *filhos*.

Entretanto, na oração (20), a mulher não se afeta com essa comparação e, na função de Dizente em (21), contra-argumenta a declaração de Jesus Cristo, *É verdade, Senhor; mas os cachorrinhos também comem as migalhas que caem da mesa de seus donos!*”, sugerindo que ela reconhece sua condição de inferioridade, mas corajosamente “luta” por ter seu pedido de ajuda atendido.

Embora resistisse, em primeiro momento, Jesus deixou-se convencer por essa mulher anônima, ao avaliar positivamente a resposta que ela lhe apresentou, concedendo a ela o seu desejo. Na oração (24), o vocativo *mulher* indica a quem se dirigia Jesus. Além disso, *tua fé* é o Portador do atributo *grande*, que indica também apreciação. Desse modo, essas escolhas léxico-gramaticais atribuem à *mulher Cananéia* julgamentos de tenacidade positiva, sendo representada como corajosa no contexto social que se encontrava.

Reportando-nos ao contexto da suposta produção do excerto da *mulher Cananéia*, salientamos que a mulher, em locais públicos, devia permanecer a certa distância dos homens, ainda que fossem seus próprios maridos e familiares. Sua vida social era limitada a casa e as janelas deveriam ter grades para não serem vistas por ninguém (DANIEL-ROPS, 2008). Desse modo, a mulher Cananéia “vence” a sua limitação e assume os possíveis riscos de seus atos para alcançar o que deseja, demonstrando toda sua coragem.

A mesma coragem é demonstrada no fragmento (55), na voz do evangelista Mateus, em que as mulheres acompanham Jesus Cristo no momento de sua crucificação e aparecem como pessoas que não temem os “julgamentos” sociais, construindo, assim, a representação de **CORAJOSA**. Apresentamos, a seguir, outros exemplos em que essa representação é evidenciada.

55	(1) <u>Grande número de mulheres</u> estavam ali, (2) observando de longe . (3) <u>Elas</u> haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, (4) prestando-lhe serviços . (5) Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu. [EMt27]
----	--

Nas orações (1) e (2), *grande número de mulheres* desempenham, respectivamente, as funções léxico-gramaticais de Portador e Experienciador. Na oração (2), a circunstância de lugar *de longe* indica que elas não estavam perto de Jesus Cristo fisicamente, mas não o abandonavam no momento de sua dor. Essa atitude indica que desafiaram todas as leis e as proibições legais – frequentar lugares sociais, desobedecer ao marido, viver no anonimato – para seguir Cristo. O processo *observando* sugere que as mulheres são testemunhas da morte de Jesus. Reportando-nos ao contexto da suposta produção desse Evangelho, conforme

reporta Fiorenza (1992), era inconcebível um rabi³⁷ entrar em casa de mulheres quando não estavam acompanhadas. Da mesma forma, um rabi não podia ter mulheres que o seguiam, muito menos abandonar os lares para acompanhá-lo na missão, portanto, essas mulheres rompem com o “aceitável” daquela época.

Em (3) e (4), as *mulheres*, retomado por *elas*, desempenham a função de Ator. Essas escolhas, na função de fala declaração positiva, estabelecem a representação ativa da mulher, exercendo tarefas fora do contexto do lar. Podemos inferir, novamente, a coragem da mulher de agir em um contexto social no qual não lhes era permitido estar.

Também no exemplo (56), na voz (autoral e na voz do anjo, manifesta-se a representação de coragem da mulher.

56	(1) Depois de sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, (2) <u>Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.</u> (3) De repente, houve um grande terremoto: (4) o anjo do Senhor desceu do céu (5) e, aproximando-se, (6) removeu a pedra (7) e sentou se nela. (8) Sua aparência era como um relâmpago, (9) e suas vestes, brancas como a neve. (10) Os guardas ficaram com tanto medo do anjo (11) que tremeram (12) e ficaram como mortos. (13) Então o anjo falou às mulheres: (14) (...) Ide depressa contar aos discípulos: (15) 'Ele ressuscitou dos mortos (16) e vai à vossa frente para a Galiléia'. (17) E [as mulheres] saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, (18) correram para dar a notícia aos discípulos. [EMt28]
----	--

Na oração (2), *Maria Madalena e a outra Maria* desempenham a função de Ator de *foram ver*. Na oração (14), a Citação, verbalizada pelo anjo, indica *as mulheres* como Receptor. A partir dessa Citação, podemos inferir que mulheres foram responsáveis por anunciar aos discípulos a ressurreição de Jesus, evidenciado pelo processo verbal *contar*. Nas orações (10), (11) e (12), *os guardas* desempenham a função de Portador dos Atributos circunstanciais, *com tanto medo e como mortos*, que indicam como os guardas reagiram ao verem o anjo. Assim, os guardas são representados como medrosos, ao passo que, nas orações (17) e (18), *Maria Madalena e a outra Maria*, na função de Ator dos processos materiais *saindo e correram*, superaram o sentimento de *temor* e agiram. Essas escolhas linguísticas demonstram que as mulheres foram corajosas e evidenciam seu papel como as “mensageiras” da ressurreição de Cristo. Esse fato demonstra a importância que as mulheres exerceram na trajetória de Jesus Cristo e o quanto foram corajosas para segui-lo.

³⁷ De acordo com Lira (2006), Os rabis eram considerados teólogos, advogados e professores, mas não necessariamente sacerdotes, seu poder consistia no saber, e saber estava atrelado à tradição e à Lei. Jesus Cristo era considerado por muitas pessoas um rabi.

Essa representação pode ser confirmada quando consideramos o contexto social daquela época. Em tese, Jesus Cristo morreu como alguém fora da lei. Além disso, a mulher “não podia ser identificada por ninguém e para isso ela só podia sair de casa em casos de extrema necessidade e assim mesmo ela devia sair com véu na cabeça e no rosto” (UNSER, 2009, p.50). Essa decisão de serem mensageiras da ressurreição de Jesus sugere a coragem das mulheres que, naquele contexto, rompem com as limitações sociais da lei e enfrentam as possíveis consequências dos atos.

Na lei judaica, as mulheres e crianças não eram consideradas testemunhas confiáveis; no entanto, como podemos observar, entre os guardas e as mulheres, Deus, representado pelo anjo, confia nelas para anunciarem o ocorrido aos discípulos. Na oração (17), as marcas de afeto *temor* e *alegria* expressam seus sentimentos diante da situação – *temor* porque aconteceu uma aparição inesperada, que pode ter causado susto ou algum sentimento de receio e respeito, e *alegria* porque gostaram de saber da ressurreição de Cristo, em quem acreditavam e amavam.

Em outra passagem, na do evangelista Mateus, Maria aparece representada como Mãe; essa representação corrobora a coragem da mulher, o que se evidencia no exemplo (57).

57	(1) Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, (2) antes de passarem a conviver, (3) ela encontrou-se grávida pela ação do Espírito Santo. [EMt1]
----	---

Em (1), *Maria* é o Portador do Atributo *prometida em casamento a José*. Essa oração indica o papel social de esposa, que sinaliza o primeiro passo para formação de um núcleo familiar. Na antiguidade, o casamento tinha uma finalidade social e política; de acordo com Duarte (2003), as meninas eram guardadas para o casamento. No entanto, antes de casar-se com José, Maria já estava grávida, o que dificilmente seria aceito pela sociedade patriarcal, que não permitia mulher grávida antes do casamento, devido à obrigação da mulher em casar virgem, de acordo com os padrões da igreja e da sociedade daquela época. Nesse exemplo, destacamos o elemento gramatical apostro *sua mãe*, que explicita a representação de Maria como mãe. No processo relacional (3), *ela* (referindo-se a Maria) tem como Atributo *grávida*, que sugere a mulher caracterizada como mãe pela capacidade de gerar um filho. A circunstância *pela ação do Espírito Santo* indica a razão da gravidez. Em ambas as orações, essa representação é manifestada pela proposição que realiza a função de fala declaração com polaridade positiva.

No excerto a seguir, podemos verificar quando Maria, na condição de mãe, demonstrou coragem, ao enfrentar todos os tabus sociais daquela época, e expressou firmeza para enfrentar as situações emocionais ou moralmente difíceis por ela assumidas.

58	<p>(1) Quando Isabel estava no sexto mês, (2) o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, (3) a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. (4) <u>A virgem se chamava Maria.</u> (5) <u>O anjo entrou onde ela estava</u> (6) e disse: (7) <u>“Alegra-te, cheia de graça! O Senhor está contigo”.</u> (8) <u>Ela perturbou-se com estas palavras e</u> (9) <u>começou a pensar qual seria o significado da saudação.</u> (10) <u>O anjo, então, lhe disse:</u> (11) <u>Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto a Deus. Concederás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus [...]</u> (11) <u>Maria, então, perguntou ao anjo:</u> (15) <u>“Como acontecerá isso, (14) se eu não conheço homem?”</u> (16) <u>O anjo respondeu: “O Espírito Santo descera sobre ti, (17) e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. (18) Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. (19) Maria disse: (20) “Eis aqui a serva do Senhor! (21) Faça-se em mim segundo a tua palavra”.</u> (14) E o anjo retirou-se de junto dela. [EL1]</p>
----	--

Na oração (4), *a virgem* desempenha o papel de Identificado do processo relacional *chamava*. Em (6), *o anjo*, na função de Dizente, verbaliza a alegria em encontrar com *Maria*. Nas orações (8) e (9), *Maria*, retomada pelo pronome *ela*, é Comportante dos processos comportamentais, polarizados positivamente (*perturbou-se* e *começou a pensar*), sugerindo que *Maria* “refletiu” sobre a visita do anjo; ao mesmo tempo, essas escolhas indicam que ela não compreendeu imediatamente o que acontecia.

Na oração (10), *o anjo* desempenha a função de Dizente, ao anunciar que *Maria* dará à luz a um menino. Em (11), por meio do processo verbal *perguntou*, *Maria*, na função de Dizente, que tem o *anjo* como Receptor, contra-argumenta a afirmação do anjo, questionando como poderia ter um filho se era virgem. Em (15), novamente, o *anjo*, como Dizente, esclarece, na Citação, como a fecundação acontecerá. Por fim, na oração (19), *Maria*, na função de Dizente, aceita ser mãe de Jesus Cristo. Nessa oração, podemos inferir a coragem de *Maria* ao enfrentar todos os possíveis problemas ocasionados por uma gravidez antes do casamento.

Outro texto em que a mulher é representada como **CORAJOSA** é evidenciado nas vozes da mulher, neste caso, *Maria*, mãe de Jesus, e na voz de Jesus Cristo, conforme excerto (59). Esse excerto relata o primeiro milagre de Jesus e demonstra o incentivo de sua mãe.

59	No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galiléia, (2) e a mãe de Jesus estava lá. (3) Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento. (4) Faltando o vinho, (5) a mãe de Jesus lhe disse: (6) “Eles não têm vinho!” (7) Jesus lhe responde: (8) “Mulher, para que me dizes isso? (9) A minha hora ainda não chegou.”(10) Sua mãe disse aos que estavam servindo: (11) “Fazei tudo o que ele vos disser!” [EJ2]
----	--

Na oração (2), *a mãe de Jesus* desempenha a função léxico-gramatical de Portador do processo relacional circunstancial *estava*, que indica da localização da festa, ou seja, em *Caná da Galiléia*, retomada por *lá*. Na oração (5), *a mãe de Jesus*, na função de Dizente, tem seu dizer reproduzido como Citação: *“Eles não têm vinho!”*. Nessa oração, Maria solicita indiretamente um pedido de milagre ao filho, por meio de uma proposição que realiza a função de fala declaração. É possível destacar que há uma metáfora gramatical realizada no contexto: trata-se de uma proposta, já que, no contexto, podemos inferir “faça alguma coisa”. É um convite para Jesus agir, o que é evidenciado pela reação de Jesus ao dizer de Maria.

Na oração (8), com o vocativo *mulher*, percebemos uma aparente indiferença na forma de tratamento usada por Cristo, ao escolher chamar *Maria* de mulher e não de mãe. Segundo Bortolini, “na Bíblia, nenhum filho chama desse modo sua mãe. Somente o marido podia chamar sua esposa de ‘mulher’. Isso mostra que a ‘mãe de Jesus’ representa um grupo. É o grupo dos que se mantiveram fiéis a Deus” (2008, p. 33). Nesse sentido, conforme verificamos nas orações, há uma mudança no comportamento de Maria: se anteriormente ela declara que não há mais vinho, na oração (10), como Dizente, *Maria* verbaliza uma proposta por meio da função de fala comando, realizada linguisticamente pelo verbo polarizado positivo – *fazei*.

Nesse sentido, as escolhas léxico-gramaticais sugerem a representação da mulher como corajosa, ao induzir Jesus a realizar o primeiro milagre. Jesus Cristo atende ao seu pedido, o que pode evidenciar o respeito que Jesus Cristo tenha pela mãe. Além disso, podemos inferir que *Maria* acredita no potencial de seu filho e o incentiva a realizar o ato, típicos sentimentos despertados em mães, que encoraja os filhos a desempenharem atividades necessárias.

Com base nos dados evidenciados, encontramos quatro representações manifestadas na voz de Jesus Cristo e dos evangelistas. Assim, para retomar as representações manifestadas para a mulher, sistematizamos na Figura 13.

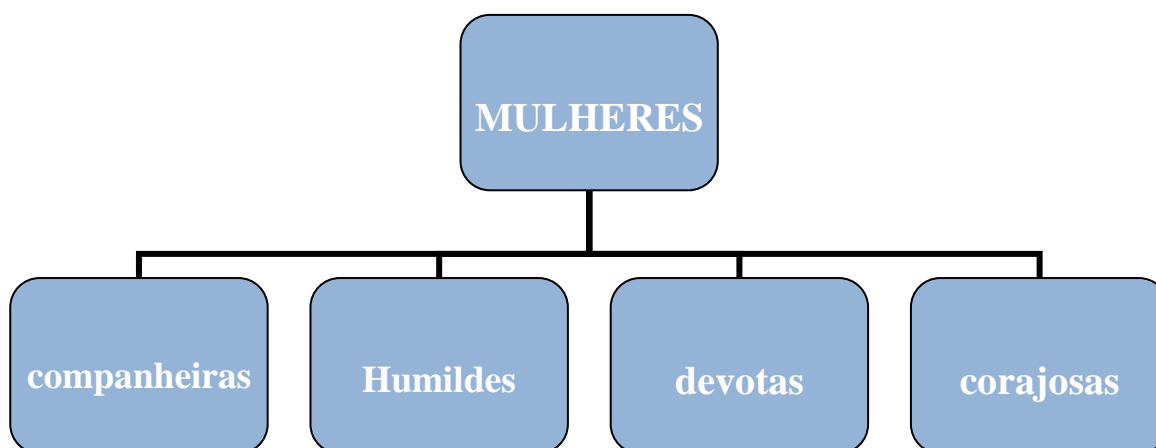


Figura 13 – Representações manifestadas para as mulheres nas vozes de Jesus Cristo e evangelistas.

A respeito das funções léxico-gramaticais desempenhadas pelas mulheres nas estruturas linguísticas manifestadas nas vozes dos evangelistas e Jesus Cristo predominaram Ator (31,40%) e Dizente (18,60%), conforme Figura 14.

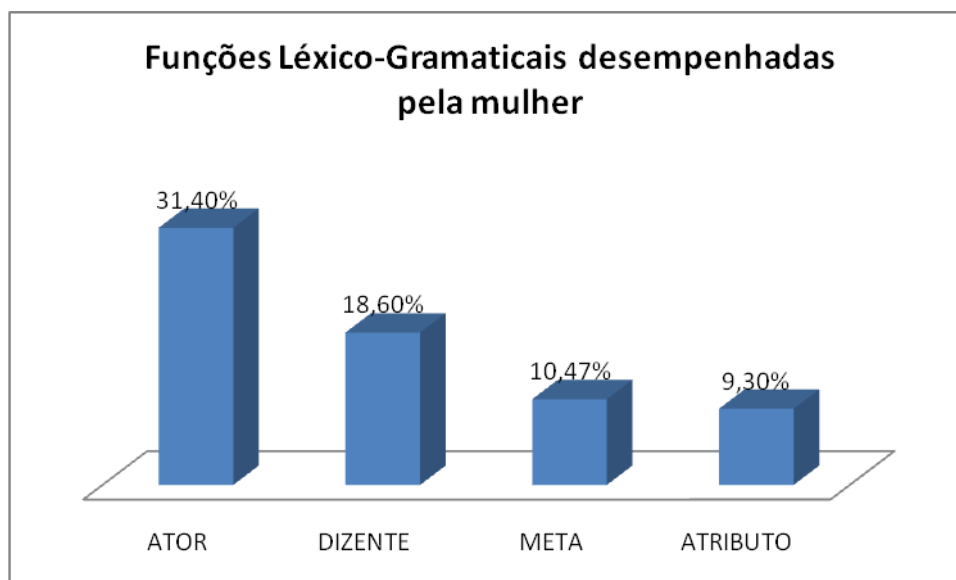


Figura 14 – Frequência das funções léxico-gramaticais desempenhadas pelas mulheres nas vozes de Jesus e dos evangelistas.

A análise desses dados quantitativos permite-nos concluir que, na voz de Jesus e dos evangelistas, as mulheres são representadas com mais liberdade, uma vez que, linguisticamente, desempenham a função de Ator nos Evangelhos analisados, ou seja, a mulher é aquela que faz a ação, que faz algo acontecer, ao agir para ajudar Jesus Cristo. Outro dado que chama a atenção é as mulheres desempenharem a função de Dizente, indicando que interagem com Jesus Cristo. Considerando os dados léxico-gramaticais levantados nas vozes dos fariseus, escribas e saduceus, percebemos que não há recorrência da função de Dizente, o que pode evidenciar as poucas falas atribuídas às mulheres. Isso significa que Jesus dava-lhes a oportunidade de fala e, assim, as tratava com igualdade e respeito, desafiando, muitas vezes, as leis de Moisés.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, objetivamos analisar como as escolhas léxico-gramaticais e semântico-discursivas evidenciam representações para mulheres num dos textos mais antigos – os Evangelhos do Novo Testamento. Esses textos podem nos mostrar a dinamicidade da sociedade do século I e como influenciam os leitores na forma de agir e/ou pensar em relação aos valores da vida, pois é por meio da linguagem que são representados os valores, ações e formas de ver o mundo de diferentes grupos sociais, em seus mais variados contextos e épocas.

Nesse sentido, a linguagem é fundamental para organizar a vida em sociedade. Por meio dela, os indivíduos se comunicam e organizam as relações sociais. Assim, a linguagem possibilita aos indivíduos representar tanto a si mesmos e suas experiências do mundo, como aos outros. Essas representações se dão em um contexto social e cultural. Considerando que os indivíduos podem manifestar-se linguisticamente através dos gêneros textuais, neste trabalho, identificamos representações para as mulheres nos quatro Evangelhos do Novo Testamento por meio da análise do sistema de transitividade e do subsistema de atitude.

Para tanto, utilizamos como arcabouço teórico as considerações acerca do contexto de cultura – gênero – com base em Eggins (1997), Rose e Martin (2008) e Martin (2012); as variáveis do contexto de situação de Halliday (1989); Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e Matthiessen (2004) para análise das representações pelas categorias léxico-gramaticais do sistema de transitividade; categorias semântico-discursivas do sistema de avaliatividade de Martin e White (2005) para a análise da construção dos significados pelos subsistemas de atitude e o subsistema engajamento para a análise das vozes autorais e não autorais.

O *corpus* de análise desta pesquisa foi constituído por 21 textos que compõem os quatro Evangelhos do Novo Testamento, publicados online, traduzidos pela CNBB e escritos em língua portuguesa.

Assim, definido o objetivo e os suportes teóricos, o primeiro passo analítico de nosso trabalho foi dedicado à organização do *corpus*. Inicialmente, foram coletados os episódios dos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João que, obrigatoriamente, apresentassem a palavra-chave “mulher” e referências a ela com o recurso do aplicativo *Concord* do software

WordSmith Tools 6.0 (SCOTT, 2008). Após, decidimos separar as vozes externas das vozes autorais (evangelistas). Com isso, foram identificadas cinco vozes externas: Jesus, mulheres, escribas, fariseus e saduceus.

Realizada essa etapa, o passo seguinte foi a segmentação dos textos em orações e a seleção das orações a serem investigadas. O método foi selecionar as orações que se referiam às mulheres, tanto na voz autoral quanto nas vozes não autorais. Executada a etapa de organização do *corpus*, descrevemos a análise do contexto. Para isso, usamos as variáveis contextuais propostas por Halliday (1989): campo, relações e modo.

Em relação à variável campo, os quatro Evangelhos objetivam retratar os assuntos que permeiam as histórias acerca da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Entre os quatro evangelistas, estima-se que Mateus e João foram testemunhas, pois acompanharam Jesus Cristo. Quanto à produção dos textos, os Evangelhos foram produzidos em torno dos anos 60 e 90 d.C. No que tange às relações, podemos inferir que, entre os evangelistas e os leitores atuais, é máxima, pois a produção e a recepção se dão entre indivíduos que não se conhecem, distantes no tempo e no espaço. Com relação à variável modo, Aquino (2013) informa que os escritos foram escritos inicialmente em pele de ovelha ou papiros. Esses escritos foram evoluindo, e no séc. XVII, João Ferreira d'Almeida traduziu a primeira versão da Bíblia para a língua portuguesa. Atualmente, os recursos tipográficos informam as disposições dos capítulos e os versículos, e as numerações são dispostas sequencialmente. No contexto atual, o modo de instanciação da linguagem é o escrito e o meio é o gráfico. A veiculação dos textos ocorre por via impressa e pelo meio virtual, em que a *internet* é o canal utilizado. Além dessas veiculações, os textos bíblicos são lidos em missas e cultos. Também estão disponíveis em áudios. Há ainda várias edições bíblicas: Bíblia do bebê, Bíblia para crianças, Bíblia do adolescente, Bíblia para mulheres, Bíblia edição de bolso, Bíblia ilustrada, entre outras.

Quanto às representações manifestadas para as mulheres nas vozes dos fariseus, saduceus, escribas e evangelistas, foram encontradas quatro representações. Segundo essas vozes, a mulher, na sociedade daquela época, era vista como **POSSE** pertencente aos homens. Quando agia de maneira diferente das regras sociais impostas por eles, segundo a lei de Moisés, era considerada **PECADORA**; um dos pecados mortais era ser **ADÚLTERA**. Nesse sentido, ao agir incorretamente segundo os preceitos sociais da época, era **DISCRIMINADA** socialmente. Portanto, a mulher era subjugada às ordens de outrem; não podia ter atitudes próprias, pois vivia em um contexto que lhe obrigava agir conforme lhe era determinado.

Com relação às funções léxico-gramaticais que realizam cada uma das representações, nas vozes dos fariseus, saduceus, escribas e evangelistas, observamos que a função léxico-

gramatical predominante desempenhada pelas mulheres é a de Meta. Esse resultado nos mostrou que as representações manifestadas dizem respeito a como as mulheres são afetadas socialmente. Desse modo, podemos inferir que as representações manifestadas nessas vozes são negativas. Apresentam as mulheres, conforme aquele contexto histórico, em que elas tinham dificuldade de movimentar-se socialmente, uma vez que as mulheres precisavam assumir uma postura de passividade feminina, pois elas não tinham os mesmos direitos que os homens da época. Eram totalmente dependentes de tutores (pai, um irmão e/ ou marido) para as decisões sociais, só podiam sair nas ruas com o rosto coberto e, quando casadas, podiam ser devolvidas para suas famílias por qualquer motivo que desagradasse ao marido.

Assim, como demonstramos nas análises, as categorias léxico-gramaticais representam experiências das mulheres no contexto em que foram produzidos os Evangelhos. A partir dessas experiências, verificamos a avaliações, realizadas por categorias semântico-discursivas do sistema de avaliatividade. Essas categorias, por sua vez, permitiram inferir como as representações são avaliadas discursivamente.

Nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas, as representações são avaliadas, principalmente, com marcas linguísticas no campo do julgamento. Esses julgamentos são predominantemente negativos de capacidade, normalidade e propriedade.

Essa predominância de julgamentos reflete os comportamentos esperados das mulheres no contexto daquela época. Nessas vozes, não há marcas de afeto e de apreciação. Reportando-nos aos dados contextuais, isso pode demonstrar as relações estabelecidas entre as mulheres e os cidadãos, principalmente homens, que mantinham certo distanciamento. Talvez, por isso não há espaço para manifestação de avaliações, especialmente afeto.

Quanto às vozes de Jesus e dos evangelistas, as representações são positivas para a mulher, indicando posicionamento contrário aos atos de discriminação socialmente estabelecidos. Nessas vozes, as mulheres são reconhecidas como **COMPANHEIRAS** dos homens e não como inferiores a eles; por isso eram **HUMILDES**. Além disso, eram **DEVOTAS** por terem esperança e acreditarem em Jesus Cristo nas situações mais adversas, que colocavam em risco sua integridade física e moral; mesmo assim, demonstravam sua **CORAGEM**.

Quanto às funções léxico-gramaticais, na voz de Jesus Cristo e dos evangelistas, as mulheres são representadas linguisticamente em função das ações/atitudes que elas realizam. Assim, a função predominante é a de Ator. Esse dado mostra que Jesus Cristo escutava as mulheres e não as recriminava. Jesus Cristo não compactuava com as normas sociais a que as

mulheres eram submetidas e considerava homens e mulheres como seres sujeitos aos mesmos direitos sociais.

Nas vozes de Jesus e dos evangelistas, as representações são avaliadas, principalmente, com marcas linguísticas positivas de julgamentos e de afeto. Os julgamentos são predominantemente de tenacidade e capacidade. Entendemos a predominância de tenacidade positiva como um de atestado de valorização das mulheres. Isso é evidenciado, nos Evangelhos analisados, pelas representações de coragem e de credibilidade das mulheres. Esse dado indica que, embora as mulheres sejam avaliadas em relação à cultura da época, o discurso de Jesus e dos evangelistas revela uma representação contrária à representação social vigente na época: a mulher se comportava de forma corajosa frente às situações impostas a ela, mostrando-se determinada.

Quanto às ocorrências de afeto, configuram-se comumente como apelos sentimentais e caracterização. Esses apelos são direcionados para Jesus Cristo e, normalmente, retribuídos para as mulheres. As marcas de afeto podem indicar a maneira afetuosa de Jesus relacionar-se com as mulheres, pois não as julga nem as recrimina, apesar das leis e condições sociais da época. Por isso, podemos inferir que as mulheres buscavam um suporte em Jesus Cristo, pois Ele compreendia-as, respeitava-as e não as discriminava.

Articulando, então, as representações nas vozes dos fariseus, escribas, saduceus e evangelistas e nas vozes de Jesus Cristo e dos evangelistas, aliadas às avaliações depreendidas, podemos dizer que, no *corpus* analisado, as representações manifestadas sobre as mulheres são as expostas na Figura 15.

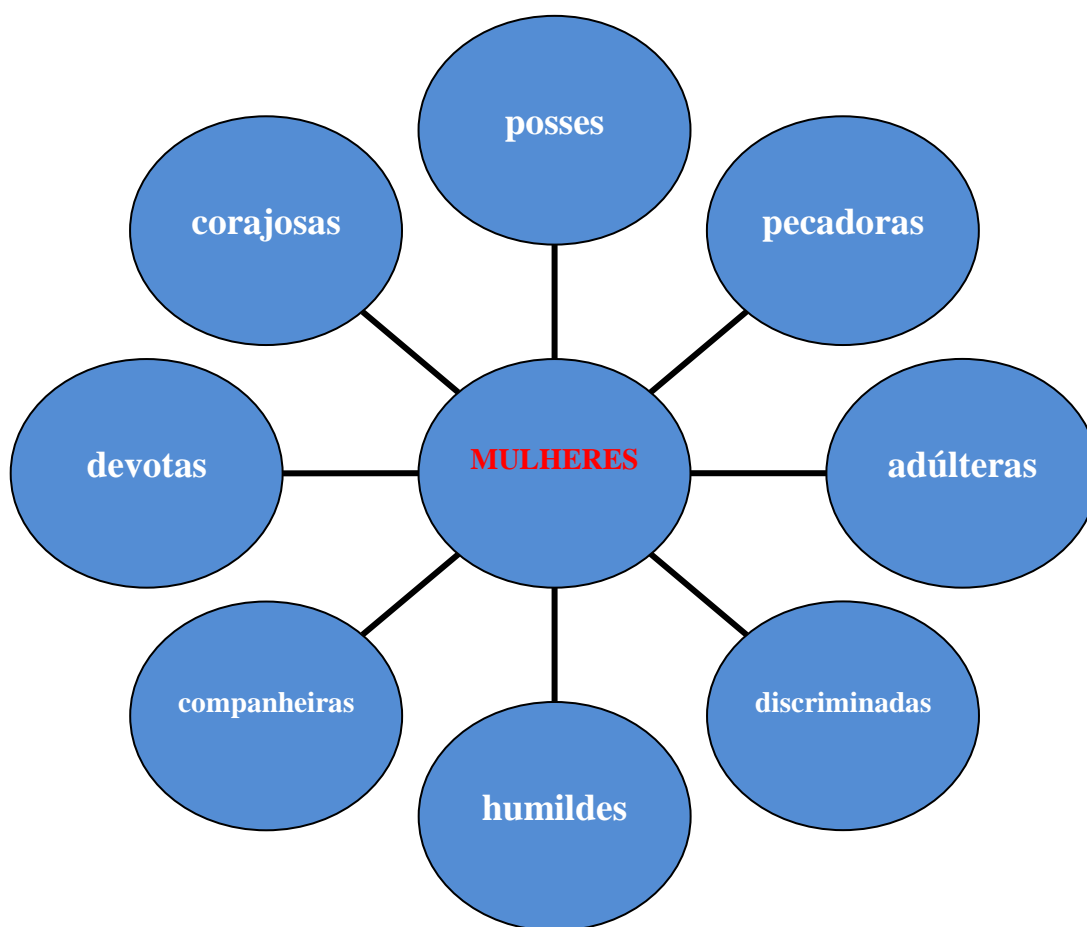


Figura 15 – Representações manifestadas para as mulheres nos Evangelhos.

As funções léxico-gramaticais desempenhadas pelas mulheres na realização dessas representações são:

- para representar mulher como **posse**, as funções léxico-gramaticais são Meta, Possuída, Circunstância de Acompanhamento.
- na representação de **pecadora**, predominam as funções léxico-gramaticais de Portador e Identificador.
- para representação de **adúltera**, as funções léxico-gramaticais são Meta e Cliente.
- para representar mulher como **discriminada**, as funções são Fenômeno, Meta e Circunstância de Acompanhamento.
- na representação de **companheira**, as funções léxico-gramaticais desempenhadas são Ator e Meta.

- para representar como **humilde**, a função é Ator.
- para representação como **devota**, a função léxico-gramatical desempenhada é Ator.
- para representação de **corajosa**, as funções léxico-gramaticais desempenhadas são Dizente e Ator.

Em resumo, a partir dos dados linguísticos apresentados, podemos inferir que Jesus Cristo foi o primeiro homem que defendeu a mulher e o embate sexista. Sabemos que a participação da mulher na sociedade sofreu profundas transformações ao longo da história. No entanto, ainda há muitos avanços que precisam ser conquistados. Nesse sentido, Jesus Cristo esteve à frente do seu tempo e considerou homem e mulher como seres humanos iguais, o que continua sendo a busca na nossa sociedade.

Esperamos ter, com este trabalho, trazido uma contribuição para os estudos sobre a mulher no contexto bíblico, por meio de uma análise pormenorizada de *corpus*, baseada em uma teoria linguística que estuda a linguagem em contexto. Especificamente, que nossas análises possam contribuir para outras possibilidades de leitura dos Evangelhos, considerando o contexto social em que foram produzidos.

Também, almejamos que este trabalho possa contribuir no contexto educacional, em salas de aula no ensino da Língua Portuguesa e no Ensino Religioso, abrindo estudos mais minuciosos dos recursos linguísticos e das relações com o contexto.

No que diz respeito aos estudos de gêneros textuais, utilizamos um novo enfoque para abordar os Evangelhos, por meio da análise da perspectiva da Pedagogia de Gêneros, proposta pela escola de Sydney. Nesse sentido, nosso estudo poderá servir aos alunos e professores, na medida em que sugere uma sistematização do gênero.

Como sugestão para análises futuras, destacamos a pertinência de estudar outros gêneros que compõem o Novo Testamento sob a perspectiva da Escola de Sydney, especificamente, aprofundar estudos sobre o gênero relato biográfico. Também poderiam ser ampliadas as análises nesses outros gêneros do Novo Testamento, utilizando os pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional, relevantes para a identificação de outras representações para a mulher e para outros atores sociais, de modo que possam desvelar costumes, comportamentos e valores que norteiam os diferentes grupos sociais.

Destacamos ainda a possibilidade de estudo comparando as representações da mulher da época bíblica com a contemporaneidade, a fim de verificar a voz de outros atores sociais nos discursos que permeiam nossa sociedade e no próprio discurso religioso moderno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIUS, S.E.O. **A atitude de Jesus diante da violência contra a mulher:** Estudo Exegético de São João 7:53 - 8:11. Londrina, 2010. 88 fl. Trabalho de Conclusão de Curso (Trabalho de Conclusão de curso em Teologia) – Universidade Filadélfia de Londrina, Londrina, 2010.

ALMEIDA, F. A. S. D. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. (Orgs.) **A linguagem da avaliação em língua portuguesa:** Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ALMEIDA, L. F. Representações Sociais de violência urbana para policiais civis da cidade do Recife, 2011. 140f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2011.

ALVES, H. A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida. **Revista Lusófona**, América do Norte, p. 289-302, nov.2013. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4095/2794>>. Acesso em: 05 fev. 2014.

AMARAL, J.V. **Akolouthia e Diakonia no Evangelho de Marcos:** Uma análise narrativa de Mc 15,40-16,8. Belo Horizonte, 2009. 119f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2009.

AMARAL, F.P. Seduzidos pela Dança Salomé, a construção de um personagem. **Revista Jesus Histórico**, v.9, p.24-44, 2013.

ANDRADE, M. M. **Espaço, Cotidiano e Cidade na Atenas Clássica.** Rio de Janeiro: DP&A Editora; FAPERJ, 2002.

AQUINO, F. **Onde estão os originais dos Evangelhos.** São Paulo, Canção Nova. Fev. 2013. Disponível em <<http://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2013/02/28/onde-estao-os-originais-dos-Evangelhos/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

ASSUMPCÃO, M. **As representações da mulher profissional brasileira e norte-americana construídas pela mídia impressa.** São Paulo, 2008.131fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARBARA, L.; MACEDO, C. M. M. Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso: um Panorama Introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v.10, p. 89-107, 2009.

BALOCCO, A. E. O sistema do engajamento aplicado a espaços opinativos na mídia escrita. In: VIAN JR., O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. A. S. D. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: Estudos sistêmico-funcionais com base no sistema da avaliabilidade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BLANEY, G. **Uma breve história do Cristianismo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda, 2012.

BHATIA, Vijay K. **Genre Analysis today**. Revue Belge de Philologie et d'Histoire, Bruxelles, 75: 629-652, 1997.

BRAGA, E.S. **Santas e Sedutoras as heroínas na Bíblia hebraica**: A mulher entre as narrativas bíblicas e a literatura patrística. São Paulo, 2007. 171fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

BÍBLIA. 2010. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por CNBB. São Paulo: Canção Nova, 2010.

BORG, M.J. **Reading the Bible again for the first time**: taking the Bible seriously but not literally. Australia: HarperCollins, 2001.

BORTOLINI, J. **Como ler o Evangelho de João**: o caminho da vida. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BOTELHO, J.F. Quem escreveu a Bíblia. Superinteressante, São Paulo, dez. 2008 .
Disponível em: <
<http://super.abril.com.br/superarquivo/?edn=259Edeyr=2008aemt=dezembromeys=2008y> >.
Acesso em: 20 fev. 2014

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Tradução Maria Helena Kuhnner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CABRAL, S. R. S. **A mídia e o presidente**: um julgamento com base na teoria da valorização. Santa Maria: UFSM, 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

CALDAS, M. Vida e Morte no Cristianismo Primitivo. **Revista Cantareira**, v.1, n.3, p. 05-10. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wpcontent/uploads/2013/05/e09a10.pdf>> Acesso em 22 fev. 2014.

CANEZIN, C. C. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar**, v.4, n. 1, p. 143-156, 2004. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/revjuridica/article/viewFile/368/431>>. Acesso em 02 fev. 2014.

CARSON, D.A; MOO. D; Morris. J. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997

CARGNIN, S. E. **Representações de professor em discursos de paraninfos da área de Letras**: uma análise sistêmico-funcional. Santa Maria, 2014. 168fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

CHAGAS, H. S. **Domínio Discursivo e doutrinas religiosas em traduções da Bíblia para a Língua Portuguesa**: Mapeamento lingüístico-discursivo no livro de Lucas (Novo Testamento). São Paulo, 2010. 80 fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

CERQUEIRA, A.G.C; TORGA, V.L.M. Uma investigação linguística do estilo no gênero parábola. **Revista Linguagem**. São Paulo, n. 21, p. 01-09, 2013. Disponível em: <<http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao21/artigosic/ic01.pdf>>. Acesso em: 01 Out. 2014

COMFORT, Philip Wesley. **A origem da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

CORRÊA, J. P. **Pedro e a pedra**: um estudo exegético de Mateus 16:18. São Paulo, 2003. 47fl. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário Adventista de São Paulo Curso de Teologia, São Paulo, 2003.

CULLMANN, O. **A formação do Novo Testamento**, Trad. Bertoldo Weber. São Leopoldo: Sinodal, 1979.

DANIEL-ROPS, H. **A vida diária nos tempos de Jesus**. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

DETONI, Emerson. Santo Agostinho: Fé, Esperança e Caridade. **Revista Mirabilia**. jun/dez 2010. Disponível em <http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2010_11/05.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das mulheres, editada por Elisabeth Cady Stanton. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992. Disponível em <http://est.tempsite.ws/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/955/924>. Acesso em 23 jan. 2014.

DOMÍNGUEZ, J; SÁEZ, J. **O Homem de Nazaré**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

DUARTE, C.L. Feminismo e Literatura. **Estudos avançados**, São Paulo, v.17, n.49, p. 151-172, 2003 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18402.pdf>>. Acesso em 05 fev. 2014.

DRUMMOND, F.A.P. **Apesar das ruínas e da morte**: a poesia emergente de sophia de mello breyner andresen. Rio de Janeiro, 2012. 119 fl. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

EGGINS, S.; MARTIN J. R. Genres and Registers of Discourse: In: T. A. van Dijk (org). **Discourse as structure and process – Discourse Studies**: a multidisciplinary introduction, Vol. I. Londres: SAGE Publications, 1997.

FARENCEANA, G.S. **Estudo da fábula**: contexto, linguagem e representação. Santa Maria: UFSM, 2011. 189f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

FEE, G; STUART, D. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FERREIRA, M. O. **Epístola de São Paulo aos efésios**: proposta de leitura linear. São Paulo: USP, 2006. 531f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

FERREIRA, M. O. Estudo do discurso religioso sob a perspectiva da Nova Retórica. In: GARCIA, B.R.V. et al. (Org.). **Análises do Discurso**: o diálogo entre as várias tendências na USP. São Paulo: Paulistana Editora, 2009. Disponível em: <http://www.epedusp.Org>. Acesso em 07 mar. 2015.

FERREIRA, V.J. **A dimensão política da práxis de Jesus no Evangelho de Lucas**. Goiânia: PUC Goiás, 2009. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

FIGUEIRA, A. da F. Estratégias de preservação da face: em foco o discurso religioso. **KHÓRA** - Revista transdisciplinar do ESPAZO/NESAP. v.1, n. 1, p.2-15, set/2011. Acesso em: 03 mar. 2015

FIORINZA, E. S. **As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

FUZER, C. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do Direito representam atores sociais em um sistema de gêneros**. Santa Maria: UFSM, 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

FUZER, C. **Gramática Sistêmico-Funcional para análise de representações sociais**. Projeto de Pesquisa GAP/CAL 025406. Santa Maria: UFSM, CAL, 2009.

GRABER, P.L. **Context in text: A systemic Functional Analysis of the Parable of the Sower**. Atlanta: E.U, 2001. Tese (Doutorado em Filosofia), Emory University, Atlanta, 2001.

GIRALDI, L. A. **História da Bíblia no Brasil**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

HALLIDAY, M. A. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. **An introduction to systemic functional grammar**. London, UK: Arnold Publishing, 2004.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. London e New York: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. Part I. In: HALLIDAY, M.A.K e HASAN. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, R. Part II. In: HALLIDAY, M.A.K e HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HOERLLE, E. A permanência da leitura da Bíblia como prática social diante das transformações de produção e distribuição pelo mercado brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA UFRGS, 32, 2009, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2064-1.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2013.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

HYON, S. **Genre in three traditions: Implications for ESL**. TESOL Quarterly, 1996, 693–722

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, 420p.

JOÃO, A. A. **Jesus e o poder do império romano**. 1.ed. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=rBtLBQAAQBAJ&pg=PA46&lpg=PA46&dq#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 30 jan. 2015.

LAVRADOR, J.L.P. **Ao sabor da Bíblia**. Coimbra, 2010. 227fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010.

LIRA, D. P. de. **A didakhe kaine de Jesus: um ensaio exegético de Mc 1.21-28**. São Leopoldo, 2006. 92fl. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.

MACHADO, M. M. A. **Para uma hermenêutica dos poderes: sobre discursos da teologia feminista e escritura**. In: http://www.revistaancora.com.br/revista_2/02.pdf. p.3 Acesso em: 05 fev. 2014.

MACHADO, E.P; REIMER, I.R. Uma mulher marcada pela opressão e pela ternura de Deus: Análise e interpretação de Lucas 13.10-171. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 51, n. 1, p. 127-137, jan/jun. 2011.

MACÊDO, G.N.S. **A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional.** Góias, 2003. 181 fl. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Católica de Góias, Goiânia, 2003.

MARTIN, J. R. WHITE, P. **The language of evaluation: appraisal in English.** New York: Palgrave, 2005.

MARTIN, J. Genre and Language Learning: a social semiotic perspective. **Linguistic and Education**, v. 20, n.1, 10-21, 2009.

MARTIN, J.R. **Learning to write, reading to learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School.** Equinox Publishing, 2012

MARTIN, J.R; ROSE, D. **Genre relations: mapping culture.** London: Equinox, 2008.

MIRANDA, E.E; MALCA, J.M.S. **Sábios fariseus: reparar uma injustiça.** São Paulo: Loyola, 2001.

MORAIS, C.B.F. **As mulheres na política brasileira: um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional.** São Paulo, 2008. 119fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise.** Traduzido CABRAL, A. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.

_____. **Representações Sociais: investigação em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Traduzido GUARESCHI, P. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Traduzido por GURESCHI, P. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MYERS, C. **O Evangelho de São Marcos.** Tradução de I. F. L Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

NEVES, M. H. de M. Um visão geral da gramática funcional. **Alfa**, São Paulo, n. 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

OLMOS, O.M de Q. **Adolescentes nos editoriais da revista Capricho: linguagem, contexto e representação**. Santa Maria: UFSM, 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

OLIVEIRA, C.A.E. **A expressão da identidade feminina na música funk: uma análise do gênero letras de canções da fase erótica do movimento funk brasileiro**. Tubarão, 2007. 114fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2007.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

PEARLMAN, M. **João: o Evangelho do filho de Deus**. Rio de Janeiro, CPAD: 1995.

PEÑA-ALFARO, A. A. Estratégias discursivas de persuasão em um discurso religioso neopentecostal. Pernambuco: PE, 2005. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2005.

RAMALHO, V. C. V. S. **Discurso e ideologia na propaganda de medicamentos: um estudo crítico sobre mudanças sociais e discursivas**. Brasília: DF, 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

REIMER, R. Para memória delas! Textos e interpretações na (re)construção de cristianismos originários. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 50, n. 1, p. 41-53, 2010.

RIBEIRO, M.P. **As formações discursivas sobre a mulher na música popular brasileira (1930-1945)**. Niterói: UFF, 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Fluminense, Rio de Janeiro, 2007.

RIBEIRO, S.M. **Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo**. comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 abr. 2000.

RICHARD, P. Evangelho de Mateus: uma visão global e libertadora. **RIBLA**, Petrópolis, n. 27, p. 7-28, 1997.

RODRIGUES, L.C.C. “**Se quiser, é assim:**” Uma análise léxico-gramatical da representação feminina em letras de forró eletrônico. João Pessoa, 2010. 174fl. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

RODRIGUES, E.M.L., FIGUEIREDO, M. F. O discurso religioso e a tríplice influência: argumentação, texto e prosódia. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras Franca(SP). v. 4, n. 4, p. 213-242, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/view/231/185>. Acesso em 08 mar. 2015.

ROGERSON, J.W. **O Livro de Ouro da Bíblia**. Tradução de Talita Macedo Rodrigues. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ROSADO, M. J. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cad. Pagu** [online]. 2001, n.16, pp. 79-96. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>>. Acesso em 15 jan. 2014.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School**. London: Equinox, 2012.

ROSSI, A. M.; FUZER, C. Representações para homens e mulheres em um texto bíblico. **Revista Querubim**, Rio de Janeiro, ano 08, n. 16, p. 10-23, fev. 2012. Disponível em: <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim_16.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2014.

ROVER, M.C. **Toque terapêutico: o encontro entre o desejo de uma vida plena e a plenitude da vida**. Goiânia, UCG, 2004. 141f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

SANTOS, W; XAVIER, L.F; ARAUJO, T.C. Análise exegética do prólogo do Evangelho de João. **Revista Davar Polissêmica**, Belo Horizonte ano 08, n. 1, p. 01-16, 1º Sem. 2011. Disponível em: <<http://www.faculdadebatista.com.br/SEER/ojs2.3.5/index.php/teo/article/view/62/>>. Acesso em: 17 out. 2014.

SANTOS, S. N. O Evangelho de Lucas Enquanto Fonte Histórico-Biográfica. **Revista Jesus Histórico**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 89-110, 2011. Disponível em: <<http://www.revistajesus.historico.ifcs.ufrj.br/arquivos7/ARTIGO-SAMUEL-NUNES.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2014.

SANTOS, M. de F. de S, NOVELINO, A. M., NASCIMENTO, A. P. O mito da maternidade: discurso tradicional sob roupagem modernizante? In: MOREIRA, A. S. P. (org.) **Representações Sociais. Teorias e Práticas**. EDU, João Pessoa, 2001, pp.269-293.

SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2004, v.12, n.2, pp. 35-50. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003>. Acesso em: 20 fev. 2014.

SAWYER, D. **The image of God, the wisdom of serpents and the knowledge of Good and Evil**. England: Sheffield Academic Press, 1992.

SILVA, T. S. **Irenes**: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva Sistêmico-Funcional. Santa Maria: UFSM, 2012. 223f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SILVA, C.R. **A relação interativa entre Jesus e as mulheres a partir de Mc 14, 3-9**. São Leopoldo: EST, 2011. 69f. Dissertação (Mestrado em teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2011.

SOUZA, C.B. **Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos**: paradigmas de relações de gênero. Goiânia, 2014. 166f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2014.

SCOTT, M. **Programa Word Smith Tools**. Versão 5.0. Oxford University Press, 2008.

TENNEY, M. C. **O novo testamento sua origem e análise**. Tradução Antonio Fernandes. São Paulo: Shedd publicações, 2008.

TEPEDINO, A. M. **As discípulas de Jesus**. Petrópolis: vozes, 1990.

TICKS, L.K. **(Re)construção de concepções, práticas pedagógicas e identidades por professoras de inglês pré e em serviço**. Santa Maria: UFSM, 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. 2.ed. London: Arnold, 2004.

THOMPSON, G. THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. **Text 15 (1)**, p. 103-127, 1995.

UNSER, G.M. **Mulher**: de vítima a discípula de Jesus. Passagem de uma condição de violência de gênero para condição de discípula emissária cristã 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 8.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 63-85.

VIEIRA, M. C. **A pedagogia da luz na “recriação” do cego de nascença Jo 9,1-12**. Rio de Janeiro, 2008. 132fl. Dissertação (Mestrado em Teologia Bíblica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WHITE, P.R.R. Valoração – A linguagem da Avaliação e da Perspectiva. **Linguagem em (Dis)curso**, v.4. esp., p. 177-205, 2004.

ZAGO, L.C; BENITES, S.A.L. O discurso bíblico sob os olhares da análise do discurso e da pragmática. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS NA AMAZÔNIA (IV CIELLA), 2013, Belém. **Anais eletrônicos...** Belém: UFPA, 2013. Disponível em: <<http://www.4ciella.com.br/publicacoes/LIVRO-ESTUDOS-LINGUISTICOS-II.pdf#page=45> >. Acesso em 15 nov. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - EVANGELHOS

EVANGELHO SEGUNDO MATEUS

[EMt1]

18 Ora, a origem de Jesus Cristo foi assim: **Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José e, antes de passarem a conviver, ela encontrou-se grávida pela ação do Espírito Santo.** 19 José, seu esposo, sendo **justo e não querendo denunciá-la publicamente, pensou em despedi-la secretamente.** 20 Mas, no que lhe veio esse pensamento, apareceu-lhe em sonho um anjo do Senhor, que lhe disse: "**José, filho de Davi, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa; o que nela foi gerado vem do Espírito Santo.**" 21 **Ela dará à luz um filho, e tu lhe porás o nome de Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados.** 22 Tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: 23 *"Eis que a virgem ficará grávida e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que significa: Deus-conosco."* 24 **Quando acordou, José fez conforme o anjo do Senhor tinha mandado e acolheu sua esposa. 25 e não teve relações com ela, até o dia em que deu à luz o filho, ao qual ele pôs o nome de Jesus.**

[EMt5]

1 Vendo as multidões, Jesus subiu à montanha e sentou-se. Os discípulos aproximaram-se, 2 e ele começou a ensinar:

3 "Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

4 Felizes os que choram, porque serão consolados.

5 Felizes os mansos, porque receberão a terra em herança.

6 Felizes os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados.

7 Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.

8 Felizes os puros no coração, porque verão a Deus.

9 Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.

10 Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

11 Felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós por causa de mim. 12 Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus. Pois foi deste modo que perseguiram os profetas que vieram antes de vós.

13 "Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal perde seu sabor, com que se salgará? Não servirá para mais nada, senão para ser jogado fora e pisado pelas pessoas.

14 Vós sois a luz do mundo. Uma cidade construída sobre a montanha não fica escondida. 15 Não se acende uma lâmpada para colocá-la debaixo de uma caixa, mas sim no candelabro, onde ela brilha para todos os que estão em casa. 16 Assim também brilhe a vossa luz diante das pessoas, para que vejam as vossas boas obras e louvem o vosso Pai que está nos céus.

17 "Não penseis que vim abolir a Lei e os Profetas. Não vim para abolir, mas para cumprir. 18 Em verdade, eu vos digo: antes que o céu e a terra deixem de existir, nem uma só letra ou vírgula serão tiradas da Lei, sem que tudo aconteça. 19 Portanto, quem desobedecer a um só destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar os outros, será considerado o menor no Reino dos Céus. Porém, quem os praticar e ensinar será considerado grande no Reino dos Céus.

20 Eu vos digo: Se vossa justiça não for maior que a dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus.

21 “Ouvistes o que foi dito aos antigos: *'Não cometerás homicídio!* Quem cometer homicídio deverá responder no tribunal'. 22 Ora, eu vos digo: todo aquele que tratar seu irmão com raiva deverá responder no tribunal; quem disser ao seu irmão 'imbecil' deverá responder perante o sinédrio; quem chamar seu irmão de 'louco' poderá ser condenado ao fogo do inferno.

23 Portanto, quando estiveres levando a tua oferenda ao altar e ali te lembrares que teu irmão tem algo contra ti, 24 deixa a tua oferenda diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão. Só então, vai apresentar a tua oferenda.

25 Procura reconciliar-te com teu adversário, enquanto ele caminha contigo para o tribunal. Senão o adversário te entregará ao juiz, o juiz te entregará ao oficial de justiça, e tu serás jogado na prisão. 26 Em verdade, te digo: dali não sairás, enquanto não pagares o último centavo.

27 “Ouvistes que foi dito: *'Não cometerás adultério'*. 28 Ora, eu vos digo: todo aquele que olhar para uma mulher com desejo de possuí-la já cometeu adultério com ela em seu coração.

29 Se teu olho direito te leva à queda, arranca-o e joga para longe de ti! De fato, é melhor perderes um de teus membros do que todo o corpo ser lançado ao inferno. 30 Se a tua mão direita te leva à queda, corta-a e joga-a para longe de ti! De fato, é melhor perderes um de teus membros do que todo o corpo ir ao inferno.

31 “Foi dito também: *'Quem despedir sua mulher dê-lhe um atestado de divórcio'*.” 32 Ora, eu vos digo: **todo aquele que despedir sua mulher – fora o caso de união ilícita – faz com que ela se torne adúltera; e quem se casa com a mulher que foi despedida comete adultério.**

[EMt8]

1 Quando Jesus desceu da montanha, grandes multidões o seguiram.

2 Nisso, um leproso se aproximou e caiu de joelhos diante dele, dizendo: "Senhor, se queres, tens o poder de purificar-me". 3 Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: "Eu quero, fica purificado". No mesmo instante, o homem ficou purificado da lepra. 4 Então Jesus lhe disse: "Olha, não contes nada a ninguém! Mas vai mostrar-te ao sacerdote e apresenta a oferenda prescrita por Moisés; isso lhes servirá de testemunho". 5 Quando Jesus entrou em Cafarnaum, um centurião aproximou-se dele, suplicando: 6 “Senhor, o meu criado está de cama, lá em casa, paralisado e sofrendo demais”. 7 Ele respondeu : “Vou curá-lo”. 8 O centurião disse: “Senhor, eu não sou digno de que entres em minha casa. Dize uma só palavra e o meu criado ficará curado. 9 Pois eu, mesmo sendo subalterno, tenho soldados sob as minhas ordens; e se ordeno a um: 'Vai!', ele vai, e a outro: 'Vem!', ele vem; e se digo ao meu escravo: 'Faze isto!', ele faz". 10 Ao ouvir isso, Jesus ficou admirado e disse aos que o estavam seguindo: "Em verdade, vos digo: em ninguém em Israel encontrei tanta fé. 11 Ora, eu vos digo: muitos virão do oriente e do ocidente e tomarão lugar à mesa no Reino dos Céus, junto com Abraão, Isaac e Jacó, 12 enquanto os filhos do Reino serão lançados fora, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes". 13 Então, Jesus disse ao centurião: "Vai! Conforme acreditaste te seja feito". E naquela mesma hora, o criado ficou curado.

14 Entrando na casa de Pedro, **Jesus viu a sogra deste acamada, com febre. 15 Tocou-lhe a mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo.**

[EMt9]

18 Enquanto Jesus estava falando, um chefe aproximou-se, prostrou-se diante dele e disse: “**minha filha faleceu agora mesmo; mas vem impor a mão sobre ela, e ela viverá.**” 19 Jesus levantou-se e o acompanhou, junto com os discípulos. 20 **Nisto, uma mulher que havia doze anos sofria de hemorragia veio por trás dele e tocou na franja de seu manto.** 21 **Ela pensava consigo: “Se eu conseguir ao menos tocar no seu manto, ficarei curada”.** 22 Jesus voltou-se e, ao vê-la, disse: “**Coragem, filha! A tua fé te salvou**”. E **a mulher ficou curada a partir daquele instante.** 23 Chegando à casa do chefe, Jesus viu os tocadores de flauta e a multidão agitada, 24 e disse: “**Retirai-vos! A menina não morreu; ela dorme.**” Mas eles **zombavam dele.** 25 Afastada a multidão, **ele entrou, pegou a menina pela mão, e ela se levantou.** 26 E a notícia disso espalhou-se por toda aquela região.

[EMt14]

1 Naquele tempo, a fama de Jesus chegou aos ouvidos do rei Herodes. 2 Ele disse aos seus cortesãos: “É João Batista! Ele ressuscitou dos mortos; por isso, as forças milagrosas atuam nele”. 3 **De fato, Herodes tinha mandado prender João, acorrentá-lo e colocá-lo na prisão, por causa de Herodíades, a mulher do seu irmão Filipe.** 4. Pois João vivia dizendo a Herodes: “**Não te é permitido viver com ela**”. 5 Herodes queria matá-lo, mas ficava com medo do povo, que tinha em conta João de profeta. 6 **Por ocasião do aniversário de Herodes, a filha de Herodíades dançou diante de todos, e agradou tanto a Herodes 7 que ele prometeu, com juramento, dar a ela tudo o que pedisse 8. Instigada pela mãe, ela pediu: “Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista.”** 9 O rei ficou triste, mas, por causa do juramento e dos convidados, ordenou que atendessem o pedido **dela**. 10 E mandou cortar a cabeça de João, na prisão. 11 **A cabeça foi trazida num prato, entregue à moça, e esta levou para a sua mãe.** 12 Os discípulos de João foram buscar o corpo e o enterraram. Depois vieram contar tudo a Jesus.

[EMt15]

1 Alguns fariseus e escribas vindos de Jerusalém dirigiam-se a Jesus perguntando: 2" Por que os teus discípulos desobedecem à tradição dos antigos? Eles não lavam as mãos quando vão comer!" 3 Ele respondeu-lhes: “É vós, por que desobedeceis aos mandamentos de Deus em nome de vossa tradição? 4 Pois, Deus disse: “Honra pai e mãe, e também: 'Quem insulta pai e mãe deve morrer. 5 Vós, porém, ensinai: “Quem disser a seu pai ou a sua mãe: a ajuda quem poderíeis receber de mim é para oferta, 6 esse não precisa honrar pai ou mãe'. Desse modo, anulastes o mandamento de Deus em nome de vossa tradição. 7 Hipócritas! O profeta Isaías profetizou bem a vosso respeito: 8 *Este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim*'. 9 *É inútil o culto que me prestam: as doutrinas que ensinam não passam de preceitos humanos*". [...]

21 Partindo dali, Jesus foi para a região de Tiro e Sidônia. 22 **Nisso, uma mulher Cananéia, vinda daquela região, pôs-se a gritar: “Senhor, filho de Davi, tem compaixão de mim: minha filha é cruelmente atormentada por um demônio!”** 23 Ele não lhe respondeu palavra alguma. Seus discípulos aproximaram-se e lhe pediram: “**Manda embora essa mulher, pois ela vem gritando atrás de nós.**” 24 Ele tomou a palavra: “Eu fui enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel.” 25 **Mas a mulher veio prostrar-se diante de Jesus e começou a implorar: “Senhor, socorre-me!”** 26 Ele lhe disse: “**Não fica bem tirar o pão dos filhos para jogá-lo aos cachorrinhos.**” 27 **Ela insistiu:” É verdade,**

Senhor; mas os cachorrinhos também comem as migalhas que caem da mesa de seus donos!"
28 Diante disso, Jesus respondeu: "**Mulher, grande é tua fé! Como queres, te seja feito!**" E a partir daquela hora, sua filha ficou curada.

[EMt19]

1 Quando terminou essas palavras, Jesus deixou a Galiléia e foi para a região da Judéia, pelo outro lado do Jordão. 2 Grandes multidões o acompanhavam, e ali, ele realizava curas.

3 **Alguns fariseus aproximaram-se de Jesus e, para experimentá-lo, perguntaram: "É permitido ao homem despedir sua mulher por qualquer motivo?"** 4 Ele respondeu: "**Nunca lestes que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher? 5 e disse: 'Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois formarão uma só carne'?** 6 De modo que eles já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não separe" 7 **Perguntaram: "Como então Moisés mandou dar atestado de divórcio e despedir a mulher?"** 8 Jesus respondeu: "**Moisés permitiu despedir a mulher, por causa da dureza do vosso coração. Mas não foi assim desde o princípio. 9. Ora, eu vos digo: quem despede sua mulher- for a o caso de união ilícita – e se casa com outra, comete adultério.**"

[EMt22]

23 Naquele dia, aproximaram-se dele uns saduceus, os quais afirmam que não há ressurreição. **Perguntaram-lhe: 24 "Mestre! Moisés disse: se alguém morrer sem deixar filhos, seu irmão deve se casar com a mulher dele, para dar descendência ao irmão.** 25 Ora, havia entre nós sete irmãos. **O primeiro era casado, morreu e, como não tivesse filhos, deixou a mulher para o irmão.** 26 Do mesmo modo aconteceu com o segundo e o terceiro, até o sétimo. 27 **No fim de todos, morreu a mulher.** 28 **Na ressurreição, a qual dos sete pertencerá a mulher, já que todos a tiveram por esposa?"** 29 Jesus lhe respondeu: "**Estais errados. Não compreendi a Escritura, nem o poder de Deus. 30 Na ressurreição, não haverá homens e mulheres casando-se, mas serão como anjos no céu.** 31 E quanto à ressurreição dos mortos, não lestes o que Deus vos disse: 32 'Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó'? Ele é Deus não de mortos, mas dos vivos."

[EMt24]

6 Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso. 7 **Uma mulher aproximou-se dele, com um frasco de alabastro cheio de perfume caríssimo, e derramou-o na cabeça de Jesus, que estava à mesa.** 8 Vendo isso, os discípulos se irritaram, dizendo: "Para que esse desperdício? 9 Este perfume podia ser vendido por um bom preço, e o dinheiro dado aos pobres." 10 Jesus o percebeu e disse-lhes: "**Por que incomodais esta mulher? Ela praticou uma boa ação para comigo**". 11 Os pobres sempre tendes convosco, mas a mim não terei sempre. 12 **Ela derramou este perfume no meu corpo em vista do meu sepultamento.** 13 **Em verdade vos digo: onde for proclamado este Evangelho, no mundo inteiro, será mencionado também em sua memória, o que ela fez"**

[EMt27]

45 Desde o meio-dia, uma escuridão cobriu toda a terra até às três horas da tarde. 46 Pelas três da tarde, Jesus deu um forte grito: "*Eli, Eli, lamã sabactâni?*", que quer dizer: "*Meu*

Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" 7 Alguns dos que ali estavam, ouvindo-o disseram: "Ele está chamando por Elias!"⁴⁸ E logo um deles correndo, pegou uma esponja, ensopou-a com *vinagre*, colocou-a numa vara e lhe deu de beber. 49 Outros, porém, disseram: "Deixa, vamos ver se Elias vem salvá-lo!" 50 Então Jesus deu outra vez um forte grito e entregou o espírito. 51 Nisso, o véu do Santuário rasgou-se de alto a baixo, em duas partes, a terra tremeu e as pedras se partiram. 52 Os túmulos se abriram e muitos corpos dos santos falecidos ressuscitaram! 53 Saindo dos túmulos, depois da ressurreição de Jesus, entraram na Cidade Santa e apareceram a muitas pessoas. 54 O centurião e os que com ele montavam a guarda junto de Jesus, ao notarem o terremoto e tudo que havia acontecido, ficaram com muito medo e disseram: " Este era verdadeiramente Filho de Deus!"

55 Grande número de mulheres estavam ali, observando de longe. Elas haviam acompanhado Jesus desde a Galiléia, prestando-lhe serviços. 56 Entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu.

[EMt28]

1 **Depois do sábado, ao raiar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.** 2 De repente, houve um grande terremoto: o anjo do Senhor desceu do céu e, aproximando-se, removeu a pedra e sentou-se nela. 3 Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes, brancas como a neve. 4 **Os guardas ficaram com tanto medo do anjo que tremeram e ficaram como mortos.** 5 **Então o anjo falou às mulheres: "Vós não precisais ter medo! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. 6 Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava. 7 Ide depressa contar aos discípulos: 'Ele ressuscitou dos mortos e vai à vossa frente para a Galiléia. Lá o vereis'. É o que tenho a vos dizer"** 8 **E saindo às pressas do túmulo, com sentimentos de temor e de grande alegria, correram para dar a notícia aos discípulos.** 9 Nisso, o próprio Jesus veio-lhes ao encontro e disse: "**Alegrai-vos!**" **Elas aproximaram e abraçaram seus pés, em adoração.** 10 Jesus **lhes** disse: "Não tendes medo; ide anunciar a meus irmãos que vão para a Galiléia. Lá me verão."

EVANGELHO SEGUNDO MARCOS

[EM10]

41 Jesus estava sentado em frente do cofre das ofertas e observava como a multidão punha dinheiro no cofre. Muitos ricos depositavam muito. 42 **Chegou então uma pobre viúva e deu duas moedinhas.** 43 **Jesus chamou os discípulos e disse: "Em verdade vos digo: esta viúva pobre deu mais do que todos os outros que depositaram no cofre. 44 Pois todos eles deram do que tinham de sobra, ao passo que ela, da sua pobreza, ofereceu tudo o que tinha para viver".**

EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

[EL1]

5 No tempo de Herodes, rei da Judéia havia um sacerdote, chamado Zacarias, da classe de Abias. Sua esposa era descendente de Aarão e chamava-se Isabel. 6 Ambos eram justos diante de Deus e cumpriam fielmente todos os mandamentos e preceitos do Senhor. 7 Não tinham filhos, pois Isabel era estéril, e os dois já eram de idade avançada. 8 Ao exercer

funções sacerdotais diante de Deus, quando era a vez de sua classe, 9 conforme o costume dos sacerdotes, Zacarias foi sorteado para entrar no Santuário do Senhor e fazer a oferenda do incenso. 10 Nessa hora do incenso, todo o povo estava em oração, do lado de fora. 11 **Apareceu-lhe, então o anjo do Senhor, de pé, à direita do altar do incenso. 12 Quando Zacarias o viu, ficou perturbado e cheio de medo. 13 O anjo lhe disse: "Não tenhas medo, Zacarias, porque o senhor ouviu o teu pedido. Isabel, tua esposa, vai ter um filho, e tu lhes porás o nome de João.** 14 Ficarás alegre e feliz, e muitos se alegrarão com seu nascimento. 15 Ele será grande diante do Senhor. Não beberá vinho nem bebida fermentada; e desde o ventre da mãe, ficará cheio de Espírito Santo. 16 Ele fará voltar muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. 17 Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, para fazer voltar o coração dos pais aos filhos e os rebeldes, à sabedoria dos justos; e para preparar um povo bem osto para o Senhor. 18 Zacarias disse ao anjo: "Como posso ter certeza disso? Estou velho e minha esposa já tem idade avançada." 19 O anjo respondeu-lhe: "Eu sou Gabriel, e estou sempre na presença de Deus. Eu fui enviado para falar contigo e anunciar-te esta boa-nova. 20 E agora, ficarás mudo, sem poder falar até o dia em que estas coisas acontecerem, já que não acreditaste nas minhas palavras, que se cumprirão no tempo certo". 21 O povo estava esperando Zacarias e se admirava com sua demora no Santuário. 22 Quando saiu, não podia falar, e perceberam que ele tivera uma visão no Santuário. Zacarias se comunicava com eles por meio de gestos e permanecia mudo. Passados os dias do seu ofício, ele voltou para casa. 24 Algum tempo depois, sua esposa, Isabel ficou grávida e permaneceu escondida durante cinco meses; ela dizia: 25 "Assim o Senhor fez comigo nestes dias: ele dignou-se tirar a vergonha que pesava sobre mim."

6Quando Isabel estava no sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, 27 a uma virgem prometida em casamento a um homem de nome José, da casa de Davi. A virgem chamava Maria. 28 O anjo entrou onde ela estava e disse: "Alegra-te cheia de graça! O Senhor está contigo!" 29 Ela perturbou-se com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. 30 O anjo então disse: "Não tenhas medo, Maria! Encontrei graça junto a Deus. 31 Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. 32 Ele será grande; será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai. 33 Ele reinará para sempre sobre os descendência de Jacó, e o seu reino não terá fim." 34 Maria, então, perguntou ao anjo: "Como acontecerá isso, se não conheço homem?" 35 O anjo respondeu: "O Espírito Santo descenderá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer será chamado santo, Filho de Deus. 36 Também, Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice. Este já é o sexto mês daquela que era chamada de estéril, 37 pois para Deus nada é impossível". 38 Maria disse: "Eis a serva do Senhor! Faça-se em mim segundo a tua palavra". E o anjo retirou-se de junto dela.

39 Naqueles dias, Maria partiu apressadamente para a região montanhosa, dirigindo-se a uma cidade de Judá. 40 Ela entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. 41 Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou de alegria em seu ventre, e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. 42 Com voz forte, ela exclamou: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!" 43 Como mereço que a mãe do meu Senhor venha me visitar? 44 Logo que a tua saudação ressoou nos meus ouvidos, o menino pulou de alegria no meu ventre. 45 Feliz aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!". 46 Maria então disse: 47 "A minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador, 48 porque ele olhou para a humildade de sua serva. Todas as gerações, de agora em diante, me chamarão feliz, 49 porque o Poderoso fez

para mim coisas grandiosas. O seu nome é santo, 50 e sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aquele que o temem. 51 Ele mostrou a força de seu braço: dispersou os que tem planos orgulhosos no coração. 52 Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes. 53 Encheu de bens os famintos, e mandou embora os ricos de mãos vazias. 54 Acolheu Israel, seu servo, lembrando-se de sua misericórdia, 53 conforme prometera a nossos pais, em favor de Abraão e de sua descendência, para sempre". 56 **Maria ficou três meses com Isabel. Depois, voltou para sua casa.**

57 **Quando se completou o tempo da gravidez, Isabel deu à luz um filho.** 58 Os vizinhos e os parentes ouviram quanta misericórdia o Senhor lhe tinha demonstrado, e alegravam-se com ela. 59 No oitavo dia, foram circuncidar o menino e queriam dar-lhe o nome de seu pai, Zacarias. 60 **A mãe, porém, disse: "Não. Ele vai se chamar de João".** 61 **Disseram-lhe: "Ninguém entre os teus parentes é chamado com este nome!".** 62 **Por meio de sinais, então, perguntaram ao pai como ele queria que o menino se chamasse.** 63 **Zacarias pediu uma tabuinha e escreveu: "João é o seu nome!" E todos ficaram admirados.** 64 No mesmo instante, sua boca se abriu, a língua se soltou, e ele começou a louvar a Deus. 65 Todos os vizinhos se encheram de temor, e a notícia se espalhou por toda a região montanhosa da Judéia. 66 Todos os que ouviram a notícia ficavam pensando: "Quem vai ser este menino?" De fato, a mão do Senhor estava com ele. 67 Zacarias, seu pai, cheio do Espírito Santo, profetizou dizendo:

68 *"Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e libertou o seu povo. 69 Ele fez surgir para nós um poderoso salvador na casa de Davi, seu servo, 70 assim como tinha prometido desde os tempos antigos, pela boca dos seus santos profetas: 71 de salvar-nos dos nossos inimigos e da mão de quantos nos odeiam. 72 Ele foi misericordioso com nossos pais: recordou-se de sua santa aliança, 73 e do juramento que fez a nosso pai Abraão, de nos conceder 74 que, sem medo e livres dos inimigos, nós o sirvamos, 75 com santidade e justiça, em sua presença, todos os dias de nossa vida. 76 E tu, menino, serás chamado de profeta do Altíssimo, porque irás à frente do Senhor, preparando os seus caminhos, 77 dando a conhecer a seu povo a salvação, com o perdão dos pecados, 78 graças ao coração misericordioso de nosso Deus, que envia o sol nascente do alto para nos visitar, 79 para iluminar os que estão nas trevas, na sombra da morte, e dirigir nossos passos no caminho da paz".*

80 O menino crescia e seu espírito se fortalecia. Ele vivia nos desertos, até o dia de se apresentar publicamente diante de Israel.

[EL7]

36 Um fariseu convidou Jesus para jantar. Ele entrou na casa do fariseu e sentou-se à mesa. 37 **Havia na cidade uma mulher que era pecadora. Quando soube que Jesus estava à mesa na casa do fariseu, trouxe um frasco de alabastro, cheio de perfume, 38 postou-se atrás, aos pés de Jesus e, chorando, lavou-os com suas lágrimas. Em seguida, enxugou-os com os seus cabelos, beijou-os e os ungiu com o perfume.** 39. **Ao ver isso, o fariseu que o tinha convidado comentou: "Se este homem fosse profeta, saberia quem é a mulher que está tocando nele: é uma pecadora!"** 40 Então Jesus falou: "Simão, tenho uma coisa para te dizer". Ele respondeu: "Fala, mestre." 41 "Certo credor", retomou Jesus, "tinha dois devedores. Um lhe devia quinhentas moedas de prata, e o outro cinquenta. 42 Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual deles o amará mais?" 43 Simão respondeu: "Aquele ao qual perdoou mais." Jesus lhe disse: "Julgaste corretamente." 44 **Voltando-se para a mulher, disse a Simão: "Estás vendo esta mulher? Quando entrei na tua casa, não me oferecete água para lavar os pés; ela, porém, lavou meus pés com lágrimas e os enxugou com os cabelos. 45 Não me beijaste; ela, porém, desde que cheguei, não parou**

de beijar meus pés. 46 Não derramaste óleo na minha cabeça; ela, porém, ungiu meus pés com perfume. 47 Por isso te digo: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, pois ela mostrou muito amor. Aquele porém, a quem menos se perdoa, ama menos." 48. Em seguida, disse à mulher: "Teus pecados estão perdoados." 49 Os convidados começaram a comentar entre si: "Quem é este que até perdoa pecados?" 50 Jesus, por sua vez, disse à mulher: "Tua fé te salvou. Vai em paz!"

[EL10]

38 Jesus entrou num povoado, e uma mulher, de nome Marta, o recebeu em sua casa. 39 Ela tinha uma irmã, Maria, a qual se sentou aos pés do Senhor, e escutava a sua palavra. 40 Marta, porém, estava ocupada com muitos afazeres da casa. Ela aproximou-se e disse: "Senhor, não te importas que minha irmã me deixe sozinha com todo o serviço? Manda pois que ela venha me ajudar!" 41 O Senhor, porém, lhe respondeu: "Marta, Marta! Tu te preocupas e anda agitadas com muitas coisas. 42No entanto, uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte e esta não lhe será tirada."

[EL13]

10 Jesus estava ensinando numa sinagoga, num dia de sábado. 11 Havia aí uma mulher que, dezoito anos já, estava com o espírito que a tornava doente. Era curvada e totalmente incapaz de olhar para cima. 12 Vendo-a, Jesus a chamou e lhe disse: "Mulher, estás livre da tua doença". Ele impôs as mãos sobre ela, que imediatamente se endireitou e começou a louvar a Deus. 14 O chefe da sinagoga, porém, furioso porque Jesus tinha feito uma cura em dia de sábado, se pôs a dizer à multidão: "Há seis dias para trabalhar. Vinde, pois, nesses dias para serdes curados, mas não em dia de sábado". 15 O Senhor respondeu-lhe: "Hipócritas! Não solta cada um de vos seu boi ou o jumento do curral, para dar-lhe de beber, mesmo que seja dia de sábado? 16 Esta filha de Abraão, que Satanás amarrou durante dezoito anos, não devia ser libertada dessa prisão, em dia de sábado?" 17 Essa resposta envergonhou todos os inimigos de Jesus. E a multidão inteira se alegrava com as maravilhas que ele fazia.

EVANGELHO SEGUNDO JOÃO

[EJ2]

1. No terceiro dia, houve uma festa de casamento em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava lá. 2 Também Jesus e seus discípulos foram convidados para o casamento. 3 Faltando o vinho, a mãe de Jesus lhe disse: "Eles não têm vinho!" 4 Jesus lhe respondeu: "Mulher, para que me dizes isso? A minha hora ainda não chegou." 5 Sua mãe disse aos que estavam servindo: "Fazei tudo o que ele vos disser!" 6 Estavam ali seis talhas de pedra, de quase cem litros cada, destinadas às purificações rituais dos judeus. 7 Jesus disse aos que estavam servindo: "Enchei as talhas de água!" E eles as encheram até à borda. 8 Então disse: "Agora, tirai e levai ao encarregado da festa". E eles levaram. 9 O encarregado da festa provou da água mudada em vinho, sem saber de onde viesse, embora os serventes que tiraram a água o soubessem. Então chamou o noivo 10 e disse-lhe: "Todo mundo serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já beberam bastante, serve o menos bom. Tu guardaste o vinho bom até agora". 11 Este início dos sinais, Jesus o realizou em Caná da Galiléia. Manifestou sua glória, e os seus discípulos creram nele.

12 Depois disso, Jesus desceu para Cafarnaum, com sua mãe, seus irmãos e seus discípulos. Lá, permaneceram apenas alguns dias.

[EJ4]

1 Jesus soube que os fariseus ouviram dizer que ele reunia mais discípulos e batizava mais do que João 2 – se bem que Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos. 3 Por isso, saiu da Judéia e voltou para Galiléia. 4 Era preciso que ele passasse pela Samaria. 5 Chego, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da propriedade que Jacó tinha dado a seu filho José. 6 Havia ali a fonte de Jacó. Jesus, cansado da viagem, sentou-se junto à fonte. Era por volta do meio-dia. 7 **Veio uma mulher da Samaria buscar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber!”** 8 **Os discípulos tinham ido à cidade comprar algo para comer.** 9 **A samaritana disse a Jesus: “Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou uma mulher samaritana?”** De fato, os judeus **não se relacionam com os samaritanos.** 10. Jesus respondeu: "Se conhecesses o dom de Deus e quem é aquele que te diz: ‘Dá-me de beber, tu lhes pedirias, e ele daria a você água viva.’" 11 **A mulher disse a Jesus: "Senhor, não tens sequer um balde, e o poço é fundo; de onde tens essa água viva? 12 Serás maior que nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual bebeu ele mesmo, como também seus filhos e seus animais?"** 13 Jesus respondeu: "Todo o que beber desta água, terá sede de novo; 14 mas, quem beber da água que eu darei, nunca mais terá sede, porque a água que eu darei se tornará nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna." 15. **A mulher disse então a Jesus: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem tenha de vir aqui tirar água." 16 Ele lhe disse: "**Vai chamar o teu marido e volta aqui**". 17 "**Eu não tenho marido**", respondeu **a mulher**. Ao que Jesus retrucou: "**Disseste bem que não tens marido. 18 De fato, ocê tiveste cinco maridos, e o que tens agora, não é teu marido. Nisto falaste a verdade.**" 19. **A mulher lhe disse: "Senhor, vejo que és profeta! 20 Os nossos pais adoraram sobre esta montanha, mas vós dizeis que em Jerusalém está o lugar em que se deve adorar." 21 Jesus lhe respondeu: "**Mulher, acredita-me: vem a hora em que nem nesta montanha, nem em Jerusalém adorareis o Pai. 22 Vós adorais o que não conheceis. Nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. 23. Mas vem a hora, e é agora, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Estes são os adoradores que o Pai procura. 24. Deus é espírito, e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade." 25 A mulher disse-lhe: "**Eu sei que virá o Messias (isto é, o Cristo); quando ele vier, nos fará conhecer todas as coisas.**" 26 Jesus lhe disse: "Sou eu, que estou falando contigo".******

27 **Nisto chegaram os discípulos e ficaram admirados ao ver Jesus conversando com uma mulher.** Mas ninguém perguntou: "Que procuras?", nem: "**Por que conversas com ela?**" 28 **A mulher deixou a sua bilha e foi à cidade, dizendo às pessoas: 29 “Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será ele o Cristo?” 30 Saíram da cidade ao encontro de Jesus.**

[EJ8]

1 Jesus foi para o monte das Oliveiras. 2 De madrugada, voltou ao templo, e todo o povo se reuniu ao redor dele. Sentando-se, começou a ensiná-los. 3 **Os escribas e os fariseus trouxeram uma mulher apanhada em adultério. Colocando-a no meio disseram a Jesus: 4 "**Mestre, esta mulher foi flagrada cometendo adultério. 5 Moisés, na Lei, nos mandou apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes?**" 6 Eles perguntavam isso para experimentá-lo**

e ter motivo para acusá-lo. Mas Jesus, inclinando-se, começou a escrever no chão, com o dedo. 7 Como insistissem em perguntar, Jesus ergueu-se e disse: "Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra!" 8 Inclinando-se de novo, continuou a escrever no chão. 9 **Ouvindo isso, foram saindo um por um, a começar pelos mais velhos. Jesus ficou sozinho com a mulher que estava no meio, em pé.** 10 Ele levantou-se e disse: "**Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?**" 11 **Ela** respondeu: "**Ninguém, Senhor!**" Jesus, então, **lhe** disse: "**Eu também não te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais.**"

[EJ11]

1 Ora, havia um doente, Lázaro, de Betânia, do povoado de Marta e de Maria, sua irmã. (2 Maria é aquela que ungiu o Senhor com perfume e enxugou seus pés com os cabelos. Lázaro, seu irmão, é quem estava doente.) 3 As irmãs mandaram avisar Jesus: "Senhor, aquele que amas está doente". 4 Ouvindo isso, disse Jesus: " Esta doença não leva à morte, mas é para a glória de Deus, para que o Filho de Deus seja glorificado por ela". 5 Jesus tinha muito amor a Marta, a sua irmã Maria e a Lázaro.

6 Depois que ele soube que este estava doente, permaneceu ainda dois dias no lugar onde estava. 7 Depois, falou aos discípulos: "Vamos, de novo, à Judéia". 8 Os discípulos disseram-lhe: " Rabi, ainda há pouco os judeus queriam apedrejar-te, e agora vais outra vez para lá?" 9 Jesus respondeu: "O dia não tem doze horas?" Se alguém caminha de dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo. 10 Mas, se caminha de noite, tropeça, porque lhe falta a luz". 11 E acrescentou ainda: " Nosso amigo Lázaro está dormindo. Mas, eu vou acordá-lo". 12 Os discípulos disseram: " Senhor, se está dormindo, vai ficar curado". 13 Jesus falava da morte de Lázaro, mas os discípulos pensaram que ele estivesse falando do sono mesmo. 14 Jesus então falou abertamente: "Lázaro morreu! 15 E, por causa de vós, eu me alegro por não ter estado lá, pois assim podereis crer. Mas vamos a ele". Tomé (cujo nome significa Gêmeo) disse aos companheiros: " Vamos nós também, para morrermos com ele!"

17 Quando Jesus chegou, encontrou Lázaro já sepultado, havia quatro dias. 18 Betânia ficava a uns três quilômetros de Jerusalém. 19 **Muitos judeus tinham ido consolar Marta e Maria pela morte do irmão.** 20 Logo que Marta soube que Jesus tinha chegado, foi ao encontro dele. Maria ficou sentada, em casa. 21 Marta, então, disse a Jesus: "**Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido. 22 Mesmo assim, eu sei que o que pedires a Deus, ele te concederá**". 23 Jesus respondeu: "Teu irmão ressuscitará". 24 Marta disse: "**Eu sei que ele vai ressuscitar, na ressurreição do último dia.**" 25 Jesus disse então: " EU sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá. 26 E todo aquele que vive e crê em mim, não morrerá jamais. Crês nisto?" 27 Ela respondeu: "**Sim, Senhor, eu creio firmemente que tu és o Cristo, o Filho de Deus, aquele que deve vir ao mundo.**"

28 Tenho dito isso, ela foi chamar Maria, sua irmã, dizendo baixinho: "O Mestre está aí e te chama". 29 Quando Maria ouviu isso, levantou-se depressa e foi ao encontro de Jesus. 30 Jesus ainda estava fora do povoado, no mesmo lugar onde Marta o tinha encontrado. 31 Os judeus que estavam com Maria na casa consolando-a, viram que ela se levantou depressa e saiu; e foram atrás dela, pensando que fosse ao túmulo para chorar.

32 Maria foi para o lugar onde estava Jesus. Quando o viu, caiu de joelhos diante dele e disse-lhe: "**Senhor, se tivesses estado aqui, meu irmão não teria morrido**". 33 Quando Jesus a viu chorar, e os que estavam com ela, comoveu-se interiormente e perturbou-se. 34 Ele perguntou: "Onde o pusestes?" Responderam: "Vem ver, Senhor!" 35 Jesus teve lágrimas. 36 Os judeus então disseram: "Vede como ele o amava!" 37 Alguns

deles, porém, diziam: “Este, que abriu os olhos ao cego, não podia também ter feito com que Lázaro não morresse?”

[EJ19]

25 **Junto à cruz de Jesus, estavam de pé sua mãe e a irmã de sua mãe, Maria de Cléofas, e Maria Madalena.** 26 **Jesus, ao ver sua mãe e, ao lado dela o discípulo que ele amava, disse à mãe: “**Mulher, eis o teu filho!**”** 27 **Depois disse ao discípulo: “**Eis a tua mãe!”**”** A partir daquela hora, o discípulo a acolheu no que era seu.

APÊNDICE B – ANÁLISE CONTEXTUAL

EMt1	
Campo	Narra a história da mulher Maria; Essa mulher recebe a notícia que será mãe.
Relações	Participantes da interação Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto Quem são: Maria, José e o anjo. Distância Social: Entre José e a Maria há um grau médio de distanciamento, pois Maria estava prometida em casamento a José, mas não conviviam. Entre o anjo e Maria há uma hierarquia, pois o anjo comunica a ela que será mãe. A mulher tem a função de gerar a vida; José tem a função de ampará-la; e o anjo de anunciar o nascimento de Cristo.
Modo	Predomínio de orações declarativas. Citação em itálico para indicar a voz de Deus (poder), Predomínio do discurso direto. Linguagem marcada pelo uso do “tu”. Não há marcas de modalidade. Capítulo constituído de 24 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.

EMt5	
Campo	Sermão sobre maneiras e condutas de viver em sociedade (ensinamentos de Jesus Cristo).
Relações	Participantes da interação Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto Quem são: Jesus e os ouvintes (as multidões). Distância Social: Entre Jesus e os ouvintes há uma hierarquia, pois Jesus ensina aos ouvintes como conviver socialmente. Jesus tem a função de ensinar/catequizar os ouvintes e a mulher evidencia o papel textual de beneficiada, ou seja, aparece como exemplo para as curas realizadas por Jesus Cristo.
Modo	Predomínio de orações declarativas. Predomínio do discurso direto, na voz de Jesus Cristo. Presença de itálico para indicar a voz dos antigos. Uso de vocabulário com indicações de discurso pedagógico: “procura reconciliar-te com teu adversário”; “felizes os que choram, porque serão consolados”. Linguagem marcada pela oscilação dos usos do “tu” e “vós”. Capítulo constituído de 48 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.

EMt8	
Campo	Narra a história da sogra do Pedro.
Relações	Participantes da interação Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto Quem são: A sogra de Pedro e Jesus Cristo. Distância Social: Entre Jesus e a sogra de Pedro há uma distância mínima, pois Jesus tem contato com a sogra de Pedro (toca nela). Jesus desempenha o papel de curador e a mulher de doente, que passa por uma transformação de cura.
Modo	Predomínio do modo declarativo. Texto dialogado com presença do discurso direto e indireto. Linguagem marcada (na voz de Jesus) pelo uso do “tu”. Capítulo constituído de 34 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.

EMt 9					
Campo	Há dois acontecimentos que permeiam a história. O primeiro momento apresenta a história da filha do Jairo que está morrendo. O segundo momento apresenta a história de uma mulher que sofria de hemorragias.				
Relações	<table border="1"> <tr> <td>Participantes da interação</td> <td> <p>Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.</p> </td> </tr> <tr> <td>Participantes do texto</td> <td> <p>Quem são: A filha do Jairo, Jairo, a mulher que sofria de hemorragias e Jesus Cristo.</p> <p>Distância Social: Entre Jesus Cristo, a Filha de Jairo e a Mulher que sofria de hemorragias há um grau mínimo de distanciamento. Entre Jairo e sua filha há um grau de familiaridade. Jesus Cristo exerce a função de Salvador. As duas mulheres exercem o papel textual de beneficiadas, ou seja, aparece como exemplo para as curas realizadas por Jesus Cristo.</p> </td> </tr> </table>	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.</p>	Participantes do texto	<p>Quem são: A filha do Jairo, Jairo, a mulher que sofria de hemorragias e Jesus Cristo.</p> <p>Distância Social: Entre Jesus Cristo, a Filha de Jairo e a Mulher que sofria de hemorragias há um grau mínimo de distanciamento. Entre Jairo e sua filha há um grau de familiaridade. Jesus Cristo exerce a função de Salvador. As duas mulheres exercem o papel textual de beneficiadas, ou seja, aparece como exemplo para as curas realizadas por Jesus Cristo.</p>
	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.</p>			
Participantes do texto	<p>Quem são: A filha do Jairo, Jairo, a mulher que sofria de hemorragias e Jesus Cristo.</p> <p>Distância Social: Entre Jesus Cristo, a Filha de Jairo e a Mulher que sofria de hemorragias há um grau mínimo de distanciamento. Entre Jairo e sua filha há um grau de familiaridade. Jesus Cristo exerce a função de Salvador. As duas mulheres exercem o papel textual de beneficiadas, ou seja, aparece como exemplo para as curas realizadas por Jesus Cristo.</p>				
Modo	Predomínio do modo declarativo. Texto dialogado com presença do discurso direto e indireto. Linguagem marcada (na voz de Jesus) pelo uso do “tu”. Capítulo constituído de 38 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.				

EMt 14					
Campo	Narra a história de Herodíades e de sua filha que solicitam a cabeça de João Batista.				
Relações	<table border="1"> <tr> <td>Participantes da interação</td> <td> <p>Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.</p> </td> </tr> <tr> <td>Participantes do texto</td> <td> <p>Quem são: João Batista, Herodes, Herodíades, a filha de Herodíades.</p> <p>Distância Social: Entre Herodíades, Herodes e a filha de Herodíades há um grau de familiaridade. Entre Herodes e João Batista, há hierarquia, pois Herodes é o rei. Entre a filha de Herodíades e João Batista, há hierarquia, pois ela que pede a cabeça de João Batista em um prato. A mulher desempenha o papel textual de planejadora suas ações para conseguir benefícios</p> </td> </tr> </table>	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.</p>	Participantes do texto	<p>Quem são: João Batista, Herodes, Herodíades, a filha de Herodíades.</p> <p>Distância Social: Entre Herodíades, Herodes e a filha de Herodíades há um grau de familiaridade. Entre Herodes e João Batista, há hierarquia, pois Herodes é o rei. Entre a filha de Herodíades e João Batista, há hierarquia, pois ela que pede a cabeça de João Batista em um prato. A mulher desempenha o papel textual de planejadora suas ações para conseguir benefícios</p>
	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.</p>			
Participantes do texto	<p>Quem são: João Batista, Herodes, Herodíades, a filha de Herodíades.</p> <p>Distância Social: Entre Herodíades, Herodes e a filha de Herodíades há um grau de familiaridade. Entre Herodes e João Batista, há hierarquia, pois Herodes é o rei. Entre a filha de Herodíades e João Batista, há hierarquia, pois ela que pede a cabeça de João Batista em um prato. A mulher desempenha o papel textual de planejadora suas ações para conseguir benefícios</p>				
Modo	Predomínio da função declarativa. O capítulo é constituído de 36 versículos. Texto dialogado: presença do discurso direto e indireto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.				

EMt 15		
Campo	Narra a história do encontro da mulher Cananéia e Jesus Cristo.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto	Quem são: A mulher Cananéia e Jesus Cristo. Distância Social: Entre a mulher Cananéia e Jesus Cristo, há um grau mínimo de distanciamento, pois eles conversam e ainda Jesus cura sua filha. A mulher evidencia o papel textual de corajosa.
Modo	Predomínio de diálogos (discurso direto e indireto). Capítulo constituído de 39 versículos. Predomínio do uso do “tu” na voz de Jesus Cristo. Presença de orações exclamativas na voz da mulher. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EMt 19		
Campo	Narra a história do encontro entre os fariseus e Jesus Cristo.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto	Quem são: Os fariseus e Jesus Cristo. Distância Social: Entre Jesus Cristo e os fariseus, há um distanciamento, pois os fariseus questionam Jesus sobre as condutas sociais desempenhadas pelos homens e mulheres na sociedade, ou seja, predomínio de perguntas destinadas a Jesus Cristo. Jesus desempenha papel de articulador e os fariseus de questionadores. A mulher evidencia o papel textual de aconselhada por Jesus Cristo.
Modo	Texto dialogado – discurso direto e indireto. Presença de itálico para indicar a voz de Deus (poder). Capítulo constituído de 30 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EMt 22		
Campo	Narra a história do encontro entre os saduceus e Jesus Cristo.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.
		Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto	Quem são: Os saduceus e Jesus Cristo.
		Distância Social: Entre Jesus Cristo e os fariseus, há um distanciamento, pois os saduceus questionam Jesus sobre a mulheres que ficam viúvas. Jesus desempenha papel de articulador e os fariseus de questionadores. A mulher desempenha o papel textual de acusada pela realização de atos “incorretos” na sociedade da época
Modo	Ocorrências de perguntas para testar Jesus Cristo. As respostas em modo declarativo. Capítulo constituído de 46 versículos. Indicações de polaridade negativa. Predomínio do uso do “tu”. Texto dialogado, discurso direto e indireto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EMt 24		
Campo	Narra a história da mulher que derramou perfume em Jesus Cristo.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.
		Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto	Quem são: Uma mulher, discípulos e Jesus Cristo.
		Distância Social: Entre Jesus Cristo e os discípulos, há um grau de familiaridade, pois eles questionam a atitude da mulher com Jesus. Entre Jesus e a mulher, há um grau mínimo, pois ela toca em Jesus e também é defendida por ele. Jesus desempenha papel de articulador, discípulos de questionadores e a mulher desempenha o papel textual de acusada.
Modo	Capítulo constituído de 66 versículos. Predomínio do modo declarativo na voz do narrador. Discurso indireto. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EMt 27	
Campo	Narra a história da morte de Cristo e mostra a presença das mulheres neste episódio.
Relações	Participantes da interação Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto Quem são: Jesus Cristo e as mulheres. Distância Social: Entre Jesus Cristo e as mulheres, há um distanciamento, pois observam a crucificação. O papel desempenhado por Jesus Cristo é de passivo, pois está crucificado e não pode mudar a situação e as mulheres desempenham de acompanhantes/observadoras, ou seja, vivenciam os momentos finais de Jesus Cristo.
Modo	Predomínio do modo declarativo. Capítulo constituído de 66 versículos. Predomínio do discurso direto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.

EMt 28	
Campo	Narra a história da ressurreição de Jesus Cristo.
Relações	Participantes da interação Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia. Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é mediana, pois os apóstolos mantinham contato face-a-face com o povo.
	Participantes do texto Quem são: Jesus Cristo, o anjo do Senhor e as mulheres (Maria Madalena e a outra Maria). Distância Social: Entre Jesus Cristo e as mulheres, há um distanciamento mínimo, pois vão ao sepulcro vê-lo. Entre o anjo e as mulheres, há um distanciamento mínimo, pois anuncia a ressurreição e solicita que elas contem aos discípulos. As mulheres desempenham de acompanhantes/observadoras, ou seja, vivenciam os momentos finais de Jesus Cristo.
Modo	Texto dialogado (discurso direto e indireto). Predomínio do modo declarativo. Capítulo constituído de 20 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.

EM 10		
Campo	Narra a história da viúva pobre.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Marcos e o público-leitor da Bíblia.
		Distância social: A distância social entre os autores e os leitores de modo geral, é média, devido ao fato de Marcos ser acompanhante Pedro na pregação, portanto não tinha relação direta com o público.
	Participantes do texto	Quem são: A viúva pobre, Jesus Cristo e os discípulos.
		Distância Social: Entre Jesus Cristo e os discípulos, há um grau de familiaridade, em que Jesus está ensinando os discípulos. Entre Jesus e a viúva há um distanciamento, pois Jesus só observa a atitude dela e não há contato entre eles. Jesus desempenha papel de educador e a mulher desempenha o papel de realizadora de boas ações na comunidade.
Modo	Predomínio do modo declarativo. Capítulo constituído de 52 versículos. Texto dialogado. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EL 1		
Campo	Narra a história da gravidez de Isabel.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Lucas e o público-leitor da Bíblia.
		Distância social: Entre Lucas e os leitores, ela é máxima, pois não há evidências que tinha contato face a face com as comunidades.
	Participantes do texto	Quem são: Zacarias, Isabel e o anjo.
		Distância Social: Entre Zacarias e Isabel, há um grau de familiaridade – são casados. Entre o anjo e o casal, há um grau mínimo, pois ele avisa que Isabel será mãe. O anjo desempenha o papel de anunciador; Isabel e Zacarias desempenham os papéis de receptores.
Modo	Capítulo constituído de 80 versículos. Predomínio do modo declarativo. Predomínio do discurso indireto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EL 1		
Campo	Narra a história da gravidez de Maria.	
Relações	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista Lucas e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: Entre Lucas e os leitores, ela é máxima, pois não há evidências que tinha contato face a face com as comunidades.</p>
	Participantes do texto	<p>Quem são: Maria, José e o anjo.</p> <p>Distância Social: Entre José e a Maria há um grau médio de distanciamento, pois Maria estava prometida em casamento a José, mas não conviviam. Entre o anjo e Maria há uma hierarquia, pois o anjo comunica a ela que será mãe. A mulher tem a função de gerar a vida; José tem a função de ampará-la; e o anjo de anunciar o nascimento de Cristo.</p>
Modo	Capítulo constituído de 80 versículos. Predomínio do modo declarativo. Predomínio do discurso indireto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EL 1		
Campo	Narra a história da visita de Isabel a Maria.	
Relações	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista Lucas e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: Entre Lucas e os leitores, ela é máxima, pois não há evidências que tinha contato face a face com as comunidades.</p>
	Participantes do texto	<p>Quem são: Maria, Isabel e o anjo.</p> <p>Distância Social: Entre Maria e Isabel, há um grau mínimo, pois Maria fica, três meses, na casa de Isabel. As mulheres desempenham o papel textual de agradecidas pela gravidez.</p>
Modo	Capítulo constituído de 80 versículos. Predomínio do modo declarativo. Predomínio do discurso indireto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EL 7		
Campo	Narra a história de uma mulher pecadora.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Mateus e o público-leitor da Bíblia.
		Distância social: Entre Lucas e os leitores, ela é máxima, pois não há evidências que tinha contato face a face com as comunidades.
	Participantes do texto	Quem são: A mulher pecadora; Jesus Cristo e o Simão – um fariseu.
		Distância Social: Entre o fariseu e a Mulher pecadora há uma relação hierarquicamente assimétrica.. Entre Jesus Cristo e a mulher pecadora há um grau médio de distanciamento. Fariseus têm a função de acusar, Jesus Cristo exerce o papel de articulador, e mulher exerce a função de acusada.
Modo	Capítulo constituído de 50 versículos. Predomínio do discurso direto. Marca do uso do “tu” na voz de Jesus Cristo, por exemplo, “estás vendo esta mulher”. Jesus utiliza perguntas para ensinar. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EL 13		
Campo	Narra a história da mulher encurvada.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista Lucas e o público-leitor da Bíblia.
		Distância social: Entre Lucas e os leitores, ela é máxima, pois não há evidências que tinha contato face a face com as comunidades.
	Participantes do texto	Quem são: Jesus Cristo, a mulher encurvada e chefe da sinagoga.
		Distância Social: Entre Jesus Cristo e a mulher encurvada, há um grau mínimo de distanciamento. Entre o chefe da sinagoga e a mulher, há um distanciamento máximo. A mulher encurvada desempenha o papel textual de devota e Jesus Cristo desempenha o papel de Salvador.
Modo	Capítulo constituído de 35 versículos. Texto dialogado (discurso direto e indireto). Predomínio do uso do “tu” na voz de Jesus Cristo. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EJ 2		
Campo	Narra a história do primeiro milagre de Jesus Cristo.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista João e o público-leitor da Bíblia. Distância social: Entre João e os leitores, ela é mínima, uma vez que João acompanhou Jesus Cristo, portanto, tinha contato face a face com as pessoas daquelas comunidades.
	Participantes do texto	Quem são: Jesus Cristo, Maria e os convidados da festa do casamento em Caná. Distância Social: Entre Jesus Cristo e Maria, há um grau de familiaridade. O papel da mulher é de mãe e de corajosa ao incentivar as ações de seu filho.
Modo	O capítulo é constituído de 51 versículos. Texto dialogado. Predomínio de orações declarativas. Jesus Cristo destina vocativos para a mulher. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EJ 4		
Campo	Narra a história do encontro entre Jesus e a mulher samaritana.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista João e o público-leitor da Bíblia. Distância social: Entre João e os leitores, ela é mínima, uma vez que João acompanhou Jesus Cristo, portanto, tinha contato face a face com as pessoas daquelas comunidades.
	Participantes do texto	Quem são: Jesus Cristo e a mulher Samaritana. Distância Social: Entre Jesus Cristo e a mulher Samaritana, há um grau mínimo de distanciamento, pois conversam. A mulher desempenha o papel textual de corajosa e Jesus Cristo de articulador.
Modo	Texto dialogado (discurso direto e indireto). Predomínio do modo declarativo, uso do “tu”. Capítulo constituído de 54 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EJ 8		
Campo	Narra a história de uma mulher adúltera.	
Relações	Participantes da interação	Quem são: O Evangelista João e o público-leitor da Bíblia. Distância social: Entre João e os leitores, ela é mínima, uma vez que João acompanhou Jesus Cristo, portanto, tinha contato face a face com as pessoas daquelas comunidades.
	Participantes do texto	Quem são: A mulher adúltera, Jesus Cristo, escribas e fariseus. Distância Social: Entre Jesus Cristo e a Mulher há um grau médio de distanciamento. Entre os escribas e fariseus e a mulher hierarquicamente assimétrica. Jesus Cristo exerce desempenha o papel de articulador, Escribas e fariseus têm a função de acusar e a Mulher a função de acusada.
Modo	Texto dialogado (discurso direto e indireto). Predomínio do modo declarativo.	

	Capítulo constituído de 41 versículos. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.
--	---

EJ 11		
Campo	Narra a história do encontro de Jesus com Maria e Marta.	
Relações	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista João e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: Entre João e os leitores, ela é mínima, uma vez que João acompanhou Jesus Cristo, portanto, tinha contato face a face com as pessoas daquelas comunidades.</p>
	Participantes do texto	<p>Quem são: A mulher adúltera, Jesus Cristo, escribas e fariseus.</p> <p>Distância Social: Entre Jesus Cristo, Maria e Marta, há um grau mínimo de distanciamento. Jesus Cristo exerce o papel de articulador. Maria e Marta desempenham a função de devota.</p>
Modo	Capítulo constituído de 57 versículos. Predomínio de orações no modo declarativo. Vocativo de respeito destinado a Jesus Cristo. Predomínio do uso do “tu”. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	

EJ 19		
Campo	Narra a história a última conversa entre Maria e Jesus Cristo.	
Relações	Participantes da interação	<p>Quem são: O Evangelista João e o público-leitor da Bíblia.</p> <p>Distância social: Entre João e os leitores, ela é mínima, uma vez que João acompanhou Jesus Cristo, portanto, tinha contato face a face com as pessoas daquelas comunidades.</p>
	Participantes do texto	<p>Quem são: Jesus Cristo e Maria.</p> <p>Distância Social: Entre Jesus Cristo e Maria, há grau de familiaridade. A mulher desempenha o papel textual de amorosa.</p>
Modo	Capítulo constituído de 42 versículos. Predomínio das orações no modo declarativo. Presença do discurso direto. O texto foi publicado na Bíblia CNBB, 2010. O texto pode ser lido <i>online</i> . O papel da linguagem é constitutivo, o meio escrito que objetiva na realização do texto.	